

FINDES

PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

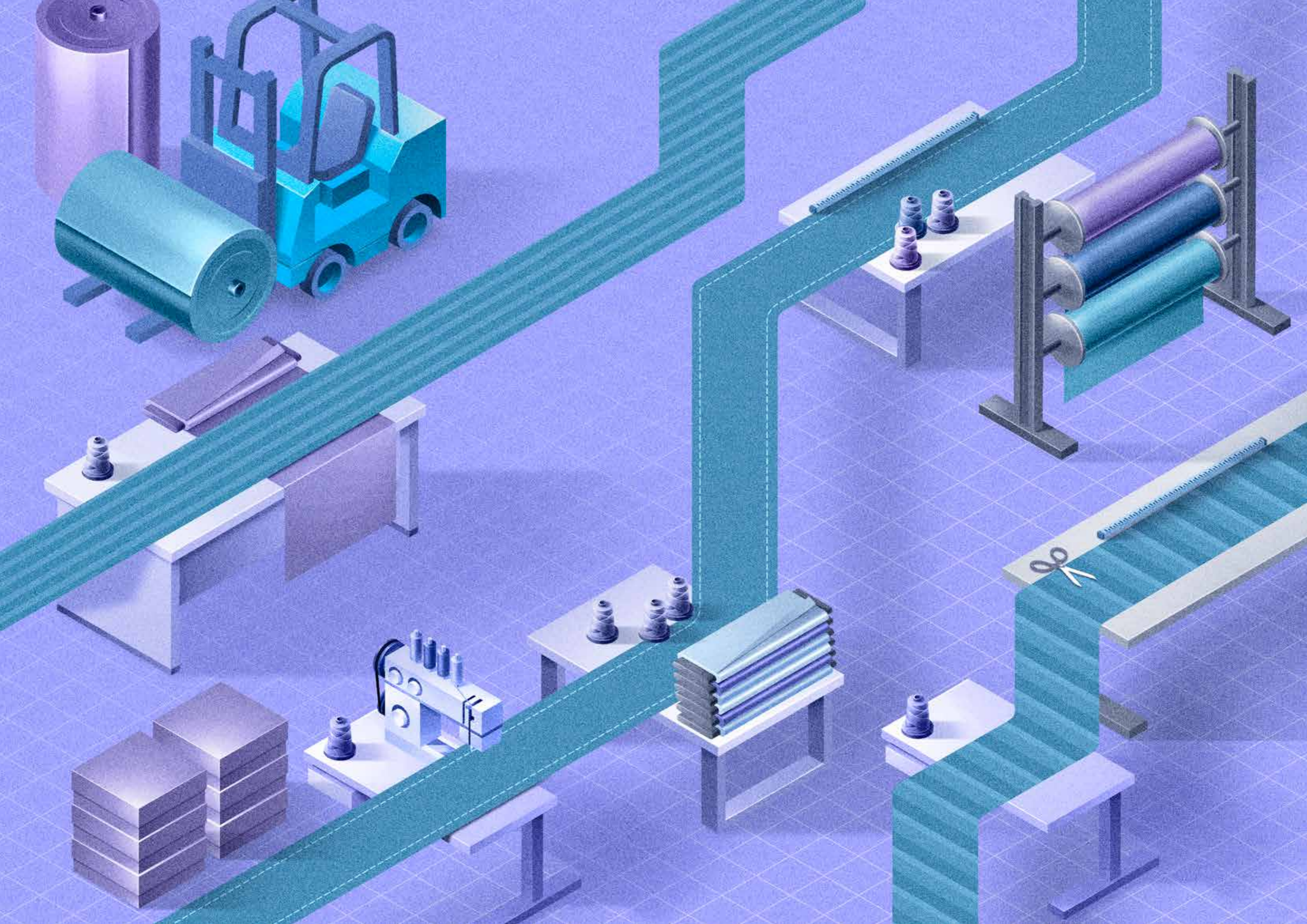
SESI

PELO FUTURO DO TRABALHO

IDEIES



O SETOR DE
**CONFECÇÃO,
TÊXTIL E CALÇADO**
NO ESPÍRITO SANTO
1ª EDIÇÃO



APRESENTAÇÃO

A diversificação da economia pela qual passou o Espírito Santo após o Plano de Erradicação dos cafezais da década de 1960, promoveu a consolidação e a autonomia de segmentos até então dependentes da atividade cafeeira, como é o caso do setor de Confecção, Têxtil e Calçado. Para além dos ensacamentos de grãos e das vestes para os colhedores de café, esse setor passou a ser ativo também no processo de ocupações dos centros urbanos ao longo do território estadual, oriundo da migração de parte da população do campo para as cidades. Passou a atender a demanda local, e também fomentou as transações comerciais com os outros estados. Se fez, e se faz até os dias de hoje, presente tanto nas casas das costureiras, quanto em grandes instalações fabris. Foi e é responsável pela geração de renda de muitas famílias, seja na comum gestão familiar das empresas, seja na principal fonte de recurso de seus trabalhadores, principalmente, daquelas mulheres cujos salários são as únicas fontes de renda da casa. Inclusive, a elevada participação de mão de obra feminina bem como a alta empregabilidade geral na indústria compõem o caráter social do setor.

Por ter sido presente nas transformações econômica, social e territorial do Espírito Santo, é um setor estruturante da economia capixaba. Um outro ponto importante consiste na perspectiva de longo prazo para este setor que foi identificado como um dos Setores Portadores de Futuro¹, capaz de promover a competitividade da indústria do estado e posiciona-la estrategicamente no cenário nacional e internacional.

Conhecer o caminho percorrido pelo setor de Confecção, Têxtil e Calçado nesses últimos 60 anos é fundamental para traçar o futuro almejado pelo estado de ser referência no mercado nacional de moda. Esse posicionamento consiste na visão de futuro elaborada na Rota Estratégica para o Futuro da Indústria do Espírito Santo: Confecção, Têxtil e Calçado 2035², projeto da Fines

(Federação das Indústria do Espírito Santo) coordenado pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo (Ideies).

Para embasar analiticamente o documento acima, o Ideies elaborou um panorama setorial, com uma breve pesquisa dos dados sobre o mundo, passando pelas contextualizações no Brasil e no estado e finalizando com os apontamentos dos desafios e das oportunidades para esse setor. De antemão cabe ressaltar alguns importantes aspectos atuais do setor capixaba: (i) a pulverização da atividade industrial pelo território capixaba, a destacar os municípios de Colatina e São Gabriel da Palha no norte do estado, a própria região metropolitana de Vitória e no sul em Cachoeiro de Itapemirim; (ii) a incorporação das transformações tecnológicas que foram catalisadas durante a pandemia da Covid-19, assim como de todos os impactos causados pelo distanciamento social e as demais medidas protetivas; (iii) os diferentes tipos de produtos desenvolvidos internamente, os quais atendem a públicos diversos, dentro e fora do estado e (iv) a preocupação com as práticas sustentáveis – as ambientais e as sociais.

Finalmente, trata-se de um setor em constante transformação, não só com o desenvolvimento de novos produtos, mas também com aparições de novos atores, tecnologias e mercados que promovem a renovação constante na atmosfera do setor como também na proposição de desafios.

Boa leitura.

Marcelo Barbosa Saintive
Diretor Executivo do Ideies

¹ Conheça mais sobre os Setores Portadores De futuro para o Estado Espírito Santo 2035 em: https://portaldaindustria-es.com.br/system/repositories/files/000/000/222/original/setores_port.pdf?1558105407

² Confira o documento completo em: https://portaldaindustria-es.com.br/system/repositories/files/000/000/883/original/rota_ct_c.pdf?1606963626

Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo – Fines

Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo – Fines

Cris Samorini – Presidente

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai/ES

Mateus Simões de Freitas – Diretor Regional

Serviço Social da Indústria – Sesi/ES

Mateus Simões de Freitas – Superintendente Regional

Diretoria de Pesquisa e Avaliação – Sesi/ES e Senai/ES

Marcelo Barbosa Saintive – Diretor

Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo – Ideies

Marcelo Barbosa Saintive – Diretor-Executivo

Câmara Setorial da Indústria do Vestuário

José Carlos Bergamin

Ricardo Silva Tavares de Brito

Bruno Moreira Balarini

Ricardo Zupelli de Paulo

Marcelle Werneck de Souza

Equipe técnica

Silvia Buzzone de Souza Varejão – Gerente de Estudos Econômicos

Jordana Teatini Duarte – Analista de Estudos e Pesquisa

Taíssa Farias Soffiatti – Analista de Estudos e Pesquisa

Projeto gráfico, diagramação, revisão e ilustração

Curumim Vida para Marcas

S495

O setor de confecção têxtil e calçado no Espírito Santo. - Vitória :
Ed. Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial
do Espírito Santo, 2020.
79 p. : il.

Inclui referências e índice.

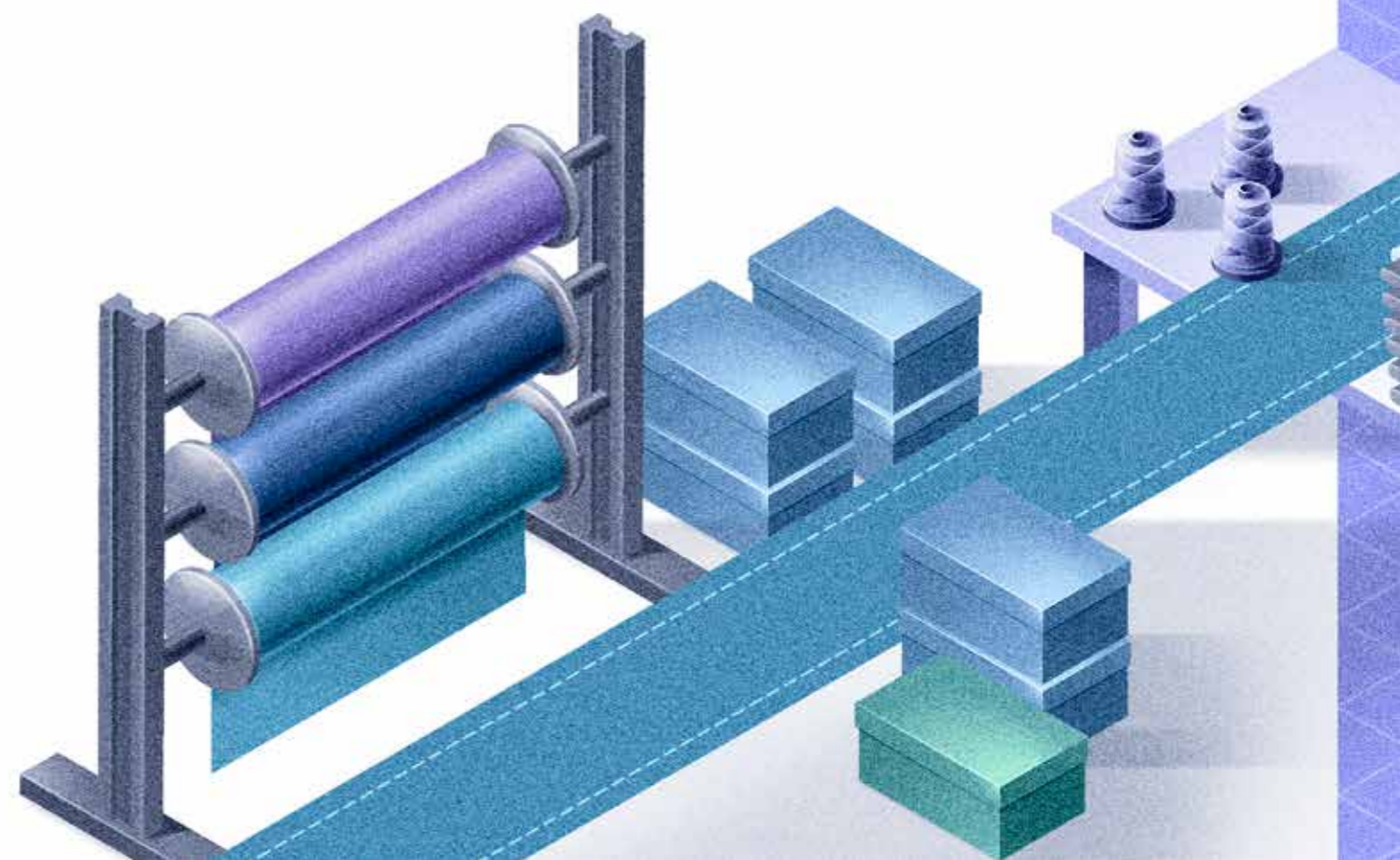
ISBN 978-65-993072-0-1

1. Indústria têxtil. 2. Calçados. 3. Espírito Santo (estado).

CDU 677:685.3(815.2)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11	5. DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O SETOR NO ESPÍRITO SANTO	63
2. O SETOR DE CONFECÇÃO, TÊXTIL E CALÇADO NO MUNDO	17	6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
2.1. PRODUÇÃO	18	ANEXOS	68
2.2. COMÉRCIO EXTERIOR	20	QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTOS E EMPREGOS POR SEGMENTO E POR MUNICÍPIO DO ESPÍRITO SANTO EM 2019	68
3. O SETOR DE CONFECÇÃO, TÊXTIL E CALÇADO NO BRASIL	25	ABRANGÊNCIA DO SETOR (CNAE)	74
3.1. PRODUÇÃO	27	PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS NAS VARIÁVEIS DO SETOR A NÍVEL NACIONAL	75
3.2. EMPREGOS E ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS	29	PARTICIPAÇÃO DO SETOR NAS VARIÁVEIS DA INDÚSTRIA DO ESTADO	76
3.3. COMÉRCIO EXTERIOR	32	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	77
4. O SETOR DE CONFECÇÃO, TÊXTIL E CALÇADO NO ESPÍRITO SANTO	37		
4.1. PRODUÇÃO INDUSTRIAL	39		
4.1.1. VALOR AGREGADO NA PRODUÇÃO	41		
4.1.2. PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA	43		
4.2. EMPRESAS E EMPREGOS NA INDÚSTRIA	44		
4.2.1. PORTE DAS EMPRESAS	47		
4.2.2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA	47		
4.3. PERFIL DAS OCUPAÇÕES NA INDÚSTRIA	48		
4.4. ENSINO E PD&I	51		
4.5. SETOR COMERCIAL	53		
4.6. COMÉRCIO EXTERIOR	56		



Índice de gráficos

- 18 Gráfico 1** - Produção global de fibras, 2019
- 19 Gráfico 2** - Consumo mundial de fibras têxteis (milhões de toneladas)
- 19 Gráfico 3** - Segmentação da produção global de confecções de roupas, 2019
- 21 Gráfico 4** - Principais países exportadores e importadores do segmento têxteis e vestuário, 2018 (em bilhões US\$)
- 27 Gráfico 5** - Valor de produção industrial do setor de Confecção, Têxtil e Calçado brasileiro, 2009 a 2018 - em R\$ bilhões*
- 28 Gráfico 6** - Principais atividades da produção do setor de Confecção, Têxtil e Calçado brasileiro em 2018 (em %)
- 29 Gráfico 7** - Valor de Transformação Industrial do setor Confecção, Têxtil e Calçado no Brasil e sua participação (%) na indústria geral, 2007 – 2018 (a preços R\$ bilhões de 2018*)
- 30 Gráfico 8** - Número de empregos do setor Confecção, Têxtil e Calçado e participação na indústria- Brasil, 2007 – 2019
- 30 Gráfico 9** - Número de estabelecimentos do setor Confecção, Têxtil e Calçado e participação na indústria- Brasil, 2007 – 2019
- 32 Gráfico 10** – As 10 principais ocupações do setor industrial de Confecção, Têxtil e Calçado do Brasil em 2019
- 33 Gráfico 11** - Exportação, importação e saldo do setor de Confecção, Têxtil e Calçado no Brasil, 2008-2019 (em US\$ Bilhões)
- 33 Gráfico 12** - Composição das importações e exportações do setor Confecção, Têxtil e Calçado brasileiro, 2019
- 40 Gráfico 13** - Valor de Transformação Industrial do setor Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2007 – 2018 (a preços R\$ milhões de 2018*)
- 40 Gráfico 14** - Evolução do VTI (número índice 2007 = 100)
- 41 Gráfico 15** - Valor de Transformação Industrial do setor Confecção, Têxtil e Calçado, 2017 - Ranking dos estados (% sobre o total do país)
- 42 Gráfico 16** - Relação VTI/VBPI para o setor Confecção, Têxtil e Calçado - Espírito Santo, 2007 - 2018
- 43 Gráfico 17** - Evolução da produtividade do trabalho, Espírito Santo e Brasil (2007 = 100)
- 45 Gráfico 18** - Número de vínculos ativos do setor Confecção, Têxtil e Calçado e participação no emprego industrial - Espírito Santo, 2007 - 2019
- 46 Gráfico 19** - Número de estabelecimentos do setor Confecção, Têxtil e Calçado e participação na indústria- Espírito Santo, 2007 - 2019
- 46 Gráfico 20** - Participação (%) dos estados nos estabelecimentos e nos empregos formais do setor Confecção, Têxtil e Calçado, 2019
- 47 Gráfico 21** - Porte das empresas do setor Confecção, Têxtil e Calçados, 2019
- 49 Gráfico 22** - Principais ocupações, 2019
- 49 Gráfico 23** - Quantidade de ocupações por faixa etária e sexo dos trabalhadores, 2019
- 50 Gráfico 24** - Grau de escolaridade dos trabalhadores, 2018

- 50 Gráfico 25** - Remuneração média (R\$) por trabalhador em cada estado, 2019
- 51 Gráfico 26** - Ranking das ocupações com as maiores remunerações do setor no Espírito Santo, 2019
- 52 Gráfico 27** - Quantidade e grau acadêmico dos cursos superiores, 2018
- 52 Gráfico 28** - Quantidade de cursos técnicos relacionados ao setor, 2018
- 54 Gráfico 29** - Quantidade de estabelecimentos e vínculos ativos do comércio atacadista do setor, Espírito Santo
- 54 Gráfico 30** - Quantidade de estabelecimentos e vínculos ativos do comércio varejista do setor, Espírito Santo
- 56 Gráfico 31** - Variação (%) de volume de vendas no comércio varejista de tecidos, vestuário e calçados
- 57 Gráfico 32** - Balança Comercial do setor – em milhões US\$ FOB
- 59 Gráfico 33** - Participação dos estados nas importações e exportações do setor, 2019

Índice de tabelas

- 20 Tabela 1** - Principais países produtores e consumidores de calçados em 2018 (em milhões de pares)
- 22 Tabela 2** - Principais países exportadores e importadores de calçados em 2018 (em milhões de pares)
- 34 Tabela 3** - Principais produtos do setor importados pelo Brasil em 2019

- 34 Tabela 4** - Principais produtos do setor exportados pelo Brasil em 2019

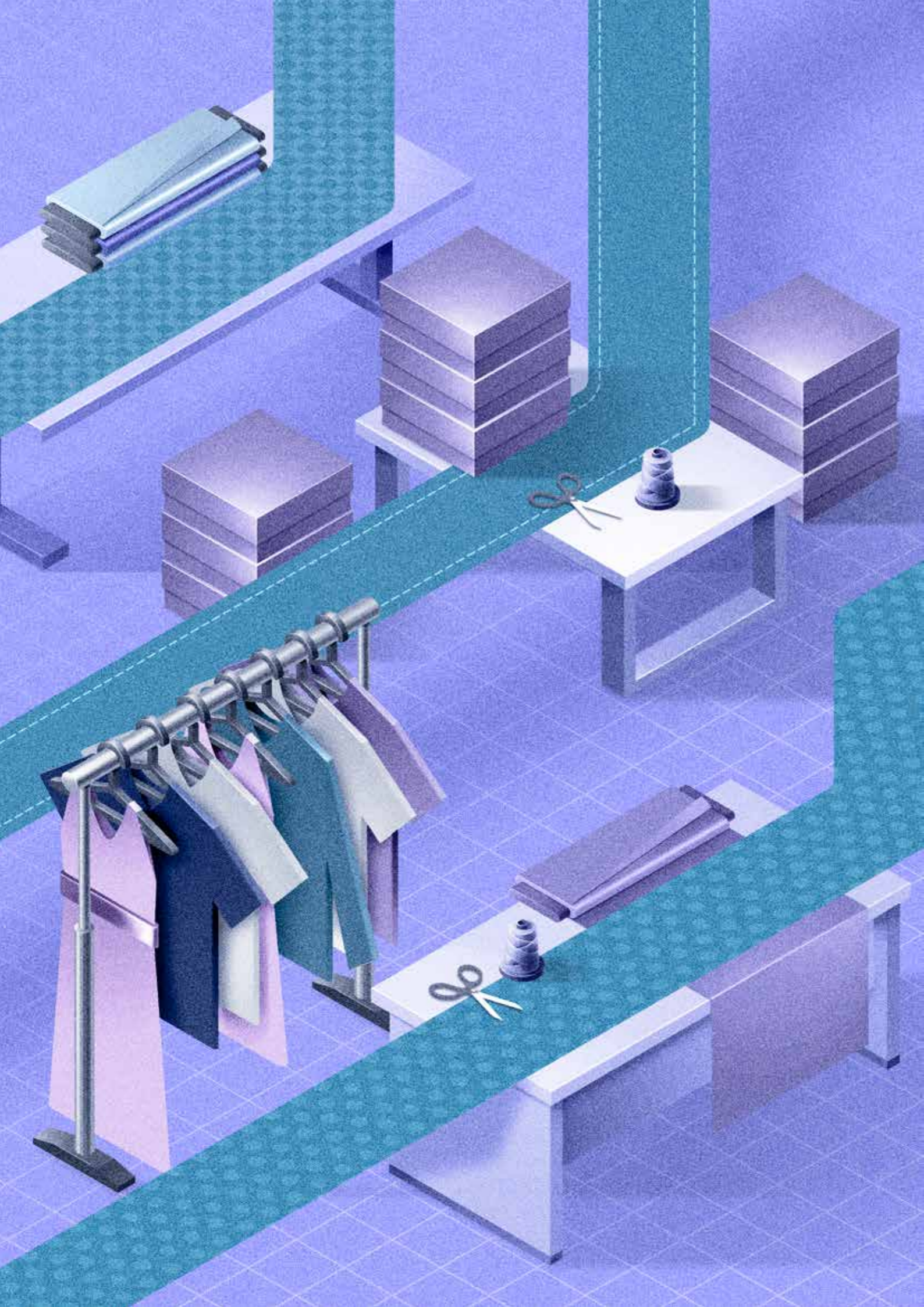
- 58 Tabela 5** - Principais produtos do setor importados pelo Espírito Santo em 2019

Índice de figuras

- 12 Figura 1** - Cadeia Produtiva e distribuição do Setor Têxtil e de Confecções
- 14 Figura 2** - Cadeia produtiva de Couro e Calçados
- 31 Figura 3** - Distribuição no território nacional e participação local* dos empregos do setor de Confecção, Têxtil e Calçado, 2019
- 31 Figura 4** - Distribuição no território nacional e participação local* das empresas do setor de Confecção, Têxtil e Calçado, 2019
- 44 Figura 5** - Produtividade do trabalho no Brasil e estados selecionados, 2018
- 48 Figura 6** - Distribuição de empregos e empresas do setor de Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2019
- 53 Figura 7** - Distribuição de cursos superiores e técnicos relacionados ao setor de Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2018

- 55 Figura 8** - Distribuição de empregos e empresas do setor comercial varejista e atacadista de Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2019

- 60 Figura 9** - Principais países de origem das importações de artigos do setor de Confecção, Têxtil e Calçado pelo Espírito Santo em 2019.



Capítulo 1

INTRODUÇÃO



Desde os primórdios da civilização, a vestimenta é uma das necessidades básicas do ser humano. A relação do homem com os tecidos, roupas, calçados e acessórios, perpassa por época, cultura, moda, sociologia, psicologia, economia, inovação e indústria. Com foco na vertente da indústria, sem perder a magnitude das demais dimensões, são diversas as aplicabilidades da cadeia produtiva que vai desde a fiação até a confecção. Elas ultrapas-

sam as vestimentas, sendo também empregadas em embalagens, revestimentos, material de segurança, adornos, cordame, entre outras utilidades.

O processo produtivo do setor têxtil e de confecção envolve os estágios que vão desde a aquisição de insumos, até o comércio final. Desta forma, este processo é caracterizado pelas seguintes etapas ordenadas:

- a) Produção de matéria-prima:** produção de fibras e filamentos, artificiais ou naturais (vegetais ou animais) que dão origem aos fios.
- b) Fiação:** preparação dos fios para a tecelagem.
- c) Tecelagem:** fabricação de tecidos.
- d) Beneficiamento de tecidos:** processo de me-

lhoramento do tecido, a depender do tipo e da qualidade do produto.

e) Confecção: produção de artigos do vestuário, da linha casa e de insumos para outros setores industriais.

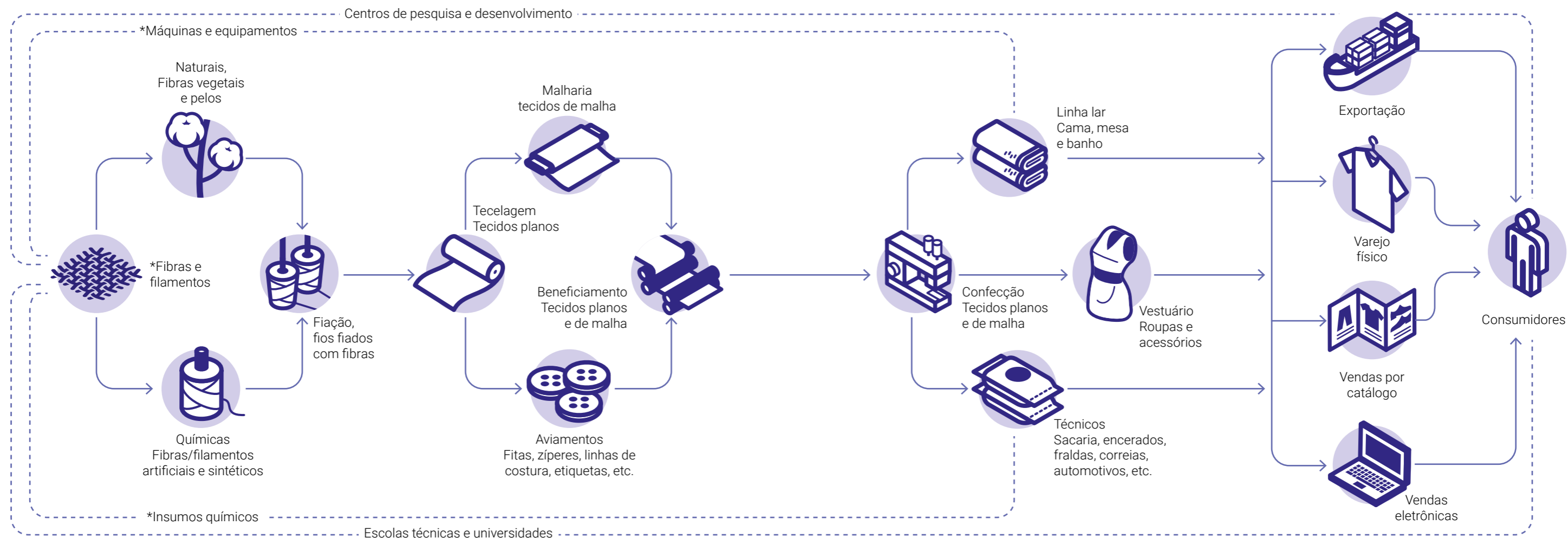
f) Mercado: exportação e venda dos artigos confeccionados.

Entre as (ou até mesmo dentro das) etapas também existem os processos de pesquisa, ideação e criação, em que são pensados e desenvolvidos os materiais a serem utilizados em cada artigo, os tipos de estampas, as modelagens, as lavagens necessárias e os acessórios de composições das peças.

O processo de fabricação de couro e calçados, por sua vez, inicia-se na obtenção da matéria e depois no beneficiamento do couro, seja ele de origem animal, vegetal ou sintética. Os curtumes são então destinados à indústria

calçadista ou às demais, como a automotiva e a moveleira. Quando na calçadista, além do couro, o insumo também pode ser originário da indústria de componentes, como a borracha e o plástico. A produção do calçado e de acessórios (como bolsa, cintos e carteiras) envolve desde o design, o corte, a montagem, até a embalagem do produto. Por fim, analogamente ao setor de confecção, a etapa de mercado consiste na venda através dos canais de varejo, das exportações e do e-commerce.

Figura 1 - Cadeia Produtiva e distribuição do Setor Têxtil e de Confeções



* Seguimento de fornecedores
Fonte: Abit

Como demonstrado, o setor de Confecção, Têxtil e Calçado envolve diversas fases durante os processos produtivos. Muitas dessas fases e produtos se tornaram destaques de muitos países, como o algodão brasileiro, o couro argentino, os designs italianos e franceses, a seda chinesa, os artigos de lã peruanos, as grifes americanas, entre tantas outras possibilidades. Esses produtos e serviços se tornam atrativos dessas regiões e acrescentam valores às suas atividades, tornando-se elementos de desenvolvimento regional.

A atividade econômica do setor engloba uma gama de atores, produtos e processos, que estão em constante renovação. As transforma-

ções tecnológicas minimizam as fronteiras e aproximam cada vez mais esses agentes. Portanto, a estratégia de desenvolvimento do setor necessita de concepções e prognósticos diversos, que abrangem as necessidades e as possibilidades de atuação, principalmente no que tange às fronteiras tecnológicas.

No Espírito Santo, as atividades do setor encontram-se presentes ao longo do território, o que demonstra a sua importância na geração de renda e emprego locais, bem como no planejamento territorial do estado. Em 2019, o setor respondia por 14,0% das indústrias capixabas, e foi responsável pela geração de 11,1% dos empregos industriais.

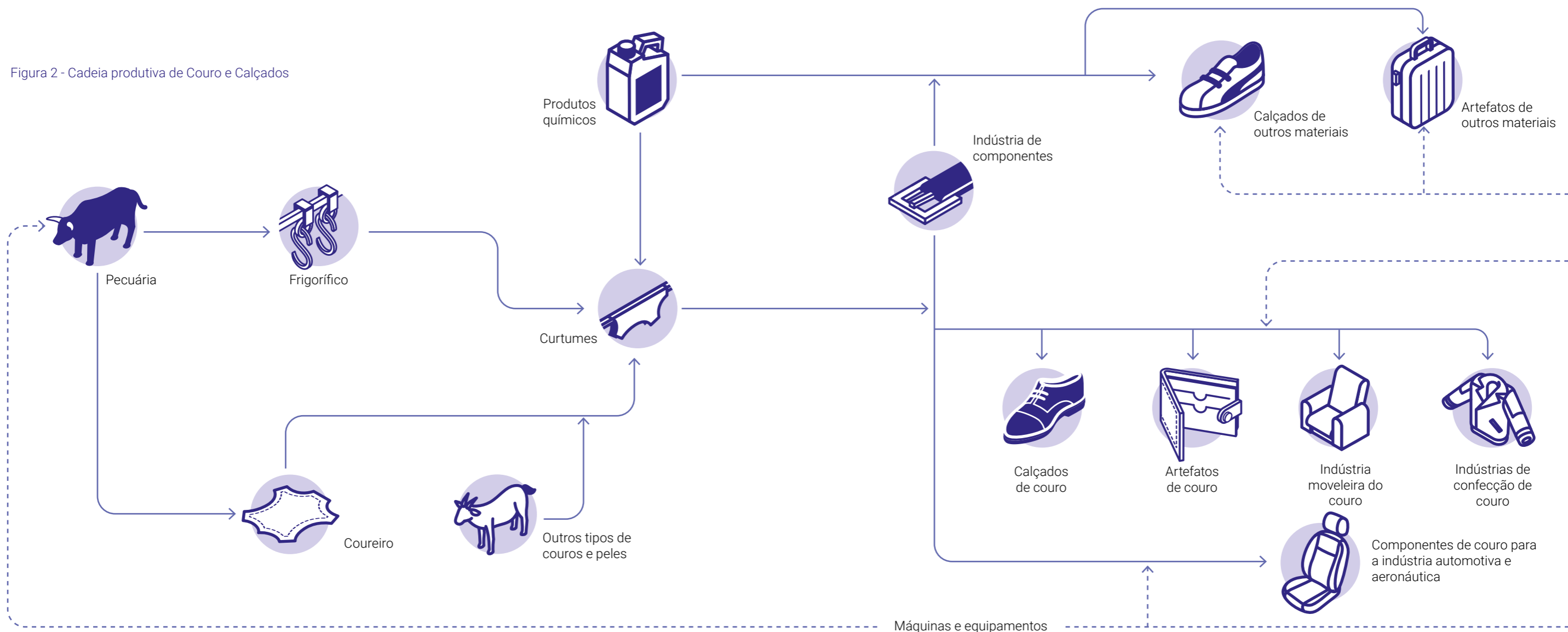
Desses empregos, um de grande importância é a ocupação de costureiro, com a relevância da mão de obra feminina, o que caracteriza o cunho social do setor.

Apesar dos artigos têxteis não serem produzidos em sua variedade no estado, eles são de fácil acesso por meio das importações e das compras interestaduais. Sendo assim, é a confecção de artigos do vestuário a de maior volume no estado. Esta atividade está intrinsecamente relacionada ao processo de formação e ocupação do território capixaba e, nos dias de hoje, contribui para a construção da identidade do Espírito Santo.

Neste íterim, este estudo tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre o setor no estado por meio de análise de dados mais recentes divulgados, fornecendo subsídios para a elaboração da Rota Estratégica de Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, que consiste em um planejamento estratégico do setor no estado, com a finalidade de posicioná-lo competitivamente no cenário nacional.

Durante a elaboração desse estudo, a economia mundial começou a enfrentar uma crise sanitária e econômica provocada pela pandemia da Covid-19, que foi iniciada no começo de 2020 e ainda não se sabe ao certo quais as suas consequências para os próximos anos. E, não diferente do restante do

Figura 2 - Cadeia produtiva de Couro e Calçados



Fonte: Correa, 2001

o mundo, o setor de Confecção, Têxtil e Calçado capixaba passou a enfrentar as adversidades provocadas naquele momento.

Em decorrência da necessidade da adoção do distanciamento social para a contenção da doença, a indústria, o comércio e a relação com outros países se alteraram, principalmente no primeiro semestre de 2020. Em um primeiro momento, o setor se deparou com a necessidade de fechar suas lojas, de reduzir a atividade fabril e a de adaptar as linhas de produção para os artigos que estavam sendo demandados, sobretudo pela área da saúde, tais como máscaras faciais, sapatos, aventais, macacões e de-

mais artigos hospitalares. No segundo momento, com a retomada das atividades econômicas, o restabelecimento da demanda por artigos do vestuário para além das expectativas do mercado surpreendeu tanto os industriais quanto os varejistas, e trouxe outros desafios, como o reabastecimento do mercado em um momento que a incerteza causada pela pandemia tornou-se um fator de risco para a economia.

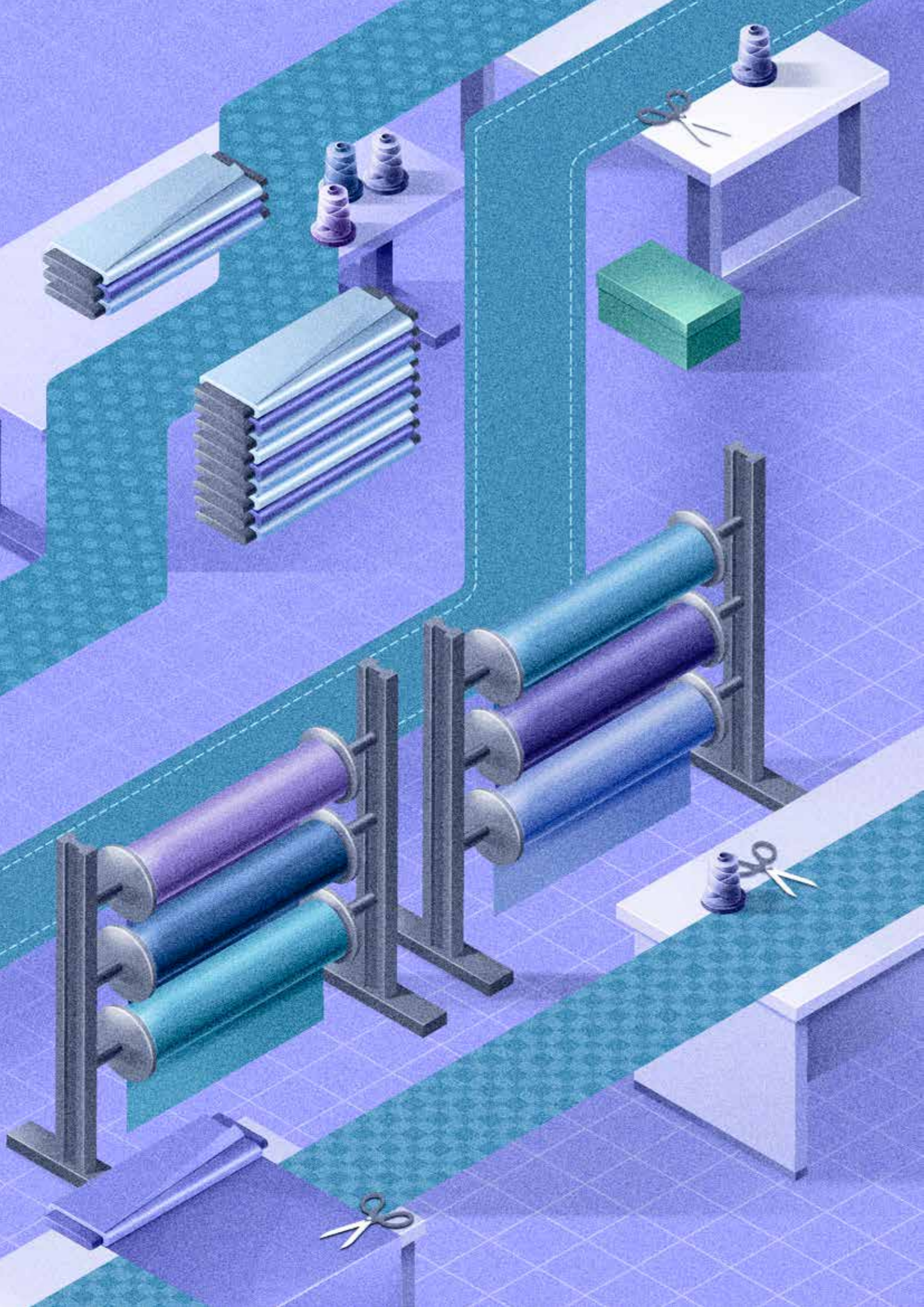
O setor, que já vinha passando por mudanças estruturais, precisou agilizar essas transições como estratégia de sobrevivência em meio a uma crise inesperada. Contudo, essa mesma crise abriu uma janela de oportunidades para

o setor. Muitas delas já estavam à vista, porém não de maneira latente como foram colocadas durante a pandemia. Sobre os desafios e oportunidades do setor, a seção 5 deste estudo apresenta quais são eles.

O presente documento está dividido em cinco seções além desta introdução. A segunda seção apresenta um breve panorama do setor no mundo, posicionando o Brasil no comércio internacional. A terceira seção aborda a situação nacional do setor, que vai desde um breve relato histórico até os dados mais recentes disponíveis. A quarta seção discorre sobre o setor no Espírito Santo, apresentando, entre outros

assuntos, a distribuição geográfica, o perfil da ocupação, o setor comercial e internacional. Na quinta seção estão os desafios e oportunidades para o setor, e na sexta as considerações finais sobre este estudo. Por fim, estão dispostas as tabelas em anexos que auxiliam o entendimento dos dados ao longo da leitura deste documento.





Capítulo 2

O SETOR DE CONFECÇÃO, TÊXTIL E CALÇADO NO MUNDO

A cadeia produtiva de têxtil e confecção passou por diversas transformações a partir dos anos 2000, como as tecnológicas e as comerciais. Os Estados Unidos e a Europa³, produtores tradicionais em todos os elos da cadeia, passaram a concorrer com os novos entrantes no mercado internacional, como China, Taiwan, Índia, Hong Kong e Bangladesh. A concorrência, em todas as etapas produtivas, estende-se aos preços, à qualidade e à combinação de tecnologia e mão de obra a baixo custo.

Após dez anos de vigência, o fim do Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV)⁴ em 2004, que estipulava regimes de cotas de importação de têxteis, mudou a configuração do comércio internacional deste setor. Sem as vigências desses acordos concomitante à maior abertura comercial

mundial, aqueles países intensivos neste tipo de indústria, como China, Índia e Vietnã, tornaram-se mais intensivos nas exportações desses artigos. Se, por um lado, alguns países se viram ameaçados com a extinção desses acordos, outros enxergaram uma oportunidade de penetração em mercados ainda não explorados devido às barreiras, como as cotas de importação, estipuladas nos acordos. Resultado expressivo dessas medidas foi a expansão dos produtos chineses em todo o mundo⁵.

Associado ao modelo de consumo acelerado denominado de fast fashion, os produtos chineses (e outros asiáticos) tornaram-se vantajosos neste tipo de negócio que demanda em alta velocidade inúmeras peças semelhantes e a um baixo custo. Dessa forma, esses produtos se difundiram nas lojas ao redor do mundo, desde as menores até as grandes redes internacionais de varejo.

Por outro lado, também como resultado desta modificação, as economias desenvolvidas passaram a concentrar a parte do processo produtivo que antecede o “chão de fábrica” e que é de maior valor agregado e alta qualificação da mão de obra. São elas: design, elaboração de modelos e prototipagem, desenvolvimento de tecnologia, marketing e logística de vendas.

³ Muitos desses países atuam em blocos de comércio, como o caso dos EUA, que enviam tecidos pré-cortados para o México, que confecciona e re-exporta os bens finais, a preços acessíveis, para o mercado norte-americano (BNDES, 2010).

⁴ O Acordo Multifibras (AMF) de 1974 estendeu as regras aplicadas ao comércio de algodão para o comér-

cio internacional de artigos têxteis. A partir de então, quatro renegociações desse acordo foram elaboradas. Porém, devido à complexidade resultante desses arranjos, o Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV) surgiu na Rodada Uruguai de 1995, derivado do AMF, para eliminar gradualmente as restrições de cotas de importação com prazo de até 2005 (AMARAL, 2008).

⁵ Mesmo com o fim do ATV, alguns acordos entre Brasil, EUA e a União Europeia e China foram firmados, estabelecendo salvaguardas de importação e medidas antidumping (Mendonça, Salgueiro e Gomes, 2013).

Contudo, não só de produtos chineses se faz o mercado. As produções locais de moda são de extrema importância para a cultura e a economia de uma região. A geração de

emprego e renda que o setor de Confecção, Têxtil e Calçado promove, que vai desde a plantação do algodão até os desfiles de moda, envolve um elevado contingente de pessoas e gera inúmeras transações financeiras e de produtos, bem como o compartilhamento de conhecimentos.

2.1. Produção

Uma das etapas iniciais do processo de fabricação de uma vestimenta consiste na obtenção e beneficiamento das fibras. Suas origens são diversas, podendo ser naturais (linho, algodão, cânhamo, seda, peles, couros e penas), sintéticas (poliéster, poliamida, elastano e acrílico) e, inclusive, misturadas, como as artificiais (viscose, acetato e lyocell).

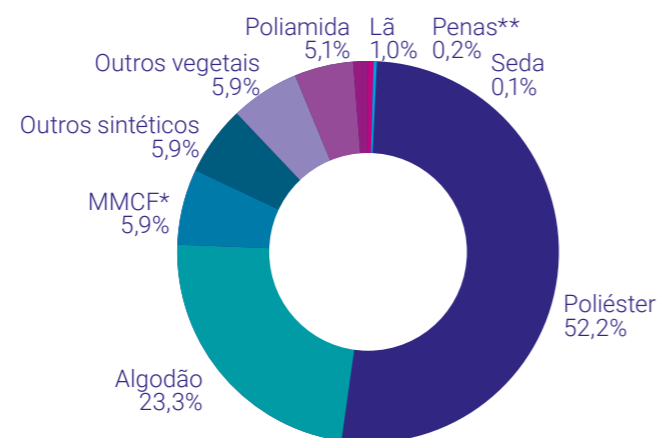
O consumo de fibras no mundo apresentou um crescimento acelerado desde a década de 1950, quando era de apenas 8 milhões de toneladas. Na passagem da década de 1990 para 2000, o padrão de consumo do produto mudou. O consumo de fibras sintéticas superou o de fibras naturais, tornando-se o tipo de material mais consumido nos dias de hoje. As fibras químicas representaram cerca de 68,0% do total de fibras consumidas em 2018 e 63,0% do total produzido em 2019.

De acordo com os dados da Associação Brasileira de Indústria Têxtil (Abit), o consumo passou de 10 quilos de fibra por habitante (kg/habi-

tante) em 2000 para 14,2 kg/habitante em 2016. Segundo a Associação, a melhora no nível de renda da população de países pobres, decorrente de um crescimento econômico desses países, levará ao aumento de consumo de produtos têxteis. Sendo assim, espera-se um crescimento futuro para o setor.

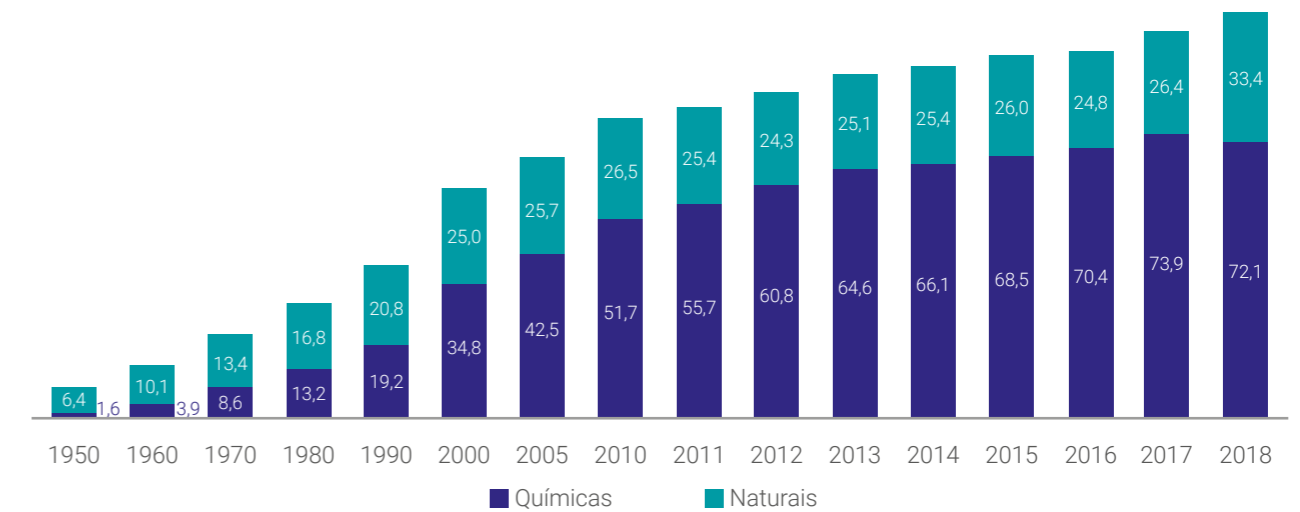
Corroborando essa visão de expansão futura do setor, a Textile Exchange apresentou em seu relatório de 2019 uma expectativa de crescimento de 30,0% do mercado têxtil até 2030. A produção de fibras no mundo atingiu em torno de 111 milhões de toneladas em 2019 (uma alta de 2,7% em relação ao ano anterior), e deverá chegar a 146 milhões em 2030. Contudo, alerta-se sobre a necessidade do uso responsável dos têxteis, que vai desde a etapa de obtenção da matéria prima até o descarte, para minimizar os impactos negativos causados ao meio ambiente.

Gráfico 1 - Produção global de fibras, 2019



* Fibras celulósicas sintéticas
 ** Material natural certificado através do Responsible Down Standard
 Fonte: TextileExchange
 Elaboração: Ideies / Findes

Gráfico 2 - Consumo mundial de fibras têxteis (milhões de toneladas)



Fonte: IEMI
 Elaboração: Ideies / Findes

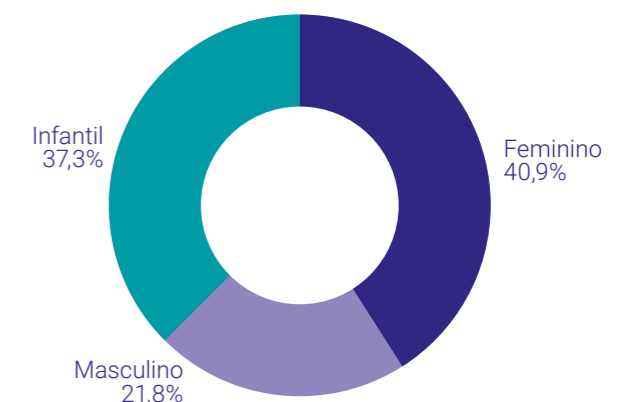
Sobre as confecções dos artigos do vestuário, a cada ano a produção mundial de roupas aumenta. Segundo o Statista, essa produção passou de 178,8 bilhões de peças em 2018 para 181,3 bilhões em 2019, o que representa um aumento de 3,7%. Mesmo com a queda na produção no ano de 2020 em decorrência da pandemia da Covid-19, a expectativa é de crescimento do mercado de roupas para os próximos anos.

No mundo, os cinco principais países que geram mais de 90,0% do volume de receita a partir das confecções são, em ordem decrescente: China, Estados Unidos, Japão, Reino Unido e Alemanha. O Brasil responde por 3,0% desse mercado.

Entre os segmentos mais comuns de roupa, o feminino responde por 40,9% (cerca de 74,2 bilhões de peças em 2019), seguido do infantil

(37,3%) e masculino (21,8%). As estimativas são de que esse padrão, que há tempos assumiu esta forma, também permaneça assim nos próximos anos.

Gráfico 3 - Segmentação da produção global de confecções de roupas, 2019



Fonte: Statista
 Elaboração: Ideies / Findes

Em relação ao setor calçadista, em 2018 foram produzidos 22.088 milhões de pares de calçados no mundo. Este valor corresponde a um aumento de 2,8% em relação a 2017. Somente a China produziu 11.545 milhões de pares de sapatos naquele ano, o que correspondeu a 52,3% da produção mundial. Em segundo lugar está a Índia com 13,3% e, em terceiro, o Vietnã com 6,5%.

Por sua vez, o Brasil ocupou o quarto lugar no ranking de países produtores de calçados em 2018. A produção anual do país totalizou 904 milhões de pares, quantidade praticamente estável em relação a 2017. No quesito participação, a produção brasileira representou 4,1% da produção mundial.

Em relação ao consumo, em primeiro lugar no ranking de países, a China consumiu 3.367 milhões de pares em 2018, o que representou 17,0% de todo o consumo mundial de calçados. Em segundo e terceiro lugares estão a Índia e os Estados Unidos com 14,3% e 12,3% de participação no consumo. Em quarto lugar, com 4,1% de participação, o Brasil consumiu 818 milhões de pares de calçados em 2018. Este valor representa um aumento de 2,2% em relação a 2017.

Tabela 1 - Principais países produtores e consumidores de calçados em 2018 (em milhões de pares)

Produção				Consumo			
País	2018	Part. (%) 2018	Variação (%) 2017-2018	País	2018	Part. (%) 2018	Variação (%) 2017-2018
China	11.545	52,3	1,2	China	3.367	17,0	2,3
Índia	2.943	13,3	2,6	Índia	2.840	14,3	3,0
Vietnã	1.427	6,5	13,7	Estados Unidos	2.443	12,3	2,6
Brasil	904	4,1	0,1	Brasil	818	4,1	2,2
Indonésia	824	3,7	1,7	Japão	748	3,8	-0,9
Nigéria	434	2,0	1,3	Indonésia	516	2,6	2,3
México	266	1,2	0,8	Alemanha	445	2,2	-3,2
Tailândia	242	1,1	1,5	Nigéria	422	2,1	1,4
Itália	184	0,8	-3,0	Vietnã	412	2,1	12,0
Paquistão	170	0,8	-36,0	França	409	2,1	2,0
Outros	3.149	14,3	10,6	Outros	7.404	37,3	4,2
Total	22.088	100,0	2,8	Total	19.824	100,0	3,1

Fonte: Abicalçados
Elaboração: Ideies / Findes

2.2 Comércio Exterior

De acordo com o IEMI, o comércio exterior é um dos grandes destaques do setor têxtil. As vendas internacionais intensificaram-se nas últimas duas décadas a partir da reconfiguração dos players mundiais. Em 2018, a exportação de têxteis totalizou US\$ 354,5 bilhões, e de vestuário US\$ 481,7 bilhões.

Com 31,9%, a China lidera o ranking dos principais países exportadores desses produtos, seguida da Alemanha (4,7%), Bangladesh (4,6%) e Vietnã (4,5%).

O Brasil aparece na 40ª posição deste ranking. Pelo fato do país ser um grande produtor de artigos têxteis e apresentar uma baixa posição nas vendas internacionais, o IEMI⁶ classifica o país como um "produtor-consumidor". Ou seja, a produção nacional é majoritariamente consumida no próprio país.

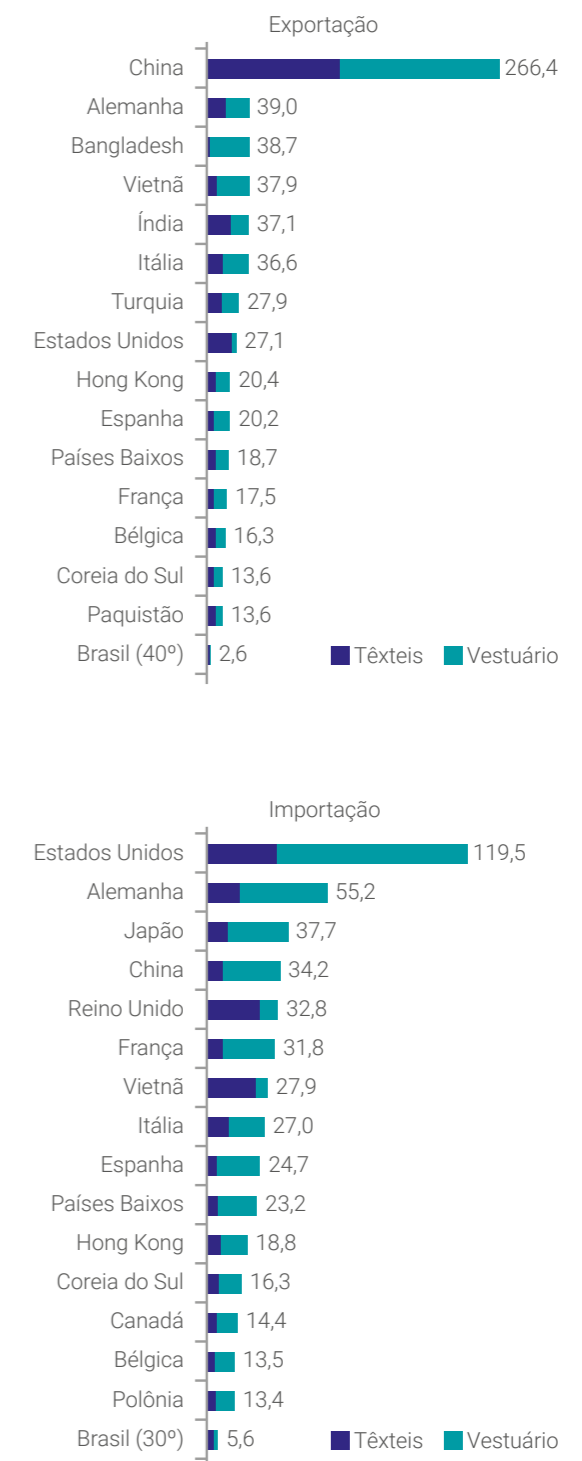
Do lado das importações, os países com as maiores rendas demandam mais destes produtos. As importações mundiais totalizaram US\$ 770,3 bilhões em 2018, das quais 15,5% foram destinadas aos Estados Unidos, 7,2% à Alemanha e 4,9% ao Japão. O Brasil aparece na 30ª posição, com uma participação de 0,7%.

Seguindo o padrão do maior produtor e maior consumidor, a China também é o maior exportador de calçados do mundo. Em 2018 foram exportados 8.324 milhões de pares pelo país, que concentrou 65,3% de todos os sapatos exportados no mundo. Este valor é praticamente semelhante ao exportado pelo país no ano anterior. Em valores monetários, a China exportou US\$ 44,7 bilhões em calçados no ano de 2018, valor -2,2% inferior ao vendido em 2017.

Na 11ª posição, o Brasil exportou 114 milhões de pares em 2018, o que corresponde a uma redução de -10,7% em relação a 2017. Em valores monetários, o país ocupou a 18ª posição, totalizando US\$ 976 milhões exportados em 2018.

Do lado das importações, o Estados Unidos foi o maior comprador internacional de sapato em 2018, com 2.446 milhões de pares. Este resultado representa 22,5% das importações mundiais e um acréscimo de 2,8% em relação à importação de 2018.

Gráfico 4 - Principais países exportadores e importadores do segmento têxteis e vestuário, 2018 (em bilhões US\$)



Fonte: IEMI
Elaboração: Ideies / Findes

⁶ Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira, 2019

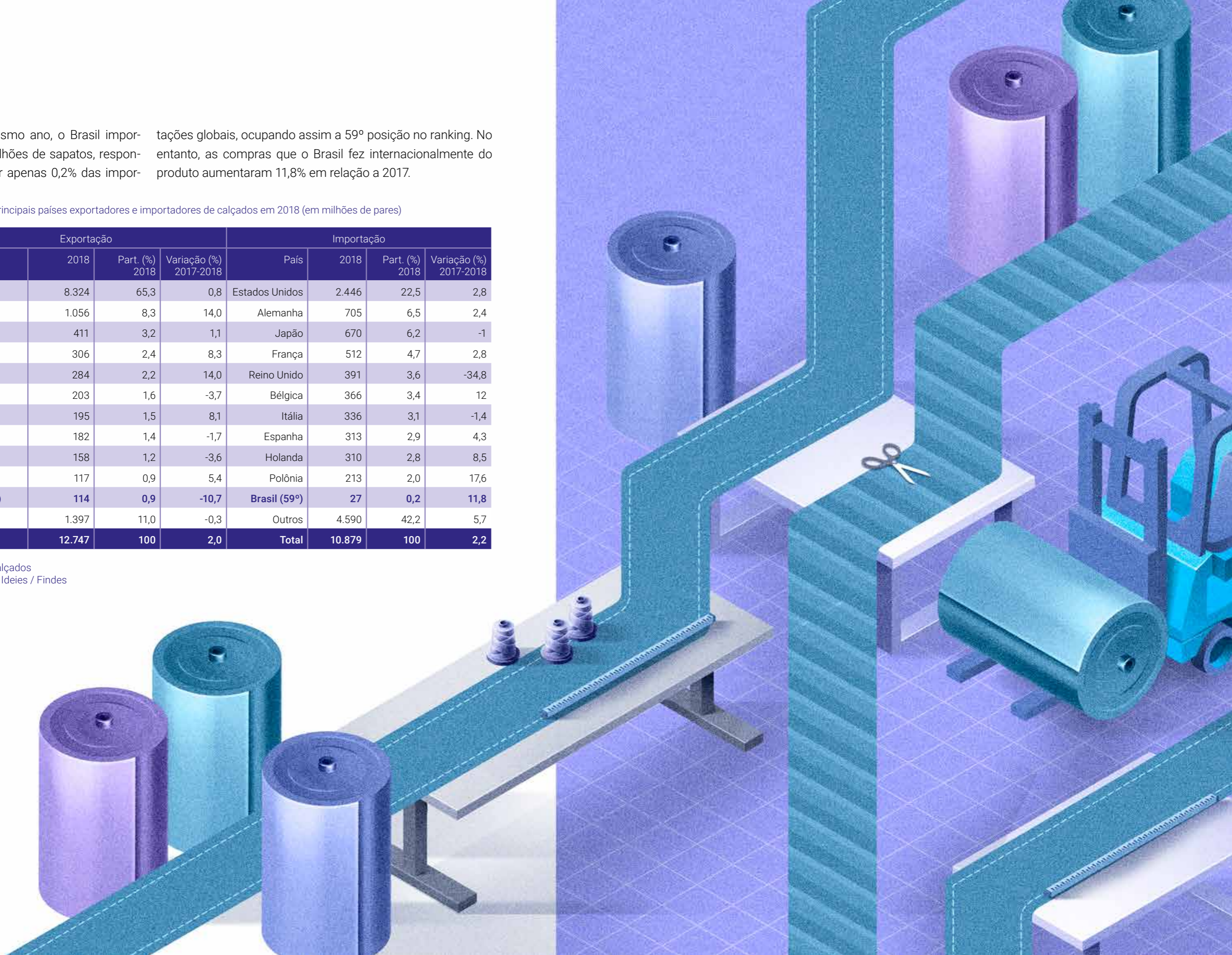
Neste mesmo ano, o Brasil importou 27 milhões de sapatos, respondendo por apenas 0,2% das impor-

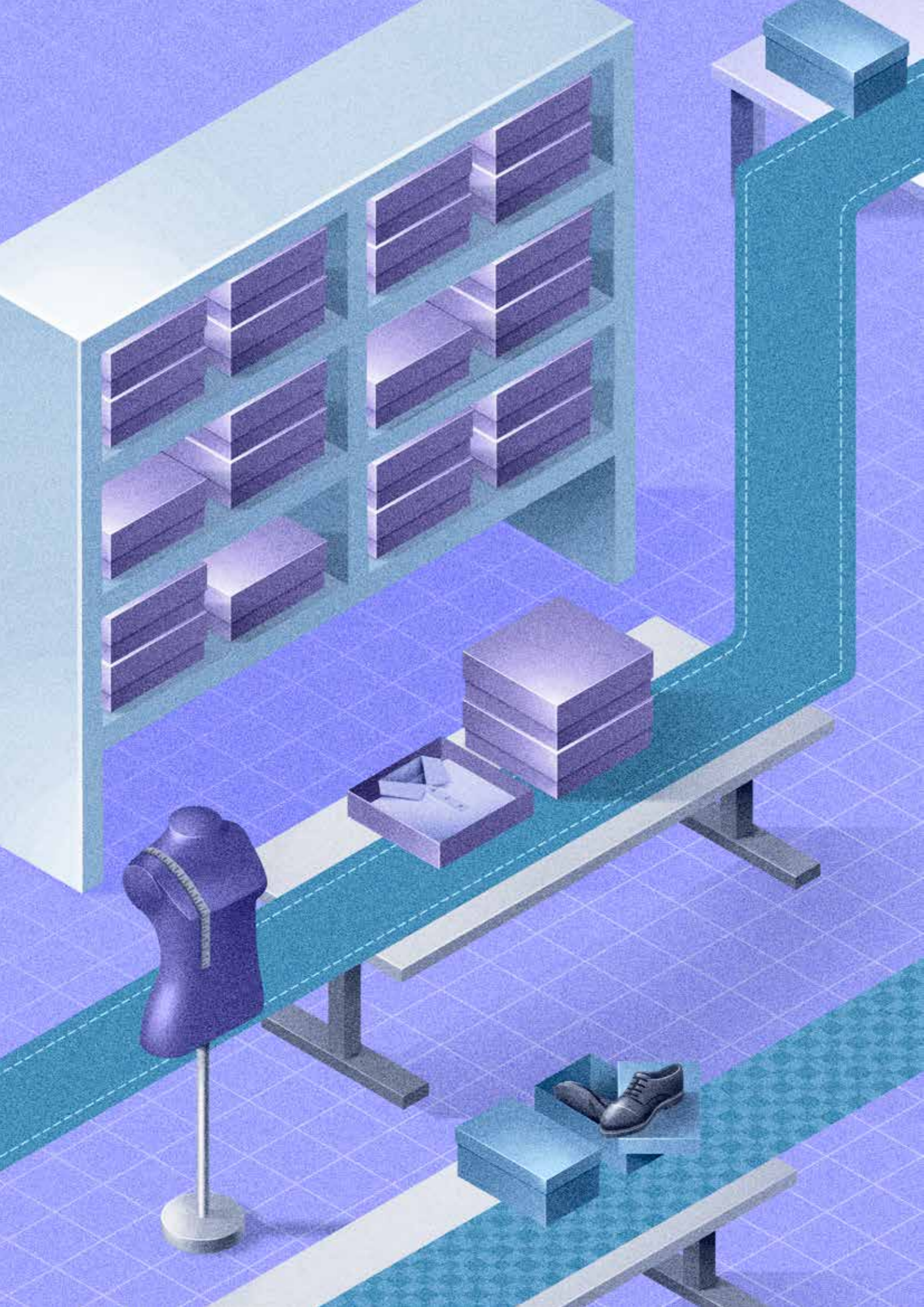
tações globais, ocupando assim a 59ª posição no ranking. No entanto, as compras que o Brasil fez internacionalmente do produto aumentaram 11,8% em relação a 2017.

Tabela 2 - Principais países exportadores e importadores de calçados em 2018 (em milhões de pares)

Exportação				Importação			
País	2018	Part. (%) 2018	Variação (%) 2017-2018	País	2018	Part. (%) 2018	Variação (%) 2017-2018
China	8.324	65,3	0,8	Estados Unidos	2.446	22,5	2,8
Vietnã	1.056	8,3	14,0	Alemanha	705	6,5	2,4
Indonésia	411	3,2	1,1	Japão	670	6,2	-1
Alemanha	306	2,4	8,3	França	512	4,7	2,8
Bélgica	284	2,2	14,0	Reino Unido	391	3,6	-34,8
Itália	203	1,6	-3,7	Bélgica	366	3,4	12
Holanda	195	1,5	8,1	Itália	336	3,1	-1,4
Índia	182	1,4	-1,7	Espanha	313	2,9	4,3
Espanha	158	1,2	-3,6	Holanda	310	2,8	8,5
França	117	0,9	5,4	Polônia	213	2,0	17,6
Brasil (11º)	114	0,9	-10,7	Brasil (59º)	27	0,2	11,8
Outros	1.397	11,0	-0,3	Outros	4.590	42,2	5,7
Total	12.747	100	2,0	Total	10.879	100	2,2

Fonte: Abicalçados
Elaboração: Ideies / Findes





Capítulo 3

O SETOR DE CONFECÇÃO, TÊXTIL E CALÇADO NO BRASIL

A história do setor industrial de Confeção, Têxtil e Calçado no Brasil está relacionada ao processo de industrialização do país, especialmente no que diz respeito aos produtos manufaturados. Apesar das políticas intensivas voltadas ao comércio agroexportador e minerador dos períodos colonial e imperial, a indústria têxtil brasileira se consolidou a partir do século XIX, sendo o nordeste o principal centro de localização dessa indústria naquela época⁷. Após a construção da estrada de ferro que unia a Bahia aos estados da região sudeste (um dos fatores que viabilizou o desenvolvimento da região sudeste no período), muitas fábricas foram deslocadas para os estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, onde se estabeleceram durante o século XX.

Neste período, os industriais do setor (que de certa forma eram os grandes representantes da indústria do país, principalmente a paulista) passaram por diversas fases, desde as negociações com partidos políticos (quando os fazendeiros de café perdem influência sobre o governo) até as negociações com a classe de trabalhadores. O setor, então, enfrentou

“altos e baixos” a depender dos acontecimentos internacionais, como as grandes guerras na primeira metade do século passado⁸.

A segunda metade do século XX foi marcada pelo desenvolvimento cultural do setor. A moda passou a ser referência para a indústria, que aproveitou as feiras e os desfiles para alavancar as vendas de tecidos e artigos do vestuário. Trata-se também de um período em que o aumento das rendas das famílias gerou o consumo de artigos de alta costura.

Durante o governo militar, se por um lado as empresas de capital estrangeiro se instalaram no país⁹,

⁷ Os fatores que contribuíram para a centralização das fábricas no nordeste do país durante o século XIX foram: concentração de mão de obra escrava, disponibilidade de matéria prima (algodão) e fonte de energia hidráulica (Fujita e Jorente; 2015).

⁸ Devido à falta de competição, em períodos de guerra, o algodão e os tecidos brasileiros eram consumidos por vários países, principalmente para os artefatos militares. Entretanto, nos períodos pós guerra, enquanto as indústrias de outros países se modernizavam, a nacional se tornava obsoleta e perdia competitividade. Durante a crise de 1929, devido à baixa capacidade de abastecimento do mercado internacional, a indústria nacional passou pelo processo de substituição de importações, desenvolvendo o mercado interno.

⁹ De acordo com Fujita e Jorente (2015, p. 163): “Ao longo da década de 1970 houve a entrada de investidores estrangeiros que priorizavam a produção de fibras e filamentos artificiais e sintéticos para responder pela demanda do setor do vestuário por tecidos de tergal e lycra. Podemos citar dentre as empresas abertas neste período: as americanas Sudamtex e a Celanese, a brasileira e japonesa Safron-Teijin, a franco-suiça Rhodia, a italiana Fiação brasileira de Rayon e a brasileira e alemã Companhia brasileira de Sintéticos (TEIXEIRA, 2007)”.

por outro, as de capital nacional foram beneficiadas por medidas de proteção à indústria brasileira, como a facilidade de acesso ao crédito e as alíquotas incidentes sobre os produtos importados que limitavam a entrada de produtos estrangeiros. Neste período, a indústria têxtil e de artigos do vestuário minimizava os custos de investimento em máquinas e equipamentos para viabilizar a geração de lucro.

Durante a abertura comercial da década de 1990, a indústria têxtil brasileira se apresentava tecnologicamente atrasada e com parque fabril obsoleto frente à indústria global. Neste momento, as importações de fibras e tecidos artificiais aumentaram. Além das fibras artificiais, o país também passou a importar algodão, indo na contramão da história que mostrou o Brasil como um grande exportador desta matéria¹⁰.

Neste contexto, a indústria se deparou com a necessidade de reformular o setor para promover a sua competitividade. O processo de reestruturação produtiva consistiu na intensificação de investimento no setor de confecção, elevando a relação entre capital e trabalho, e também na saída do mercado de empresas ligada ao segmento de tecidos, que não resistiram à forte concorrência asiática. Além disso, os incentivos fiscais da região nordeste promoveram um deslocamento de empresas para esta região (Kon e Coan, 2009).

No final da década de 1990 o setor nacional detinha maquinário mais moderno, como as máquinas de costura de menor porte. Esta modernização acarretou na redução do número de postos formais de trabalho e na produção em grande escala. Outro upgrade do setor neste período está relacionado aos ativos intangíveis, como o posicionamento da marca, a valorização e a incorporação do design no processo produtivo.

A competição a nível global (marcada pela concorrência asiática) que se concretizou nos anos 2000 fez com que o Brasil pensasse no reposicionamento do setor. Foi criado em 2000 o Fórum de Competitividade da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções¹¹ que elaborou uma agenda de ações para o desenvolvimento do setor. Entre elas estavam as macrometas de aumentar os postos de trabalho até 2011 e o nível de exportação até 2008.

De acordo com a Abit, atualmente o Brasil possui a maior cadeia têxtil completa do mercado ocidental, ou seja, possui internamente todas as fases do processo produtivo que vai desde a plantação de algodão, até os desfiles de moda. O país se destaca mundialmente nos segmentos de moda praia, jeans, artigos de casa e, mais recentemente, nas linhas fitness e lingerie.

Segundo os dados divulgados pela Abit, em 2018 a cadeia têxtil e de confecção do país faturou US\$ 48,3 bilhões e foram realizados investimentos no setor no total de US\$ 894,4 milhões. Além disto, a produção anual de confecção atingiu, em média, 8,9 bilhões de peças, e a produção têxtil atingiu 1,2 milhão de toneladas.

Em relação ao setor de calçados, segundo a Abicalçados, em 2018 foram consumidos em média 4,0 pares de sapato por habitante no Brasil. Naquele ano foram produzidos internamente 904 milhões de pares, posicionando o país como o 4º maior produtor de calçados e o 11º exportador (no quesito milhões de pares).

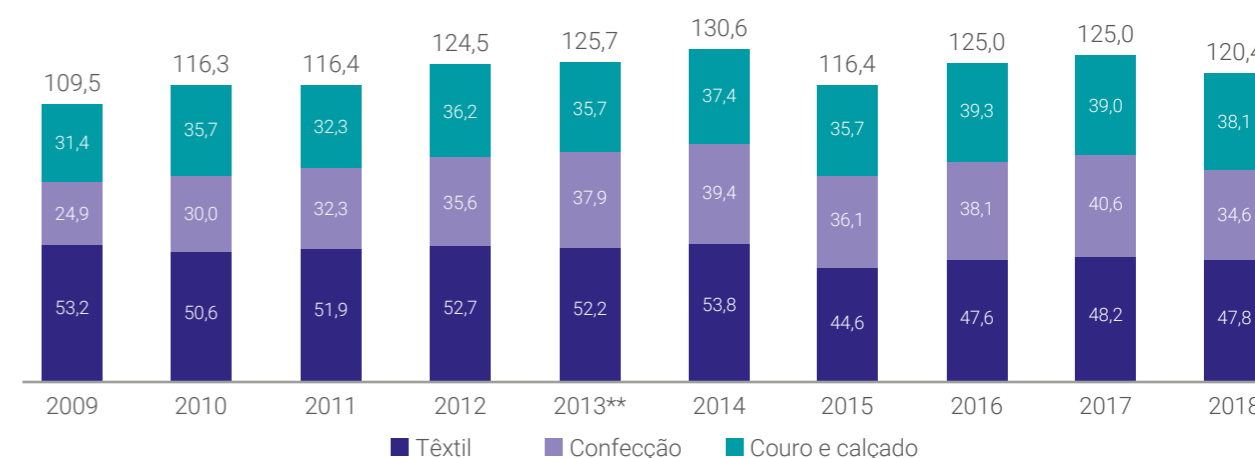
3.1. Produção

Na série histórica de 2009 a 2018, a produção do setor de Confecção, Têxtil e Calçado nacional registrou uma trajetória média de crescimento até 2014. No entanto, em 2015, o setor perdeu o ritmo e retornou a patamares parecidos com os de 2010 e 2011, período pós-crise de 2009, e voltou a recuperar-se nos anos seguintes¹². Em 2018, o valor da produção total do setor atingiu R\$ 120,4 bilhões, valor 10,0% acima do registrado em 2009. Deste total, 39,7% pertence ao setor têxtil, 31,6% ao setor de couro e calçado e 28,7% ao de confecção.

A redução da produção e das vendas do setor em 2015 refletiu o comportamento do consumidor que, além de diminuir o consumo da produção doméstica, também diminuiu as importações dos artigos têxteis e do vestuário. Além disso, na

indústria, o número de empregos e a quantidade de estabelecimentos do setor também reduziram neste período. De acordo com o Sebrae, alguns fatores da economia nacional em 2015 impactaram a indústria da moda e o comércio, tais como: o reajuste nas contas de energia (que elevou os custos de produção), a alta do dólar (que encareceu a importação de matéria-prima), o ajuste das contas do governo (que diminuiu os incentivos) e o aumento dos juros (que encareceu o crédito).

Gráfico 5 - Valor da produção industrial do setor de Confecção, Têxtil e Calçado brasileiro, 2009 a 2018 - em R\$ bilhões*



(*) Valores deflacionados pelo IPP

(**) Mudança de metodologia de Prodlist (IBGE) entre os anos 2013 e 2014

Fonte: PIA - IBGE

Elaboração: Ideies / Findes

¹⁰ Entre os motivos para o aumento da importação de algodão na década de 1990 estão: liberdade de importação, barateamento da matéria estrangeira em decorrência da valorização cambial, disponibilidade de crédito para importação, baixo investimento na atividade de cotoni-cultura e aumento de custo de produção devido aos encargos fiscais (Nagay, 1999).

¹¹ Este Fórum originou-se do Programa Brasil Classe Mundial do Governo Federal, e fazia parte dos Planos Plurianuais nos períodos 2000-2003 e 2004-2007. Veja mais sobre esse Fórum em Antero, 2006.

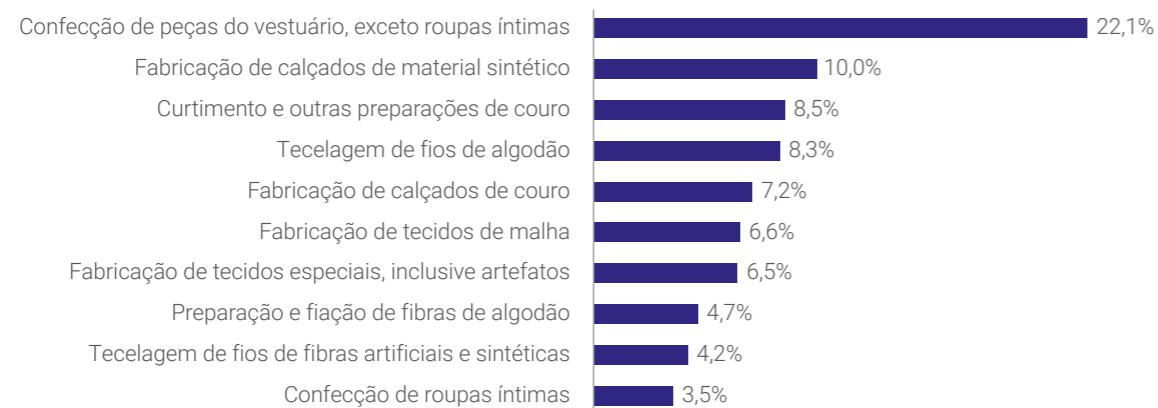
¹² De acordo com o relatório da Abicalçados (2019, p. 17), "os crescimentos da produção (de calçados) em 2017 e 2018, por serem pouco representativos, foram insuficientes para recuperar as retrações de 2014 a 2016, que acumularam queda de 9,4%. De tal modo, o setor ainda não voltou aos patamares anteriores a 2014, quando a produção alcançava cerca de 1 bilhão de pares".

A atividade com o maior valor de produção é a confecção de peças do vestuário (exceto roupas íntimas), que respondeu por 22,1% de toda a produção do setor em 2018. Os artigos confeccionados são diversos, e os destaques nacionais fabricados nesta atividade são: blusas, camisas e camisetas, bermudas, jardineiras e shorts, calças

compridas, vestidos e roupas de praia (maiôs, biquínis, calções e sungas).

A segunda atividade com o maior valor de produção em 2018 foi a fabricação de calçados de material sintético (10,0%), puxado pelas sandálias e chinelos sintéticos e pelos calçados femininos de plástico. A terceira foi o curtimento e outras preparações do couro (8,5%), com destaque para os couros e peles de bovinos e equídeos (em vários estados: seco, curtido no cromo e após curtimento ou secagem).

Gráfico 6 - Principais atividades da produção do setor de Confecção, Têxtil e Calçado brasileiro em 2018 (em %)



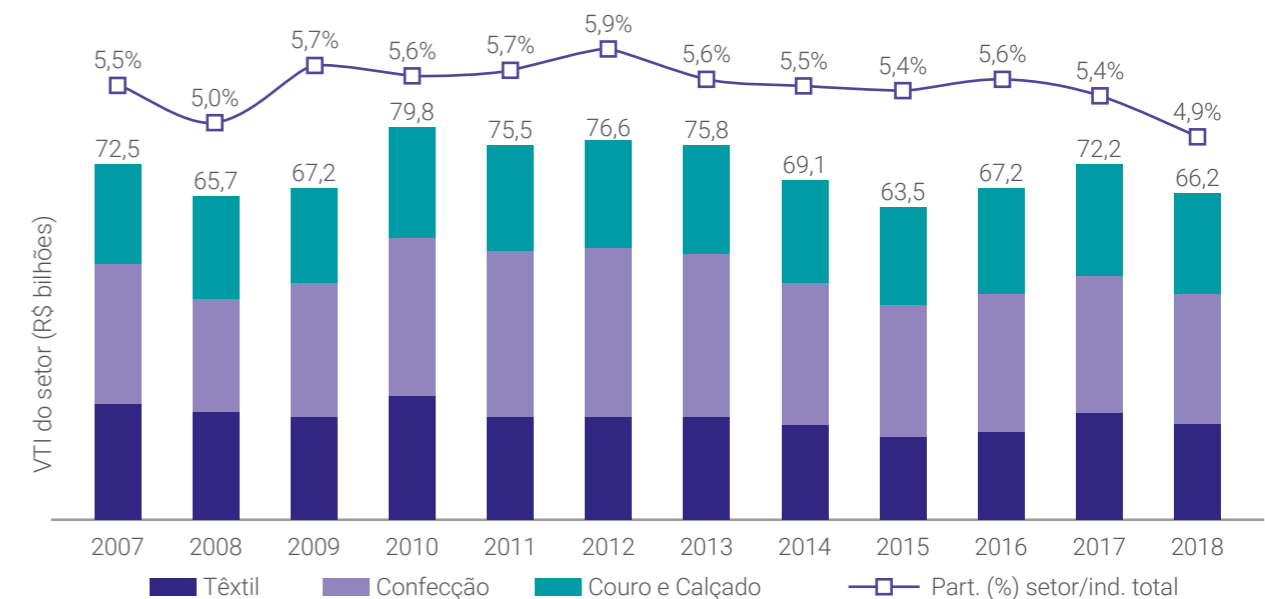
Fonte: PIA – IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

Outra variável relevante na análise sobre produção é o Valor de Transformação Industrial (VTI). De acordo com o IBGE, o VTI corresponde à diferença entre o Valor Bruto de Produção Industrial (receita líquida das vendas de produtos e serviços industriais somados aos estoques), e o Custo das Operações Industriais. O VTI consiste em uma variável que retrata o valor acrescido aos insumos industriais durante o processo produtivo.

Em 2007, o VTI do setor nacional foi de R\$ 72,5 bilhões e respondeu por 5,5% de todo o VTI da indústria brasileira. Em 2018, o VTI do setor registrou o valor de R\$ 66,2 bilhões e correspondeu a 4,9% do VTI da indústria brasileira. Apesar de algumas oscilações no VTI de 2007 a 2018, o setor manteve sua participação na indústria em torno de 5,5% neste período.

Observa-se, através do Gráfico 7, que o setor não apresentou uma evolução quanto ao seu VTI no período analisado. Concomitantemente, o VTI individual dos segmentos têxtil, confecção e couro e calçados também não registrou mudanças relevantes no período. A participação do VTI do setor no total da indústria brasileira permaneceu relativamente estável de 2007 a 2018.

Gráfico 7 - Valor de Transformação Industrial do setor Confecção, Têxtil e Calçado no Brasil e sua participação (%) na indústria geral, 2007 – 2018 (a preços R\$ bilhões de 2018*)



(*) Valores deflacionados pelo deflator implícito da PIM-PF. Valores referentes às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas. Fonte: PIA – IBGE. Elaboração: Ideies / Findes

3.2. Empregos e estabelecimentos industriais

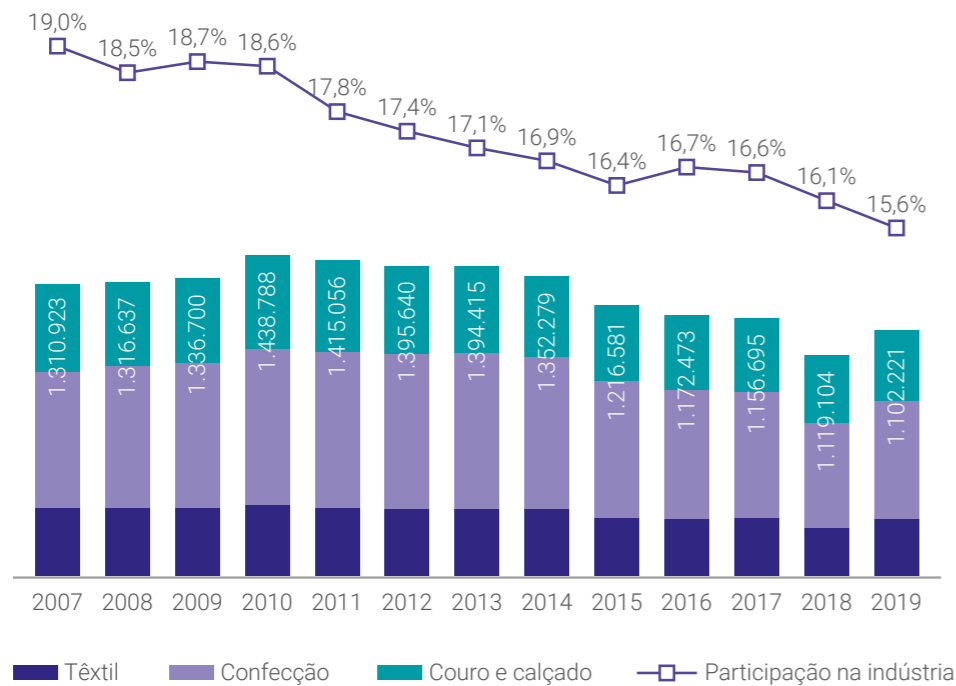
O setor de Confecção, Têxtil e Calçado é destaque na geração de empregos no Brasil. Em 2019, havia no país 63.641 empresas industriais e 1.102.221 funcionários empregados formalmente na indústria desse setor. Estes valores correspondem a 19,4% dos estabelecimentos industriais¹³ e a 15,6% de todos os empregos na indústria daquele ano¹⁴.

Apesar desses números relevantes para a economia nacional, o setor perdeu participação no mercado de trabalho no período recente. Em 2007, chegou a representar 19,0% dos empregos industriais e foi perdendo participação gradual ao longo do período. Similarmente, as empresas, que representaram 25,0% de todos os estabelecimentos industriais do país nos anos 2008 e 2009, reduziram 5,6 pontos percentuais de participação até 2019.

¹³ Neste estudo, assume-se indústria como o aglutinamento da indústria extrativa e da indústria de transformação.

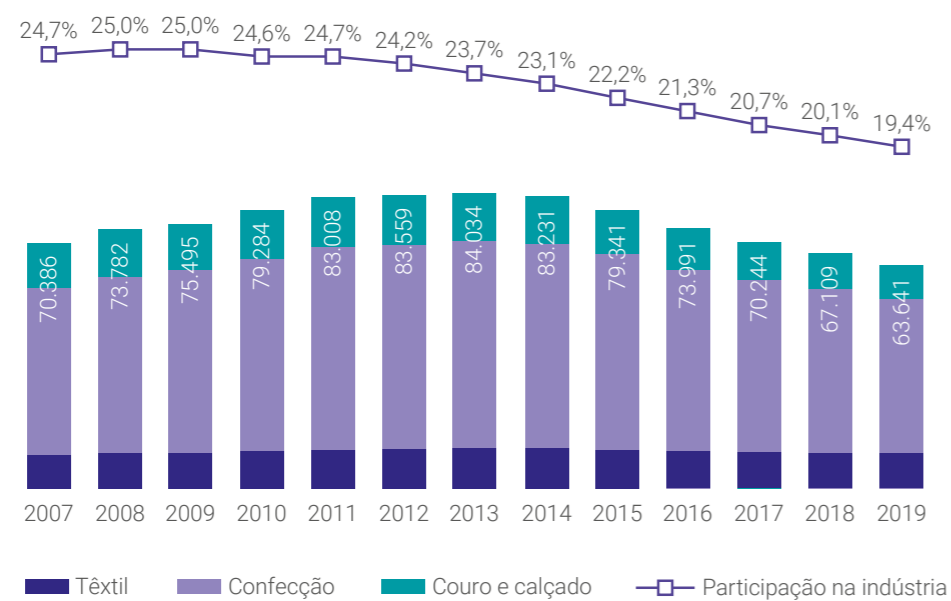
¹⁴ Considerando o total de estabelecimentos e empregos formais de toda a economia, ou seja, incluindo também o comércio, a agricultura, os serviços e outras atividades, o setor industrial de Confecção, Têxtil e Calçado representou 1,7% de todas as empresas e 2,6% de todos os empregos formais em 2019.

Gráfico 8 - Número de empregos do setor Confeção, Têxtil e Calçado e participação na indústria- Brasil, 2007 – 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Gráfico 9 - Número de estabelecimentos do setor Confeção, Têxtil e Calçado e participação na indústria- Brasil, 2007 – 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Em 2019, os cinco estados com os maiores números de empresas do setor estavam localizados no eixo sul-sudeste do Brasil e concentraram 70,8% dessas empresas: São Paulo (26,4%), Santa Catarina (14,4%), Minas Gerais (13,5%), Rio Grande do Sul (9,1%) e Paraná (7,4%).

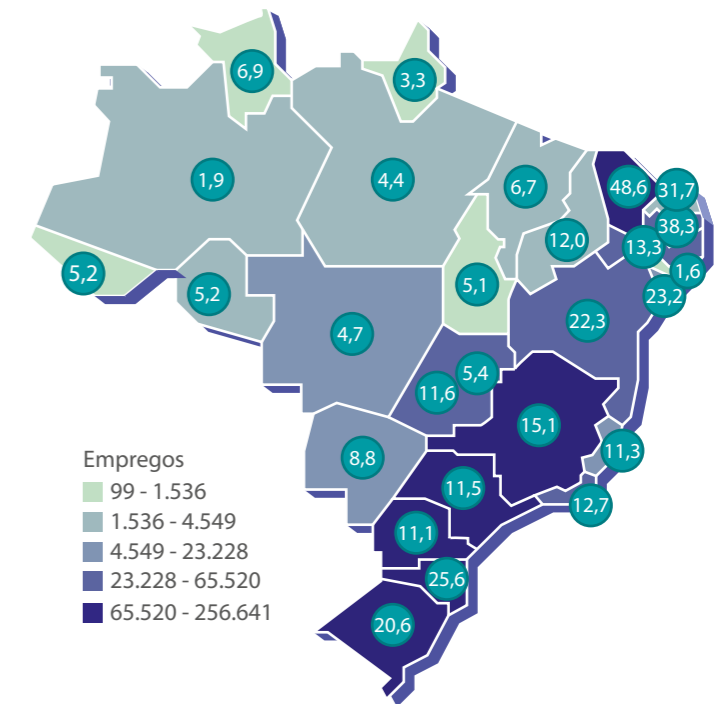
No que diz respeito aos empregos, seis estados foram responsáveis por 77,7% dos postos de trabalho naquele ano: São Paulo (23,3%), Santa Catarina (15,5%), Rio Grande do Sul (11,6%), Minas Gerais (10,9%), Ceará (10,1%) e Paraná (6,3%).

De acordo com a Abit, as indústrias têxtil e de confecção estão concentradas no Sudeste do Brasil em decorrência da proximidade com o mercado consumidor, também localizado nesta região, bem como da proximidade com centros de distribuição para os demais estados do país.

Sobre a representatividade do setor em cada estado, observa-se que o estado do Ceará é aquele em que o setor é mais expressivo em relação às suas próprias indústrias e empregos locais. Em 2019, 48,6% dos empregos e 31,0% das empresas daquele estado pertenciam ao setor, com destaque para o segmento de Calçados.

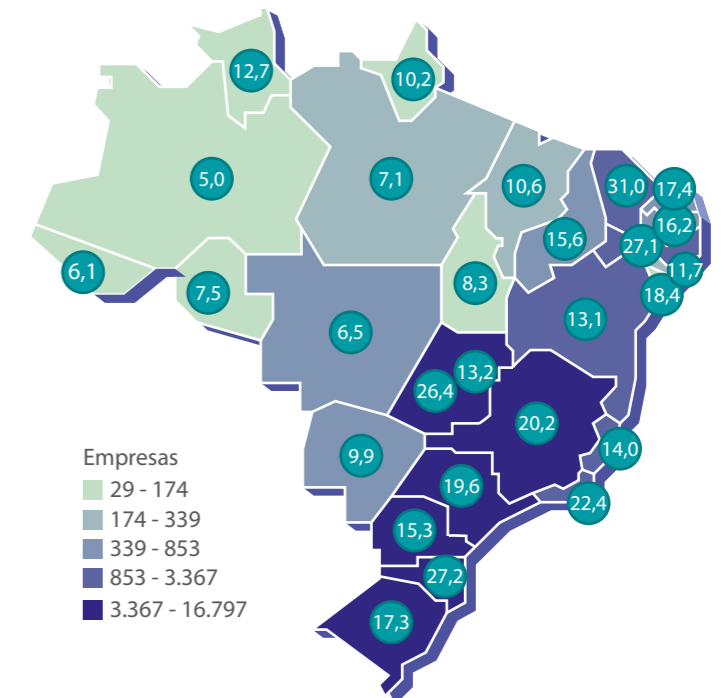
Os gráficos ao lado apresentam a distribuição de empregos e empresas do setor no território nacional, bem como a sua importância (mensurada pela representatividade local) em cada estado brasileiro.

Figura 3 – Distribuição no território nacional e participação local* dos empregos do setor de Confeção, Têxtil e Calçado, 2019



(* Total de empregos do setor em relação ao total de empregos industriais do estado.
Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Figura 4 - Distribuição no território nacional e participação local* das empresas do setor de Confeção, Têxtil e Calçado, 2019



(* Total de empresas do setor em relação ao total de empresas industriais do estado.
Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

A partir da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o setor empregou mais de 1.000 tipos diferentes de ocupações em 2019. Foram 119 mil funcionários formais na ocupação de costureiro na confecção em série e quase 95 mil na de costureiro a máquina na confecção em série. Juntas, corresponderam a 19,4% do total de ocupações do setor.

Gráfico 10 – As 10 principais ocupações do setor industrial de Confecção, Têxtil e Calçado do Brasil em 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

3.3. Comércio Exterior

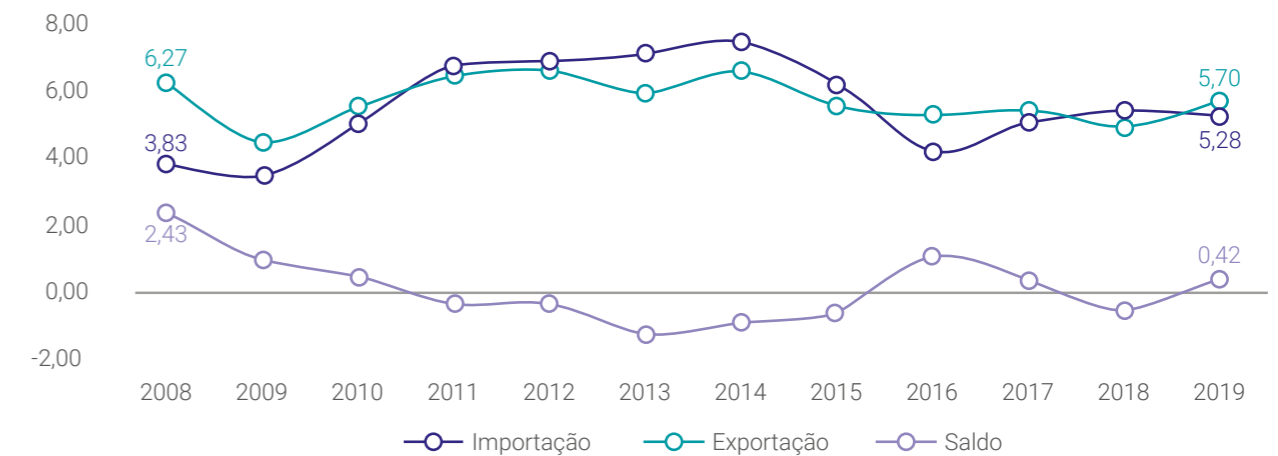
O saldo da balança comercial do setor de Confecção, Têxtil e Calçado no Brasil permaneceu superavitário de 2008 a 2010, porém com trajetória decrescente, até que em 2011 tornou-se deficitário e permaneceu assim até 2015. Em 2016 e 2017, o saldo retornou aos patamares positivos, entretanto, em 2018, resultou em déficit. Em 2019, a balança comercial do setor registrou saldo positivo de US\$ 418 milhões, diante de um aumento de 14,9% nas exportações e redução de -3,5% das importações, ambas em comparação com 2018.

Em decorrência da guerra comercial entre China e Estados Unidos (potencializada durante o ano de 2019), que resultou na elevação da taxa de produtos exportados chineses (principalmente os calçados), os Estados Unidos aumentaram as importações dos produtos brasileiros, viabilizadas também pela desvalorização do real frente ao dólar.

O desempenho da balança do setor nacional foi, em grande medida, influenciado pelas importações, uma vez que as exportações permaneceram no intervalo entre US\$ 4,5 bilhões e US\$ 6,7 bilhões. De 2011 a 2015, as importações dos produtos relacionados ao setor atingiram os maiores patamares da série histórica, sendo o ano de 2014 o mais expressivo com US\$ 7,5 bilhões importados.

Este período foi marcado pela expansão dos produtos manufaturados chineses no comércio mundial. No caso de artigos do vestuário, o preço mais baixo das mercadorias (em razão do baixo custo de mão de obra e matéria prima sintética) possibilitou sua forte aderência pelo mercado consumidor.

Gráfico 11 - Exportação, importação e saldo do setor de Confecção, Têxtil e Calçado no Brasil, 2008-2019 (em US\$ Bilhões)

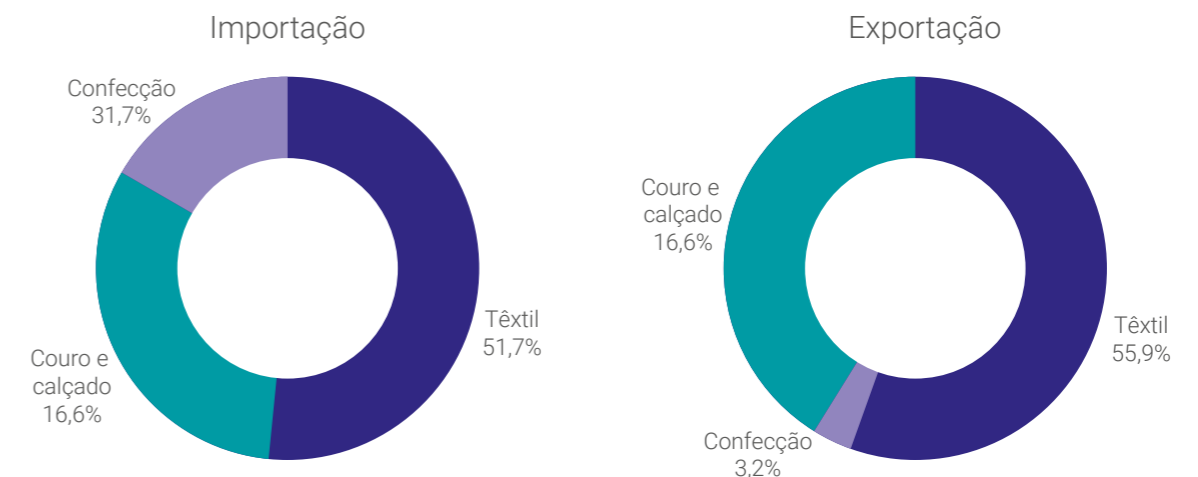


Fonte: Funcex
Elaboração: Ideies / Findes

Em 2019, os artigos têxteis foram responsáveis por 51,7% das importações do setor no Brasil, enquanto as exportações desses artigos atingiram 55,9%. Entretanto, tratam-se de produtos diferentes entre os comprados e os

vendidos internacionalmente. Com aproximadamente US\$ 2,7 bilhões exportados, os fios de fibra de algodão foram os principais produtos vendidos pelo país em 2019. Entretanto, do lado das importações, estão os tecidos (US\$ 767,66 milhões) e fibras sintéticas e artificiais (US\$ 397,91 milhões), os tecidos especiais (US\$ 537,33) e os tecidos de malha (US\$ 374,11 milhões).

Gráfico 12 - Composição das importações e exportações do setor Confecção, Têxtil e Calçado brasileiro, 2019



Fonte: Funcex
Elaboração: Ideies / Findes

Tabela 3 - Principais produtos do setor importados pelo Brasil em 2019

Rank.	Principais produtos importados (CNAE)	US\$ mi FOB	Part. %	Principais estados compradores e suas participações (%)	Principais países vendedores e suas participações (%)
1º	Confeção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	1.282,17	24,3%	São Paulo (47,6%); Santa Catarina (34,7%); Alagoas (4,8%)	China (52,8%); Bangladesh (9,8%); Vietnã (5,4%)
2º	Tecelagem de fios de fibras artificiais e sintéticas	767,66	14,5%	Santa Catarina (35,9%); Espírito Santo (19,7%); Mato Grosso do Sul (12,9%)	China (84,8%); Taiwan (4,5%); Paraguai (2,0%)
3º	Fabricação de tecidos especiais, inclusive artefatos	534,33	10,1%	São Paulo (39,3%); Santa Catarina (22,1%); Rio Grande do Sul (9,1%)	China (40,5%); Estados Unidos (8,9%); Argentina (6,7%); Israel (6,6%); Alemanha (6,1%)
4º	Fiação de fibras artificiais e sintéticas	397,91	7,5%	Santa Catarina (81,4%); São Paulo (5,2%); Mato Grosso do Sul (3,5%)	Indonésia (39,2%); China (35,3%); Vietnã (9,3%); Índia (7,6%)
5º	Fabricação de tecidos de malha	374,11	7,1%	Santa Catarina (38,9%); Espírito Santo (17,2%); Mato Grosso do Sul (16,6%)	China (94,0%); Coreia do Sul (1,7%)
Total		3.356,19	63,6%		

Fonte: Funcex
Elaboração: Ideies / Findes

Responsável por 40,9% das exportações brasileiras do setor, os artefatos de couro e os calçados foram vendidos para 169 países diferentes em 2019. Entre os principais compradores estavam: Estados Unidos, China, Itália, Argentina, Alemanha, França, Chile e Bolívia. Os estados que mais venderam esses artigos para o mundo foram: Rio Grande do Sul, Ceará e São Paulo.

Tabela 4 - Principais produtos do setor exportados pelo Brasil em 2019

Rank.	Principais produtos exportados (CNAE)	US\$ mi FOB	Par. %	Principais estados vendedores e suas participações (%)	Principais países compradores e suas participações (%)
1º	Preparação e fiação de fibras de algodão	2.661,80	46,7%	Mato Grosso (60,0%); Bahia (21,5%); São Paulo (6,9%)	China (30,7%); Vietnã (13,3%); Indonésia (12,7%); Bangladesh (11,6%)
2º	Curtimento e outras preparações de couro	1.144,14	20,1%	Rio Grande do Sul (26,7%); São Paulo (15,9%); Goiás (14,3%); Paraná (12,7%)	China (25,1%); Estados Unidos (17,1%); Itália (17,0%)
3º	Fabricação de calçados de material sintético	441,16	7,7%	Ceará (34,3%); Rio Grande do Sul (31,0%); Paraíba (14,4%)	Argentina (11,0%); Estados Unidos (6,8%); Bolívia (6,2%); Paraguai (5,9%)
4º	Fabricação de calçados de couro	405,27	7,1%	Rio Grande do Sul (60,4%); São Paulo (18,0%); Ceará (14,1%)	Estados Unidos (38,6%); França (9,7%); Chile (6,9%)
5º	Fabricação de tecidos especiais, inclusive artefatos	177,19	3,1%	São Paulo (42,6%); Paraná (18,4%); Rio Grande do Sul (14,6%); Santa Catarina (12,7%)	Argentina (33,5%); Chile (13,6%); Colômbia (7,0%); Estados Unidos (6,2%)
Total		4.829,56	84,8%		

Fonte: Funcex
Elaboração: Ideies / Findes





Capítulo 4

O SETOR DE CONFECÇÃO, TÊXTIL E CALÇADO NO ESPÍRITO SANTO

O avanço das atividades de Confeção, Têxtil e Calçado não ocorreu rapidamente no Espírito Santo. Com dinâmica lenta na década de 1950, a produção industrial do setor estava centralizada em três fábricas: uma localizada em Vitória, a Camisaria Braizer, e as outras duas em Colatina, a Fábrica de Camisas Capixabas e a Frasa Confeção Ltda. - todas já extintas (BANDES, 1981).

Às margens do setor agrícola, sobretudo da atividade cafeeira, o setor do vestuário atendia aos trabalhadores rurais que, especialmente em épocas de colheita, demandavam as vestimentas. Além das roupas, atendia, também, o setor agrícola fabricando sacos de jutas para as embalagens dos alimentos – não só do mercado local, como também para fora das fronteiras capixabas (Vilaça e Dadalto, 2001).

No entanto, foi a partir de 1970 que ocorreu uma mudança estrutural do setor, com o surgimento de novas unidades de produção e especificação de fabricação de artigos, como as camisarias, as calças de “índigo blue”¹⁵ e os artigos de casa (BANDES, 1981).

A crise do café da década de 1960, marcada pela política federal da erradicação dos pés de café, levou muitas famílias agricultoras do interior do

estado a emigrarem para os centros urbanos¹⁶. O inchaço populacional desses centros, entre os mais diversos pontos de vista, tornou-se um potencial mercado consumidor. Além deste fator, outros podem ser destacados para a consolidação do setor: baixos níveis salariais, baixo custo de maquinário, aluguéis de terrenos periféricos mais em conta, e disponibilidade de mão de obra, especialmente a feminina.

O setor do vestuário no Espírito Santo começou a se tornar relevante para o processo de desenvolvimento do estado a partir dos anos 1970 (FERRETI, 2006). No início desta década, o estado estava imerso no seu processo incipiente de industrialização, marcado pela transição de uma economia exportadora de café para o fortalecimento dos setores tradicionais existentes, focado no abastecimento do mercado interno. Já na segunda metade desta década, as grandes indústrias (siderurgia, mineração e celulose) instalaram-se em solo capixaba com o advento do Segundo Plano de Desenvolvimento Nacional (II PND), marcando uma nova etapa no processo de industrialização do estado (Ideies, 2018).

Com este plano de fundo, o vestuário consistia em um setor tradicional, caracterizado por uma baixa relação capital/trabalho que, juntamente

¹⁵ Calça azul no tom de cor índigo, obtido a partir de um corante vegetal de tonalidade azul.

¹⁶ Estima-se que a população rural do Espírito Santo passou de 1.101.887 pessoas em 1960, para 576.931 em 1990 (Rocha e Morandi, 2012. p. 149).

com os setores de madeira, mobiliário, artigos de perfumaria e produtos alimentares e bebidas, existiam nos anos 1970 para atender à demanda por bens de consumo finais.

Em contrapartida, o padrão de consumo da elite capixaba estava relacionado com as lojas de departamentos, então de poucas unidades na cidade. Uma das primeiras a se ter registro é a Casa Helal Magazin, uma grande loja varejista que detinha dos mais diversos artigos, de grande maioria importada. Também havia a Doll Sport e a Mesbla Magazine; a primeira capixaba, a segunda, carioca (Ferreira, 2019).

A década de 1980 marca a consolidação de duas regiões produtivas do setor, os quais se estendem até os dias de hoje. Um deles localiza-se na Região Metropolitana de Vitória, especificamente nos municípios de Vitória e Vila Velha, enquanto o outro encontra-se na Região de Colatina. Em 1980, do total de 129 confecções, 53 estavam na Grande Vitória, 48 em Colatina, 5 em Nova Venécia, 8 em Linhares e 15 em Cachoeiro de Itapemirim (BANDES, 1981). A primeira região especializou-se, inicialmente, nos segmentos de uniformes profissionais e escolares, porém atua nos dias de hoje com uma produção diversificada. A segunda iniciou na produção de camisas, calças e artigos de casa¹⁷, mas conta atualmente com a produção de jeans, roupas de malha, roupas sociais e os serviços relacionados ao setor, como de lavanderia e de estampa (SEBRAE, 2007).

Colatina foi o município que apresentou a maior evolução neste período. Um total de 30 novas empresas foram instaladas, a mão de obra local passou a ficar mais qualificada e reconhecida, a comercialização dos produtos locais mais atrativa, e os serviços especializados em manutenção e reparação dos maquinários também se tornaram um diferencial da região.

No dia 20 de janeiro de 2012, o Governador do Estado do Espírito Santo daquele ano, José Renato Casagrande, assinou a Lei 9.786¹⁸ que concede à cidade de Colatina o título de Capital Estadual de Polo de Confecções.

Outro centro regional importante para o setor vestuário capixaba, Cachoeiro de Itapemirim, ganhou destaque na década de 1990 com a expansão das lojas da fábrica Calçados Itapuã para outros estados brasileiros. Esta empresa, fundada como uma oficina na cidade em 1956, tornou-se referência nacional na produção de sandálias de couro, sobretudo a partir de 1970.

Outro destaque do setor na década de 1990 é a Braspérola Indústria e Comércio S/A, fabricante de produtos de linho e sintéticos localizada em Cariacica que ficou reconhecida internacionalmente, sendo a França um dos principais países compradores dessas mercadorias. Contudo, no início dos anos 2000, a empresa teve falência decretada pela Justiça.

De cunho social, este setor é marcado pela intensa utilização de recursos humanos. Em muitos casos, as fábricas tiveram origens nas dependências domésticas, e as grandes lojas em pequenos comércios – ambos durante o movimento do êxodo rural. A configuração administrativa desses estabelecimentos era de cunho familiar, notoriamente repetindo a experiência da propriedade rural marcada pelas relações de parentesco.

Atualmente, o setor se encontra pulverizado em todo o território capixaba, fato este que o torna um vetor do desenvolvimento regional, por promover o emprego e a renda locais. O fato da maioria das confecções no estado serem de pequeno porte somado ao fato de serem nume-

rosos, faz com que o mercado local atual seja compartilhado entre diversos players. Sobre o mercado de calçados, o padrão atual é diferente daquele das confecções, pois o número de empresas desse segmento é reduzido e possuem porte maior. Dessa forma, o mercado de calçados capixaba é fatiado entre grandes e poucas empresas. São muitas as marcas de

roupas e sapatos capixabas que vêm se destacando no cenário nacional e internacional, as quais possuem a maior parte do processo produtivo internalizada no estado.

Os dados mais recentes sobre o desempenho deste setor no Espírito Santo são analisados nas seções que seguem.

4.1. Produção Industrial

Ainda que com alguns altos e baixos na última década, a produção do setor de Confecção, Têxtil e Calçado no estado é voltada para atender majoritariamente aos mercados local e nacional, que buscam cada vez mais uma moda confortável, personalizada e compatível com as tendências.

Um importante indicador para medir a evolução da produção industrial é o Valor de Transformação Industrial (VTI). O VTI representa o acréscimo de valor ao produto durante o seu processo produtivo, e é mensurado pela diferença entre o valor bruto da produção e o custo da operação industrial.

De 2007 a 2018, o VTI do setor de Confecção, Têxtil e Calçado do Espírito Santo caiu -16,5%. Em 2018, o VTI do setor atingiu o valor de R\$ 353,4 milhões. Desse valor, R\$ 236,1 milhões são advindos das confecções, ou seja, 66,8% do total. Já têxtil e calçado ficaram com R\$ 39,0 milhões (11,0%) e R\$ 78,3 milhões (22,2%), respectivamente.

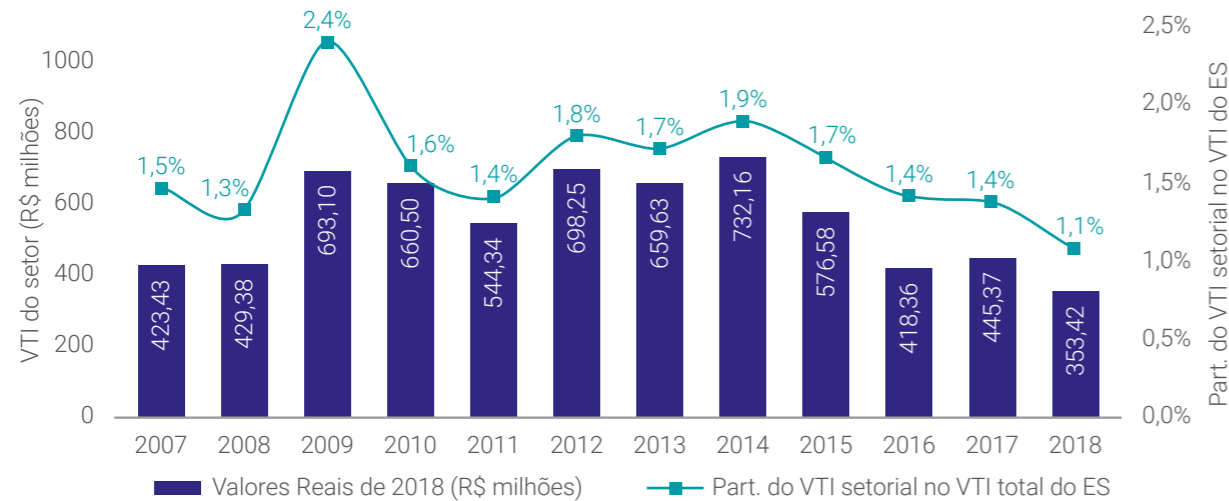
Em 2018, o setor de Confecção, Têxtil e Calçado representou 1,1% do VTI total da indústria do Espírito Santo. O segmento de confecção foi o que demonstrou a maior participação, correspondendo a 0,7% do VTI da indústria geral do estado. As demais atividades, têxtil e calçado, representaram 0,1% e 0,2% do VTI da indústria, respectivamente.

O VTI do setor apresentou um comportamento instável ao longo do período analisado. Em outras palavras, não é possível diagnosticar uma trajetória tipicamente crescente ou decrescente do VTI. Isto, pois a produção anual do setor oscilou ora positivamente e ora negativamente contra o ano anterior em questão. A variação positiva mais expoente consiste na passagem do ano de 2008 para 2009 e refere-se ao valor de 61,4%, ao passo que, a negativa apresentou maior expressão na passagem de 2015 para 2016, no valor de -27,4%.

¹⁷ Conhecido como a linha lar: cama, mesa e banho.

¹⁸ Lei no 9.786: <http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LO9786.html>

Gráfico 13 - Valor de Transformação Industrial do setor Confeção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2007 – 2018 (a preços R\$ milhões de 2018*)

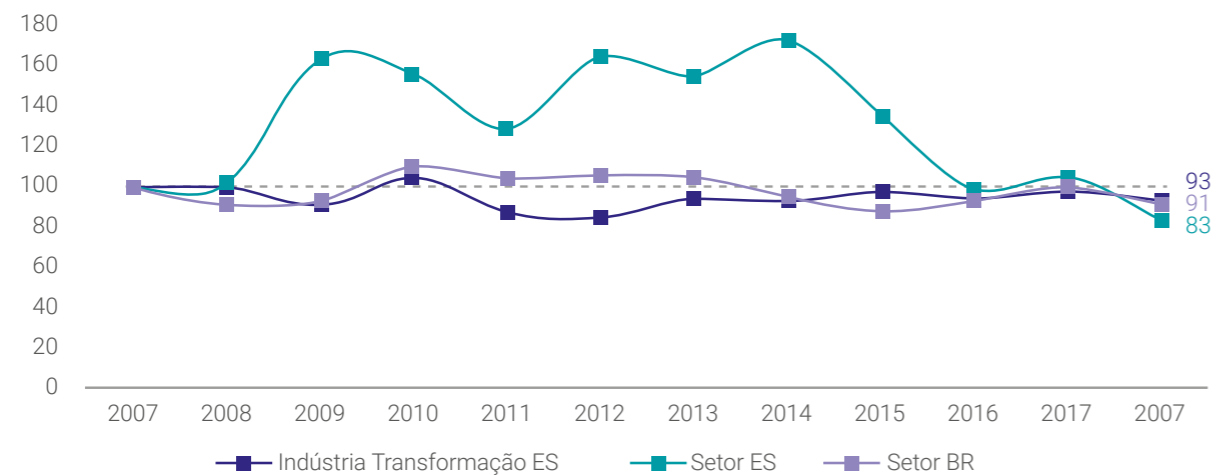


(*) Valores deflacionados pelo deflator implícito da PIM-PF.
Fonte: PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

Até o ano de 2015, o VTI do setor no estado apresentou desempenho superior ao verificado tanto pelo setor a nível nacional quanto pela própria indústria de transformação capixaba. De 2016 a 2018, o setor apresentou comportamento semelhante aos demais, com contração mais elevada no último ano da série histórica. Dessa forma, na média de 2007 a 2018, o VTI do setor apresentou uma taxa de crescimento anual de -1,5%. Esse re-

sultado foi influenciado pelos desempenhos negativos dos segmentos têxtil (-7,2% a.a.) e de confecção (-1,0% a.a.) ao longo da série, ao passo que o ramo de calçados apresentou taxa positiva de 2,2% a.a. Essas duas contrações nesse período são uma tendência observada em outros estados e países, provocada pelo aumento da inserção dos tecidos (principalmente sintéticos) e roupas asiáticos no mercado mundial.

Gráfico 14 - Evolução do VTI (número índice 2007 = 100)

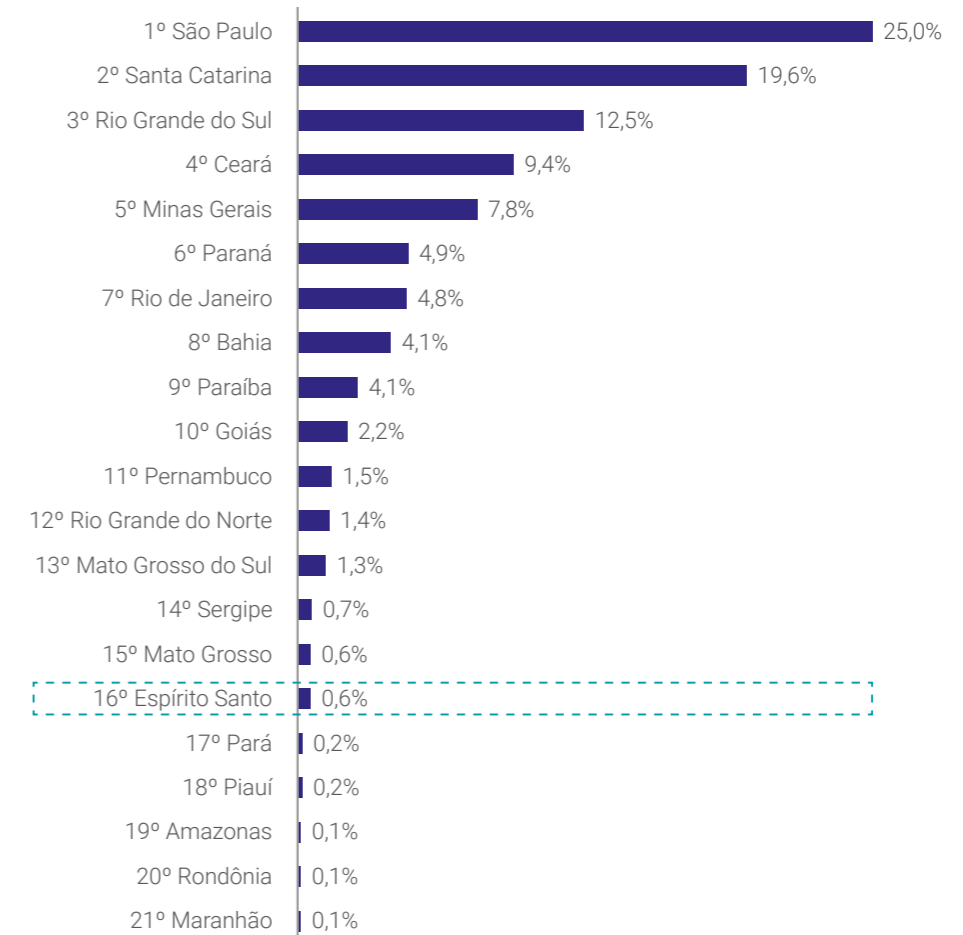


Fonte: PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

Em termos de representatividade nacional, o setor capixaba de Confeção, Têxtil e Calçado respondeu por 0,6% do VTI do setor brasileiro em

2018. Com este resultado, o Espírito Santo ocupou o 16º lugar no ranking de participação das unidades da federação no VTI do setor nacional.

Gráfico 15 – Valor de Transformação Industrial do setor Confeção, Têxtil e Calçado, 2017 - Ranking dos estados (% sobre o total do país)



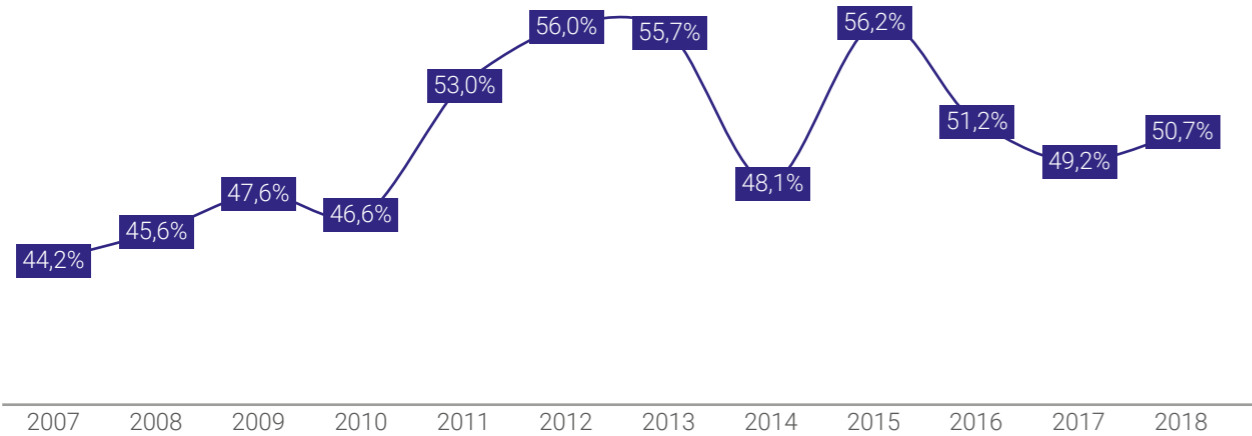
Fonte: PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

4.1.1 Valor Agregado na Produção

A relação entre o Valor de Transformação Industrial e o Valor Bruto da Produção Industrial (VBPI) é usualmente utilizado como uma medida do grau de adensamento de uma cadeia produtiva. A densidade da cadeia produtiva, por sua vez, está relacionada com a capacidade de um setor produtivo agregar valor à

sua produção total. Sendo assim, esta relação aponta o quanto aquele setor incorporou de valor à sua atividade produtiva. Quanto maior for a proporção, maior será o adensamento da cadeia e, quanto menor for a razão, mais baixa é a agregação de valor e assim, mais fracos estão os elos produtivos da indústria.

Gráfico 16 - Relação VTI/VBPI para o setor Confecção, Têxtil e Calçado - Espírito Santo, 2007 - 2018



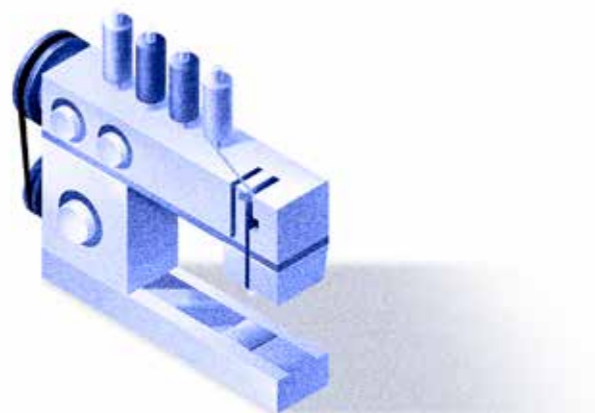
Fonte: PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

De 2007 para 2018, o setor de Confecção, Têxtil e Calçado apresentou uma melhora na relação VTI/VBPI ao passar de 44,2% para 50,7%, o que corresponde a um aumento de 6,5 p.p. Portanto, no período analisado, este setor aumentou a agregação de valor à sua produção. Isto significa que, em 2018, a cada R\$ 100 de valor bruto da produção, R\$ 50,7 foram gerados pelos setor e R\$ 49,3 se referem a custos, impostos e outras despesas envolvidas na produção.

A baixa geração de valor do setor é uma característica a este tipo de indústria que não possui a tecnologia como uma barreira à entrada. Isto, pois o investimento a ser feito em máquinas e

equipamentos não é tão elevado quanto comparado aos outros setores intensivos tecnologicamente (como o automotivo, por exemplo).

Outra questão fundamental que a razão entre VTI e VBPI expressa está relacionada com a importação de materiais utilizados nos processos produtivos. Isto quer dizer que, à medida que uma atividade econômica utiliza componentes importados na fabricação de seus produtos, ela tende a reduzir aquela razão. Quando isto acontece, ela está apenas aglutinando insumos que não são nacionais, e está deixando de agregar valor à produção local. Diretamente, toda esta discussão se correlaciona com o câmbio e o comércio exterior.



4.1.2 Produtividade do Trabalho na Indústria

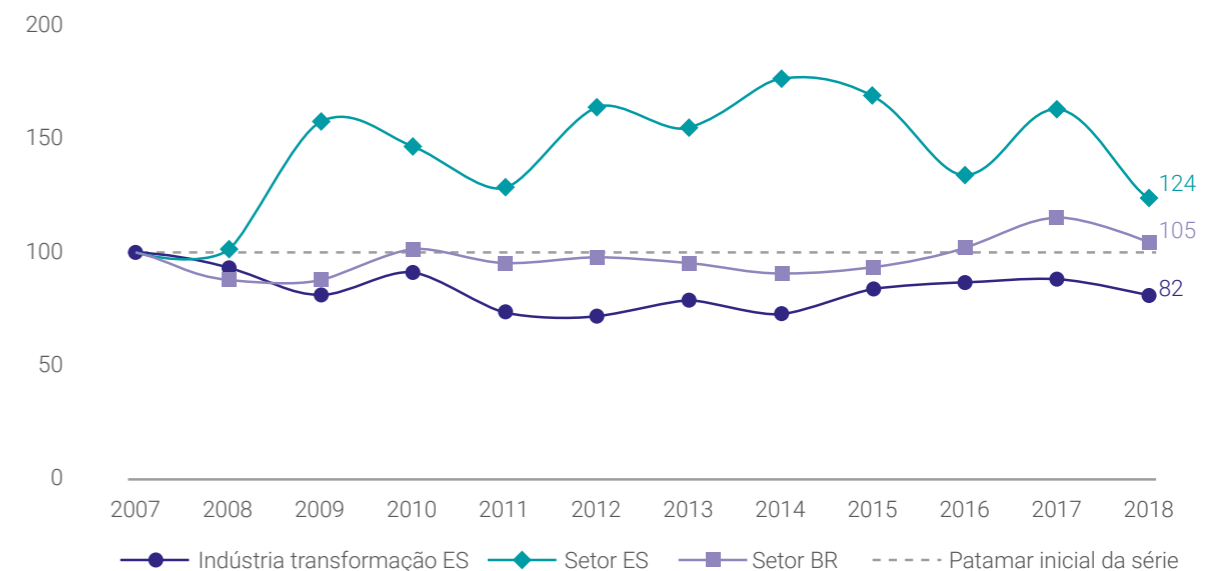
A produtividade do trabalho é mensurada pela razão entre o VTI e a quantidade de pessoal ocupado no setor, resultando em um número índice para cada ano da análise¹⁹. Desta forma, pode-se comparar o comportamento da produtividade do trabalho ao longo do período observado. Em 2018, cada trabalhador capixaba empregado nos segmentos têxtil, confecção e calçado produziu, em média, R\$ 38 mil, R\$ 24 mil e R\$ 54 mil, respectivamente. Na média do setor, a produtividade do trabalhador foi de R\$ 28 mil em 2018.

A evolução relativa da produtividade do setor no Espírito Santo foi superior às evoluções da produtividade da indústria de transformação do estado e da produtividade do setor nacio-

nal. Embora a produtividade no estado tenha aumentado nos últimos anos, esse valor ainda está abaixo do verificado em Santa Catarina (R\$ 72 mil), Ceará (R\$ 56 mil) e Paraná (R\$ 46 mil), e abaixo da média brasileira de, aproximadamente, R\$ 58 mil por trabalhador.

Embora conceitualmente o indicador meça a produtividade por trabalhador é importante ressaltar que o resultado dessa relação é determinado tanto pelas condições de contorno às quais o trabalhador está inserido, tais como a tecnologia do parque fabril, infraestrutura, entre outras, quanto pela estrutura da cadeia produtiva (quanto mais integrados estiverem os elos da cadeia, maior tende a ser a incorporação de valor à atividade produtiva).

Gráfico 17 - Evolução da produtividade do trabalho, Espírito Santo e Brasil (2007 = 100)

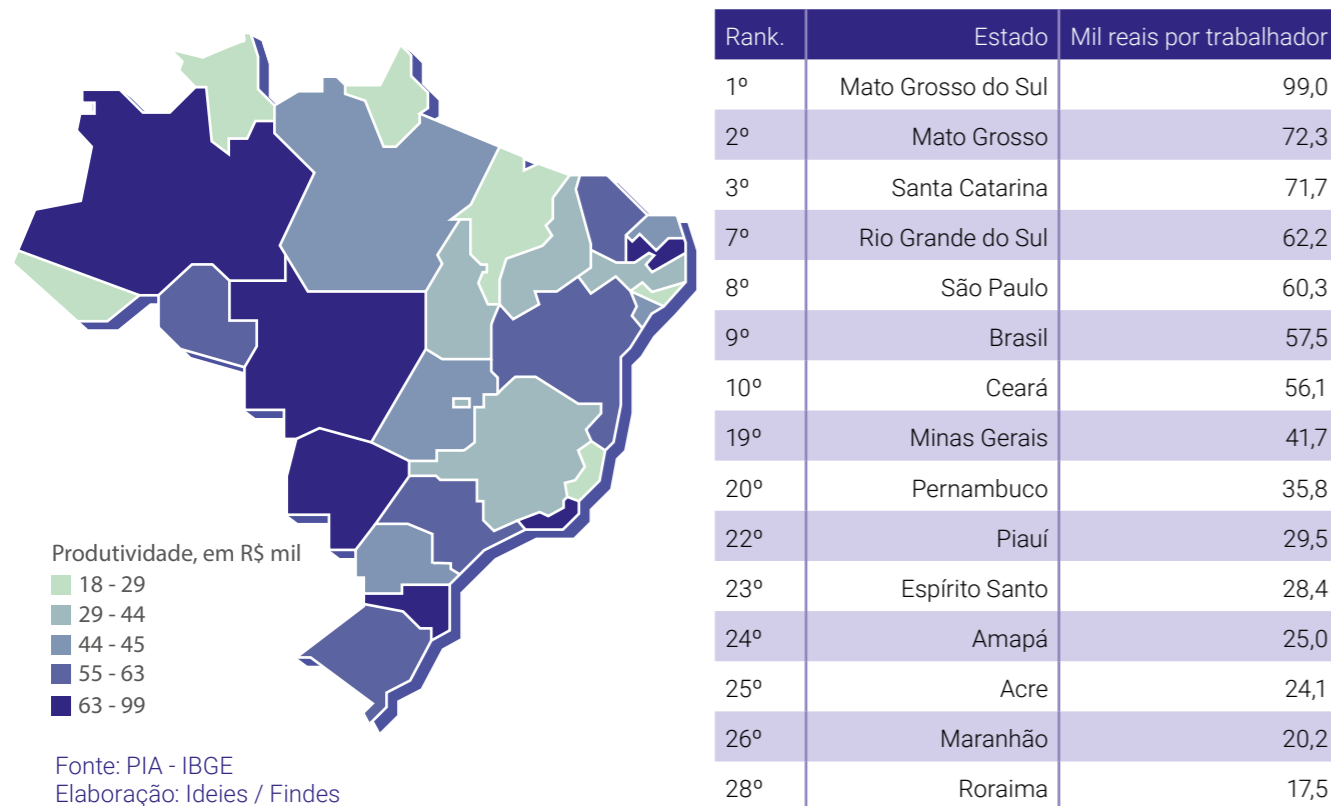


Fonte: PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

¹⁹ Em termos de número índice, o ano de 2007 foi transformado na base (=100) do período. Sendo assim, quando um valor encontra-se acima do patamar 100, ele indica que o segmento teve ganho de produtividade do

trabalho; em contrapartida, quando o valor situa-se abaixo de 100, aponta para perda de produtividade e, quando iguala-se à base, houve estabilidade.

Figura 5 - Produtividade do trabalho no Brasil e estados selecionados, 2018²⁰



4.2. Empresas e empregos na indústria

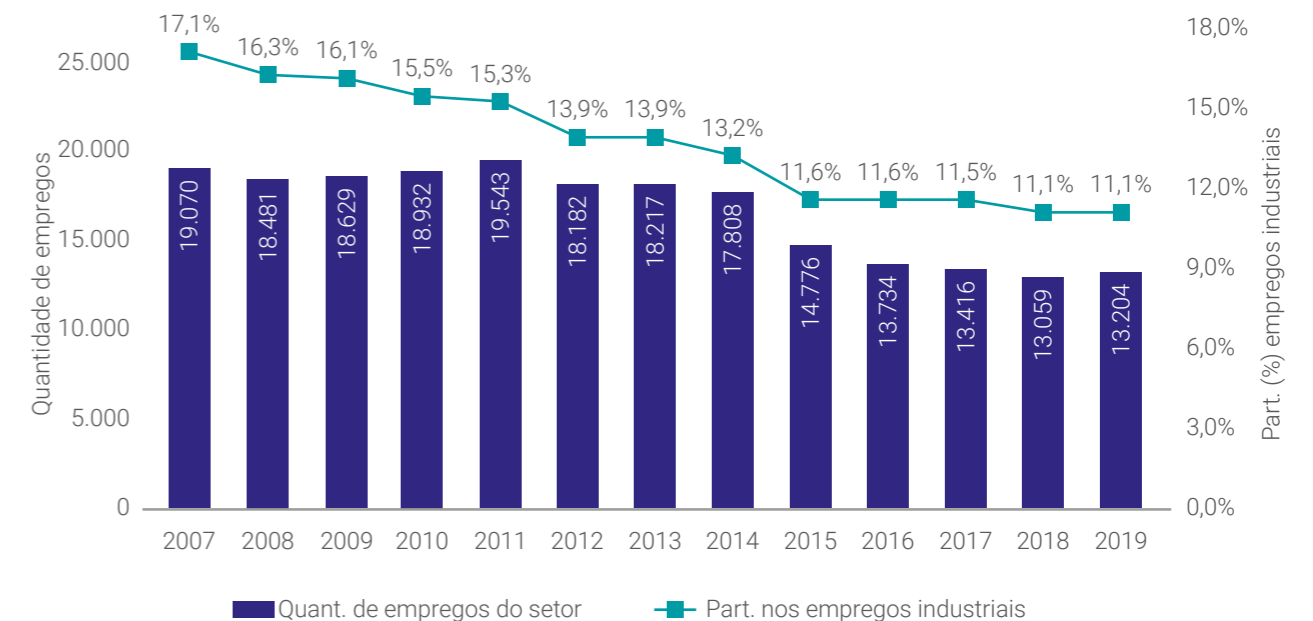
As empresas de Confecção, Têxtil e Calçado são importantes geradoras de mão de obra no Espírito Santo. Dada a característica da tecnologia empregada no setor nas últimas décadas, como o corte e a costura, a mão de obra demandada se caracterizou como pouco especializada²¹. Este fator, juntamente com o baixo custo de investimento em maquinário, simplificaram a barreira à entrada neste setor. Assim, há a significativa geração de empregos e quantidade de empresas, sobretudo as de micro e pequeno portes.

No ano de 2019, a indústria capixaba do setor Confecção, Têxtil e Calçado empregou formalmente 13.204 funcionários, ao passo que em 2007, este número era consideravelmente maior, totalizando 19.070 funcionários. Isto quer dizer que, ao longo do período analisado, o setor apresentou uma taxa de crescimento média anual negativa de -2,8% no número de empregos. Contudo, após 5 anos de quedas consecutivas, em 2019 número de empregos apresentou um crescimento de 1,1% em relação ao ano imediatamente anterior.

O segmento que mais concentrou postos de trabalho em 2019 foi o de confecção, com 78,8% dos empregos. Os segmentos têxtil e calçados ficaram com 9,5% e 11,7%, respectivamente.

O setor de Confecção, Têxtil e Calçado concentrou 11,1% de todos os empregos industriais do Espírito Santo em 2019. Apesar de representar uma parcela significativa dos vínculos ativos na indústria, o setor vem perdendo participação na geração de emprego. Em 2007, era responsável 17,1% dos postos de trabalho formais da indústria.

Gráfico 18 - Número de vínculos ativos do setor Confecção, Têxtil e Calçado e participação no emprego industrial - Espírito Santo, 2007 - 2019



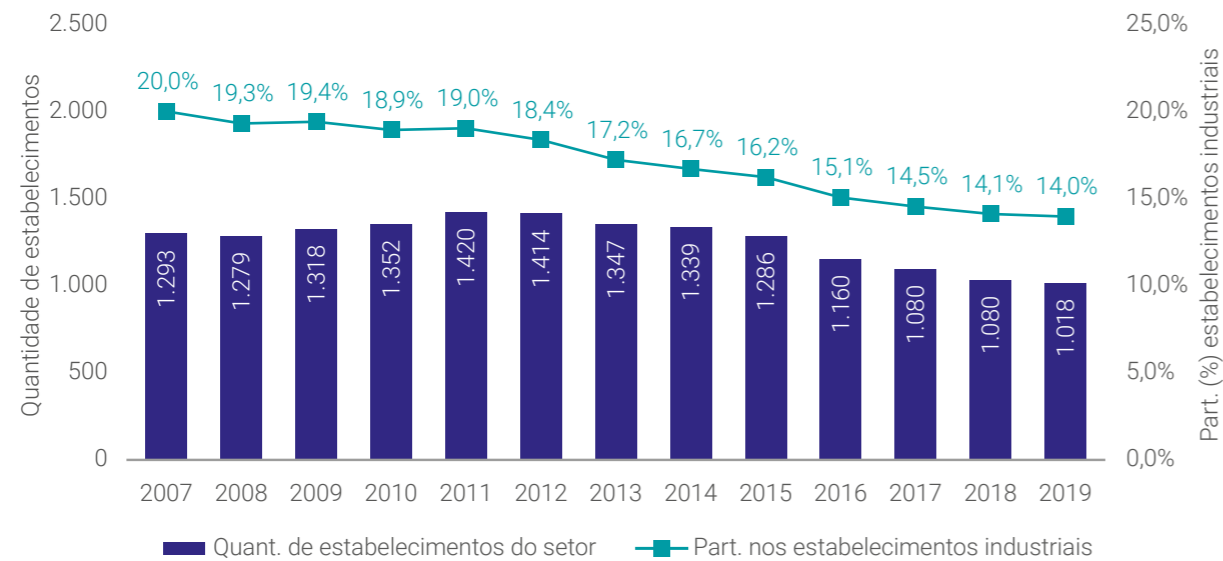
A redução de postos de trabalho acompanhou a queda no número de indústrias do setor. Após a breve trajetória de aumento de 2008 a 2012, a partir de 2013 o número de estabelecimentos foi se reduzindo, de modo que em 2019, houvesse

no Espírito Santo 1.018 estabelecimentos industriais de Confecção, Têxtil e Calçado, o que responde por 14,0% dos estabelecimentos industriais do estado.

²⁰ O Mato Grosso do Sul é um dos maiores produtores de algodão do país. Associado à plantação do algodão, o estado possui também as etapas iniciais da cadeia têxtil, como tecelagem e fiação, e as etapas finais, como a confecção. Além disto, o estado possui um histórico de reduções da base de cálculo de ICMS nos produtos do vestuário.

²¹ No entanto, vale ressaltar que as perspectivas de desenvolvimento do setor estão mudando em decorrência das transformações tecnológicas mundiais. A competitividade do setor está à mercê das tecnologias da Indústria 4.0 que, por sua vez, demandam cada vez mais profissionais com habilidades de domínios digitais.

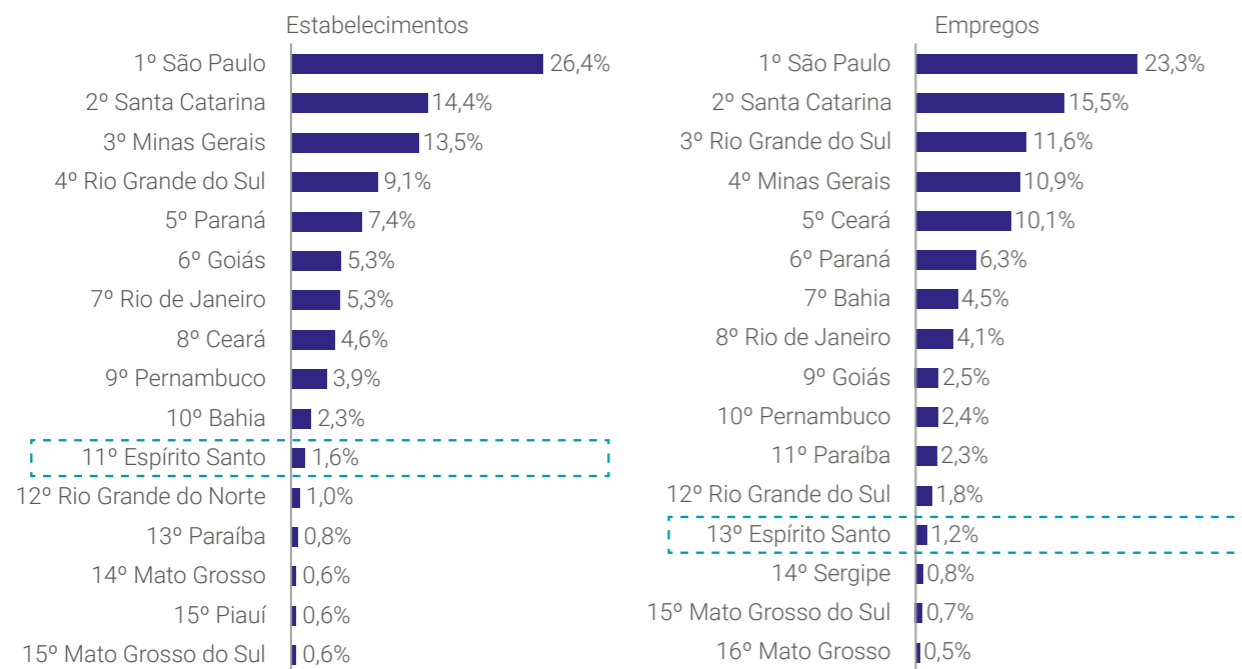
Gráfico 19 - Número de estabelecimentos do setor Confeção, Têxtil e Calçado e participação na indústria- Espírito Santo, 2007 - 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Em 2019, 1,6% das empresas brasileiras do setor estavam no Espírito Santo, o 11º estado com a maior quantidade dessas empresas. Em relação aos empregos, o estado empregou 1,2% da mão de obra do setor nacional, ocupando a 13ª posição neste quesito.

Gráfico 20 – Participação (%) dos estados nos estabelecimentos e nos empregos formais do setor Confeção, Têxtil e Calçado, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

4.2.1 Porte das Empresas

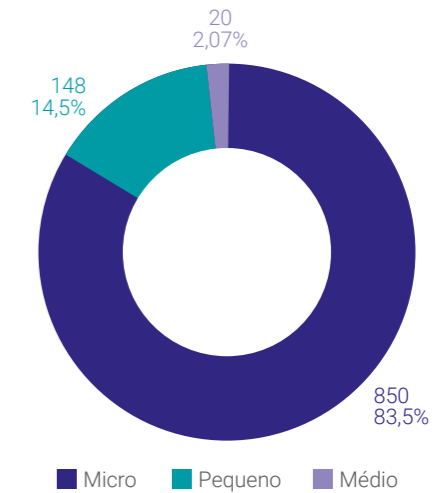
A maioria das empresas capixabas do setor é de micro e pequeno porte. Em 2019, 83,5% as empresas possuíam até 19 empregados, 14,5% de 20 a 99 empregados, e apenas 2,0% de 100 a 499 empregados. O setor não contou com empresas de grande porte no Espírito Santo²².

Este perfil de concentração de empresas em micro e pequeno porte é uma das características tanto da indústria capixaba quanto do próprio setor de Confeção, Têxtil e Calçado. Além do porte, geralmente essas empresas possuem outras características em comum, tais como: as relações familiares entre os proprietários e demais cargos dentro da empresa, a vulnerabilidade diante de uma crise econômica, que coloca em risco a permanência da atividade produtiva no mercado, a capacidade física de produção limitada, o alto preço do ticket médio da peça, o contato direto com o cliente (muitas vezes um lojista também de pequeno porte), e a terceirização das etapas de produção.

Esta última característica diz respeito à prática de realizar algumas etapas do elo da produção a partir da contratação de outras empresas. Uma das práticas comuns no Espírito Santo é a terceirização das técnicas de estamparia, de lavanderia e de costuras especializadas. Por não terem estas práticas internas à empresa, devido ao seu pequeno porte, elas são contratadas de outrem.

²² Vale ressaltar que no Espírito Santo algumas empresas empregam mais de 500 funcionários, contudo, por possuírem mais de um CNPJ, a Rais não soma todos os empregos gerados por estas empresas, mas sim captura os vínculos por CNPJ.

Gráfico 21 - Porte das empresas do setor Confeção, Têxtil e Calçados, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

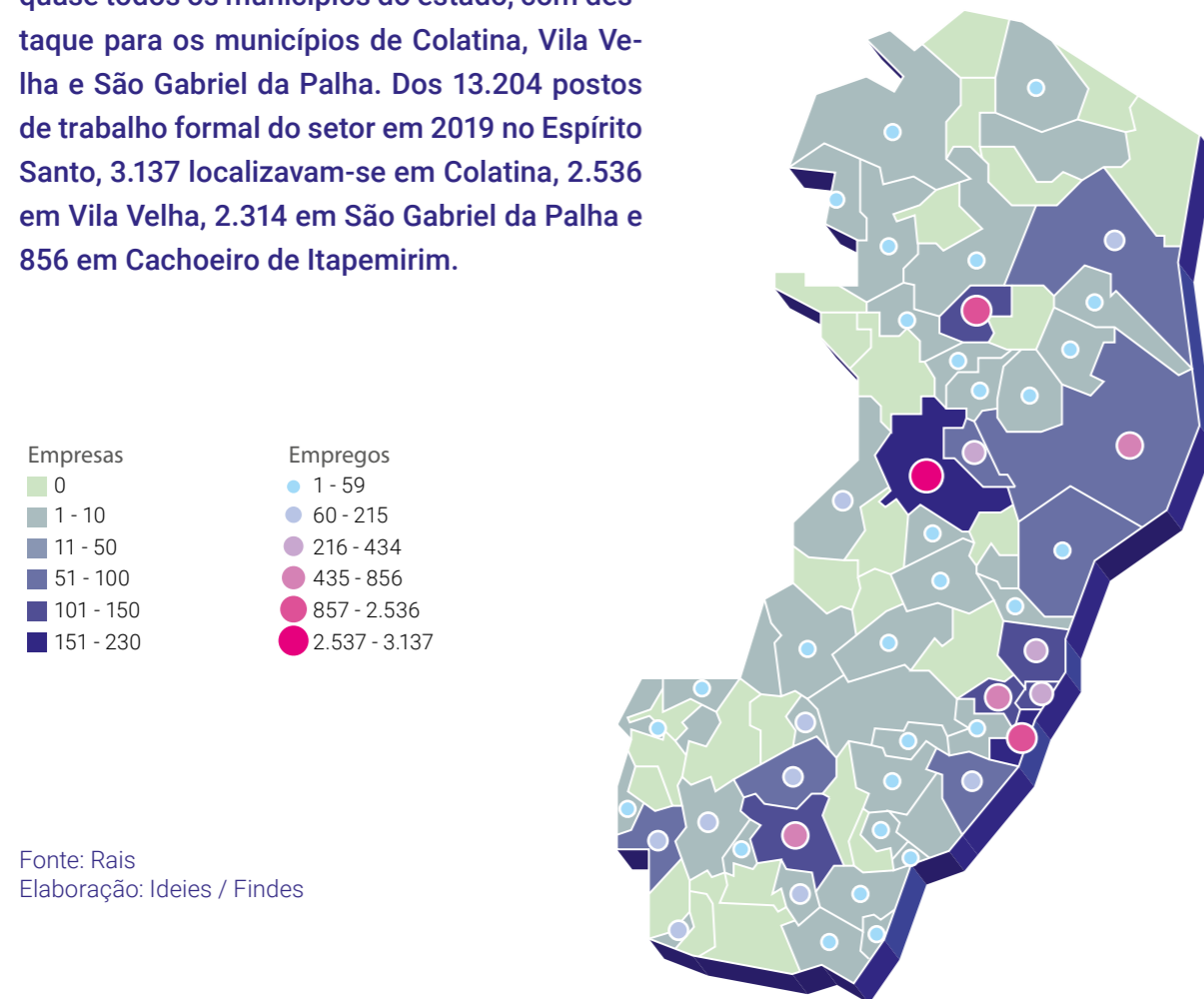
4.2.2 Distribuição Geográfica

Conforme abordado na introdução desse capítulo, o setor de Confeção, Têxtil e Calçado intensificou-se no Espírito Santo a partir do êxodo rural durante as décadas de 1960 e 1970. Este processo migratório concentrou-se, principalmente, em direção ao norte do estado, em Colatina, e na atual região metropolitana, em Vitória, Vila Velha e Cariacica. Geralmente localizadas em bairros periféricos desses centros, as pequenas confecções tornaram-se a fonte (ou o complemento) de renda de muitas famílias que se mudaram do meio rural para as cidades.

Dessas pequenas confecções e facções, algumas permaneceram em menor escala abastecendo basicamente o mercado interno, outras aumentaram a capacidade produtiva e extrapolaram as fronteiras estaduais. Desse modo, ambas caracterizaram o perfil de indústria capixaba tradicional do setor.

Atualmente, as empresas estão presentes em quase todos os municípios do estado, com destaque para os municípios de Colatina, Vila Velha e São Gabriel da Palha. Dos 13.204 postos de trabalho formal do setor em 2019 no Espírito Santo, 3.137 localizavam-se em Colatina, 2.536 em Vila Velha, 2.314 em São Gabriel da Palha e 856 em Cachoeiro de Itapemirim.

Figura 6 - Distribuição de empregos e empresas do setor de Confeção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

4.3. Perfil das Ocupações na Indústria

Devido à intensidade de recursos humanos direcionados ao setor, se faz importante investigar qual é o perfil das ocupações que estão dentro dessa indústria. Desta forma, é possível identificar potencialidades, gargalos e possíveis tendências que causam impacto tanto no desenvolvimento das carreiras profissionais, quanto no desempenho geral do setor.

Em 2019, dos 13.204 postos formais de trabalhos do setor de Confeção, Têxtil e Calçado, a ocupação com a maior concentração de funcionários foi a de costureiro à máquina na confecção em série, com 18,8% dos empregados. Em seguida, com 15,1%, a ocupação de costureiro na confecção em série também foi responsável pelo alto contingente de empregos do setor no Espírito Santo. As dez principais ocupações do setor em 2019 estão demonstradas no Gráfico 22.

Gráfico 22 - Principais ocupações, 2019

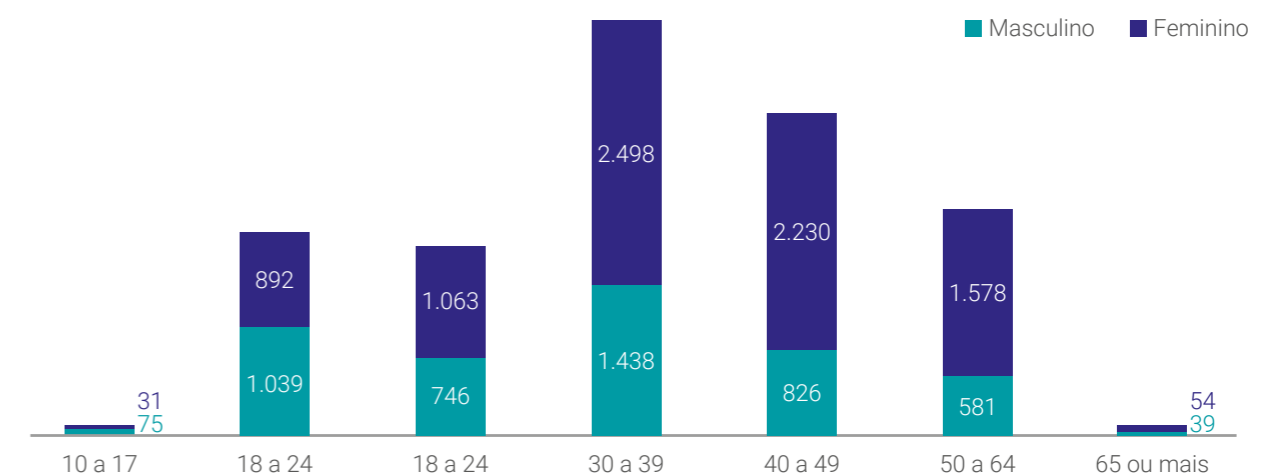


Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

De característica histórica, o setor sempre foi intensivo em mão de obra feminina, fato este também comprovado em 2019, quando o setor empregou 8.442 mulheres, o que correspondeu a aproximadamente 64,0% de todos os empre-

gos de Confeção, Têxtil e Calçado. Além disso, o setor empregou funcionários em todos os intervalos de faixa etária para ambos os sexos, concentrando-se nas idades de 30 a 39 anos.

Gráfico 23 - Quantidade de ocupações por faixa etária e sexo dos trabalhadores, 2019

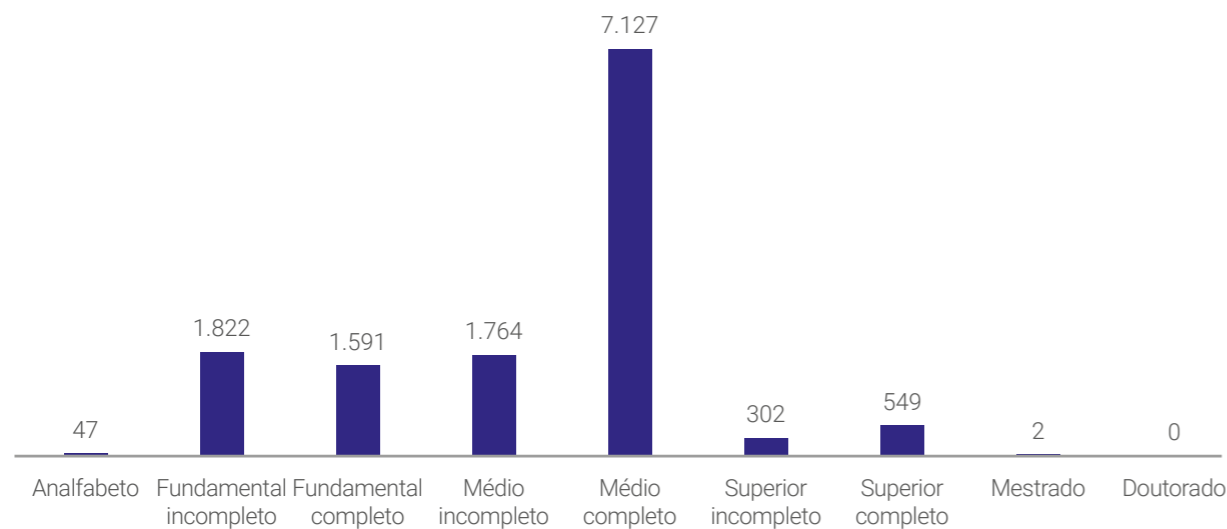


Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Os trabalhadores empregados no setor possuem formação escolar majoritariamente até o ensino médio. Como reflexo desse perfil está o baixo salário médio dos trabalhadores do setor. Em média, um funcionário empregado formalmente no setor recebeu R\$ 1.368,8 por mês durante

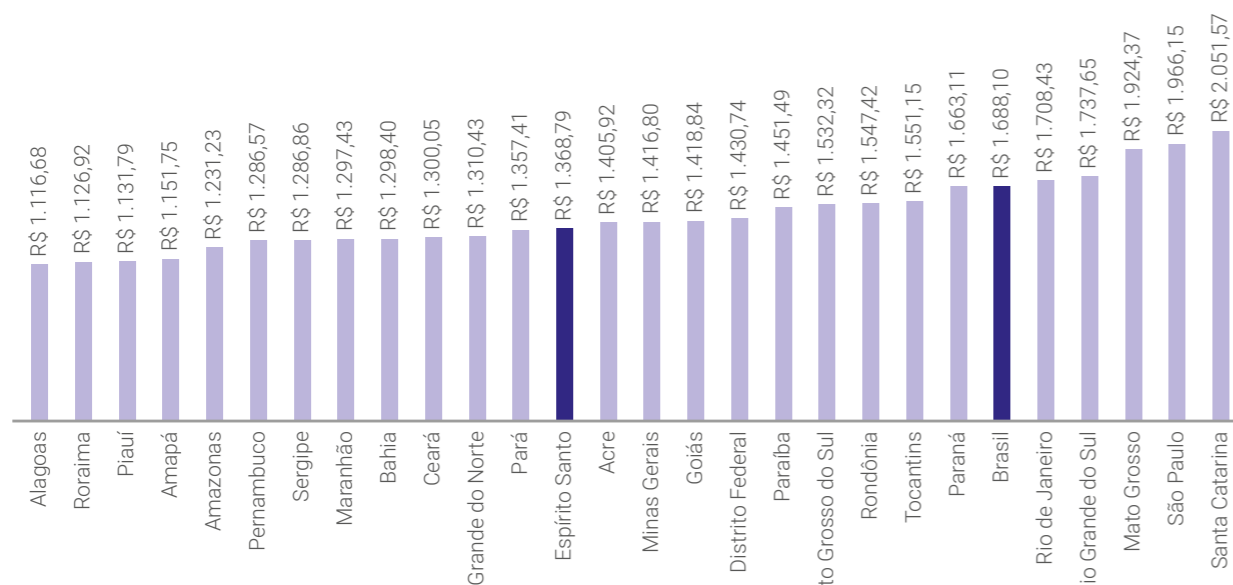
o ano de 2019. Este valor é inferior ao patamar brasileiro, que foi de R\$ 1.688,10. Apenas cinco estados remuneravam acima deste número: Rio de Janeiro (R\$ 1.708,43), Rio Grande do Sul (R\$ 1.732,65), Mato Grosso (R\$ 1.966,15), São Paulo (R\$ 1.966,15) e Santa Catarina (R\$ 2.051,57).

Gráfico 24 – Grau de escolaridade dos trabalhadores, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Gráfico 25 - Remuneração média (R\$) por trabalhador em cada estado, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Dentro do setor a remuneração pode variar de ocupação para ocupação. Os cargos mais bem remunerados no estado estão relacionados às funções de gestão, tais como gerentes, diretores e supervisores.



Gráfico 26 - Ranking das ocupações com as maiores remunerações do setor, Espírito Santo, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

4.4. Ensino e PD&I

Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) são extremamente importantes para o posicionamento do setor diante das mudanças tecnológicas que já ocorrem e as que estão por vir. Desafios como as exigências dos consumidores por transparência, o desenvolvimento de novos materiais e produtos, e a mitigação de desperdícios e resíduos vêm sendo enfrentados por meio de avanços tecnológicos, tais como: a melhoria das tecnologias relacionadas ao corte e pilotagem, a aproximação com os setores de nano e biotecnologia, os princípios da economia circular, entre outros.

O desenvolvimento tecnológico também deve ser expandido ao profissional da área, seja no processo criativo, no manuseio de máquinas e equipamentos, ou no processo de vendas. Assim, em um setor responsável por elevada geração de emprego, a mão de obra qualificada passa a ser vista como uma ferramenta de alavancagem do setor.

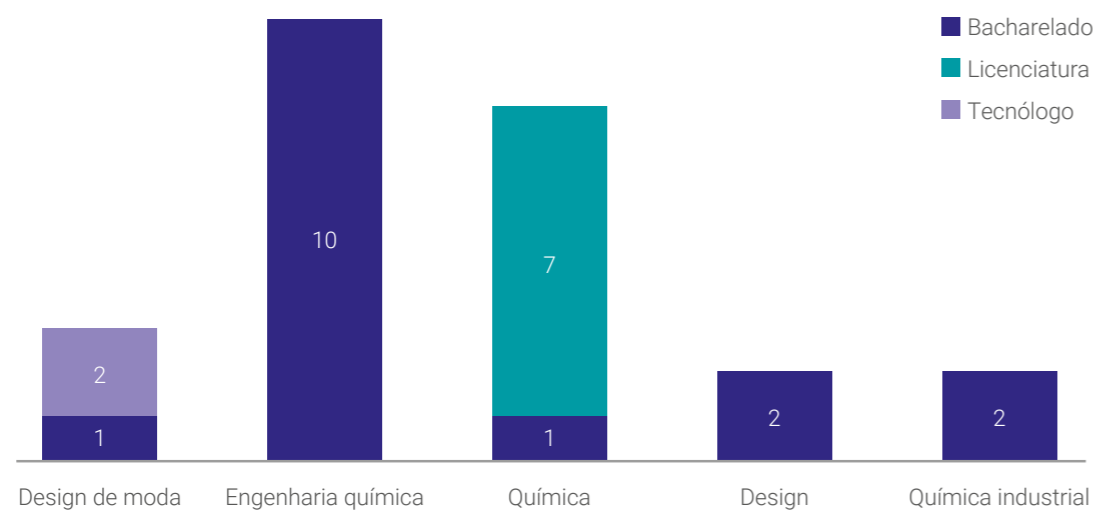
Atualmente, o Espírito Santo contém 5 tipos de formação superior que estão relacionados ao setor (Química Industrial, Química, Engenharia Química, Design de Moda e Design), os quais to-

talizam 25 cursos. Destes, 12 são ofertados pela rede pública de ensino, enquanto 13 são disponibilizados pelas instituições particulares, de acordo com o Censo de Educação Superior.

Com relação aos cursos técnicos são ofertados no estado cinco modalidades (Química, Modela-

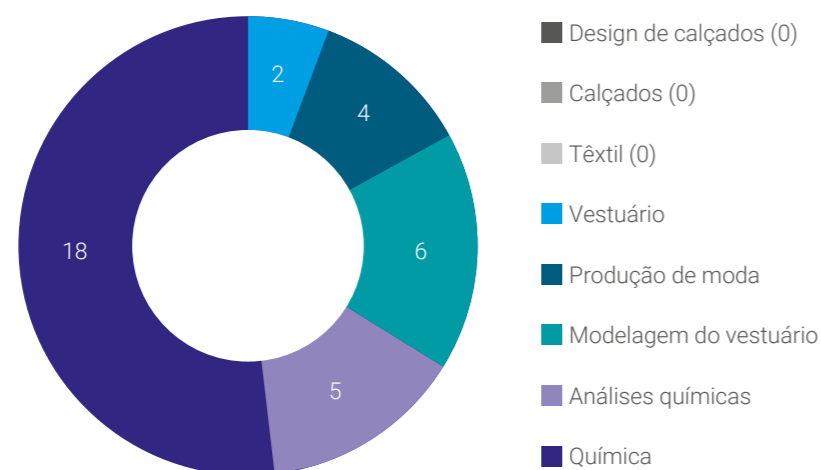
gem do Vestuário, Análises Químicas, Produção de Moda e Vestuário) que totalizam 35 cursos técnicos. Entretanto, o estado é carente nas ofertas de cursos específicos para o desenvolvimento do profissional do setor, como os cursos técnicos de Têxtil, Calçados e Design de Calçados.

Gráfico 27 – Quantidade e grau acadêmico dos cursos superiores, 2018



Fonte: Inep
Elaboração: Ideies / Findes

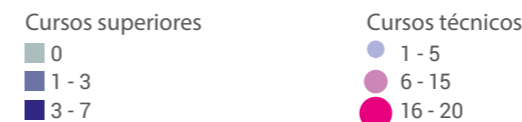
Gráfico 28 - Quantidade de cursos técnicos relacionados ao setor, 2018



Fonte: Inep
Elaboração: Ideies / Findes

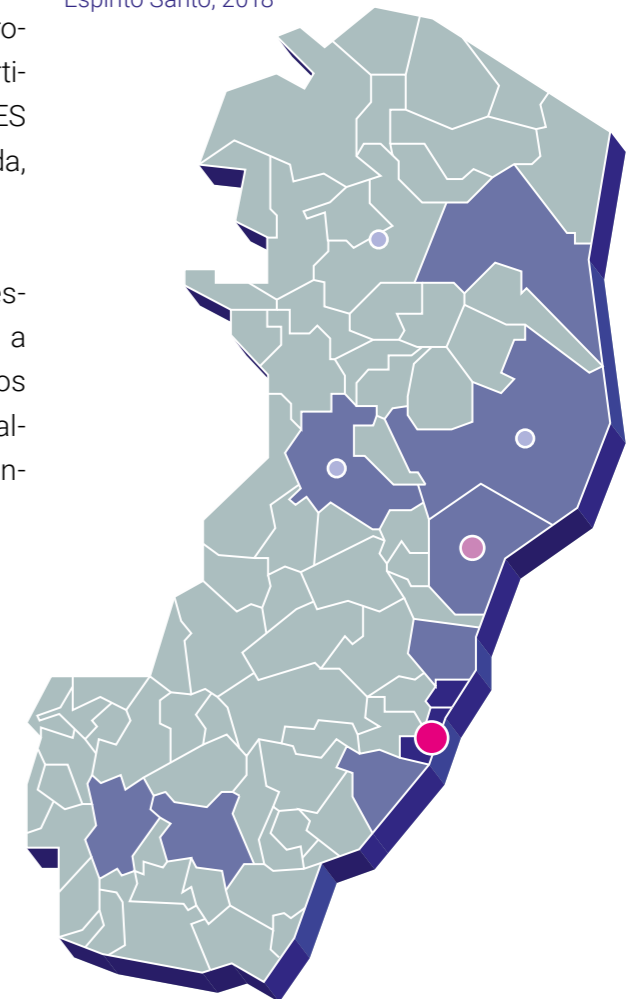
O estado conta com o laboratório Centro Moda Senai, que está inserido no conceito de laboratório aberto de moda. Neste espaço, estudantes, professores e empresários desenvolvem e compartilham inovações. Além do laboratório, o Senai-ES oferece o curso técnico em Produção de Moda, nas unidades de Colatina e Vila Velha.

Na distribuição dos cursos por município, destaca-se a região metropolitana que concentra a maior parte dos cursos de graduação e técnicos do setor. O município de Vila Velha, individualmente, reúne a maior parte desses cursos, sendo 4 deles superiores e 19 técnicos.



Fonte: Inep
Elaboração: Ideies / Findes

Figura 7 - Distribuição de cursos superiores e técnicos relacionados ao setor de Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2018



4.5. Setor Comercial

Assim como na indústria, o comércio capixaba relacionado ao setor de Confecção, Têxtil e Calçado é um importante gerador de emprego e renda para a economia local.

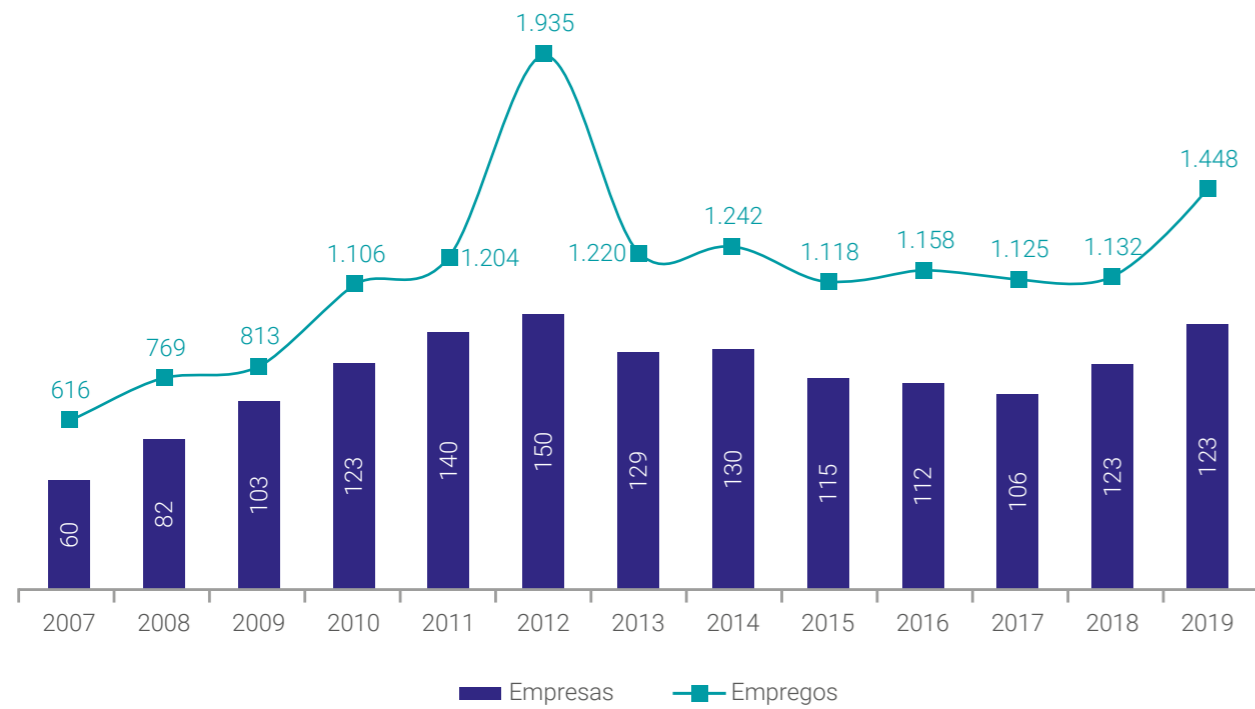
De 2007 a 2019 houve um crescimento na quantidade de estabelecimentos e empregos relacionados ao comércio de produtos de Confecção, Têxtil e Calçado. No atacado²³, o número de empresas passou de 60 em 2007 para 145 em 2019, e o número de vínculos ativos passou de 616 para 1.448. Já no comércio varejista, o

número de estabelecimentos no estado saiu de 5.375 em 2007 para 6.139 em 2019, enquanto o número de empregados passou de 20.152 para 21.800 neste período.



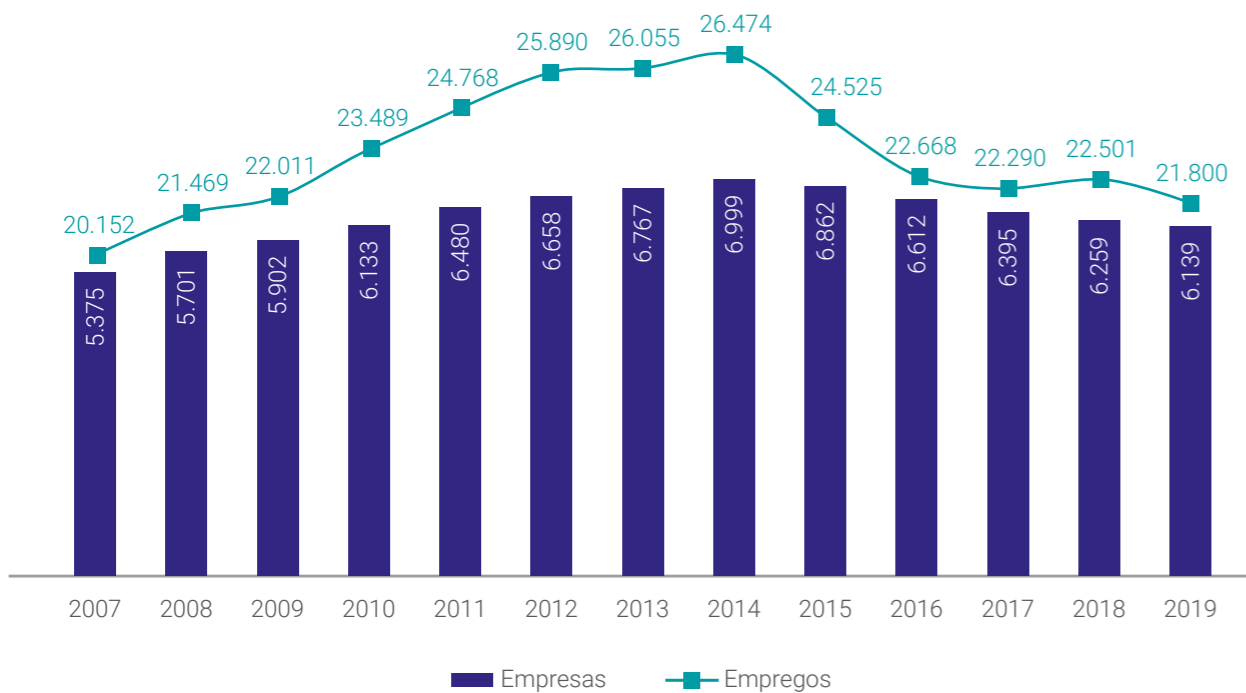
²³ Comércio atacadista de tecidos, artefatos de tecidos e de armarinho; comércio atacadista de artigos do vestuário e acessórios; comércio atacadista de calçados e artigos de viagem.

Gráfico 29 - Quantidade de estabelecimentos e vínculos ativos do comércio atacadista do setor, Espírito Santo



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Gráfico 30 - Quantidade de estabelecimentos e vínculos ativos do comércio varejista do setor²⁴, Espírito Santo

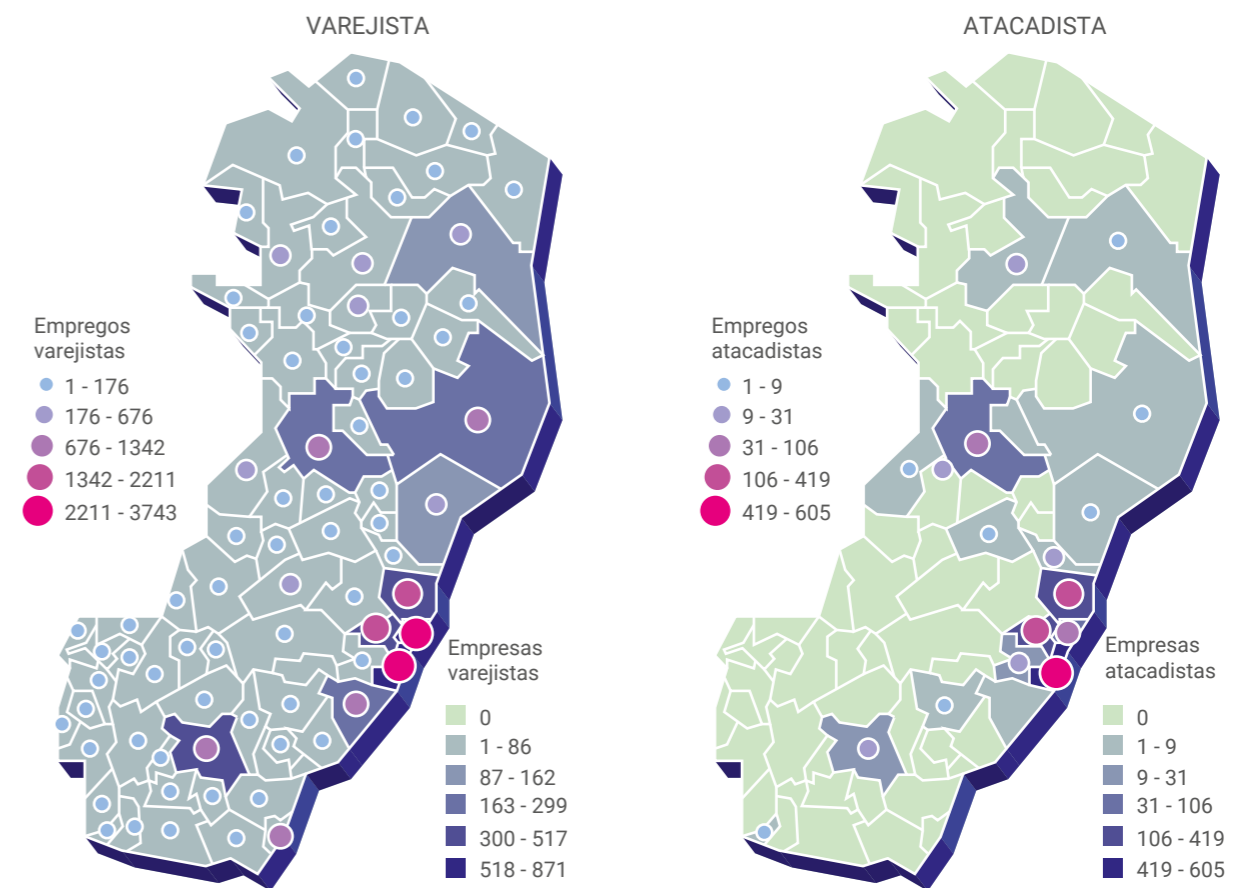


Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Os estabelecimentos comerciais do setor estão presentes em todos os municípios do Espírito Santo. Aqueles que se destacam no estado pela elevada quantidade de estabelecimentos e empregos,

tanto varejistas quanto atacadistas, são: Colatina, Linhares, Serra, Vitória, Vila Velha, Cariacica e Cachoeiro de Itapemirim²⁵.

Figura 8 - Distribuição de empregos e empresas do setor comercial varejista e atacadista de Confecção, Têxtil e Calçado no Espírito Santo, 2019



Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Fase final da cadeia linear (Figuras 1 e 2), as vendas realizadas no comércio são uma importante vertente do setor. Sensível às condições econômicas (como as crises econômicas, as variações

de preço, a concessão de crédito e a geração de renda), o comércio reflete o comportamento de consumo da população.

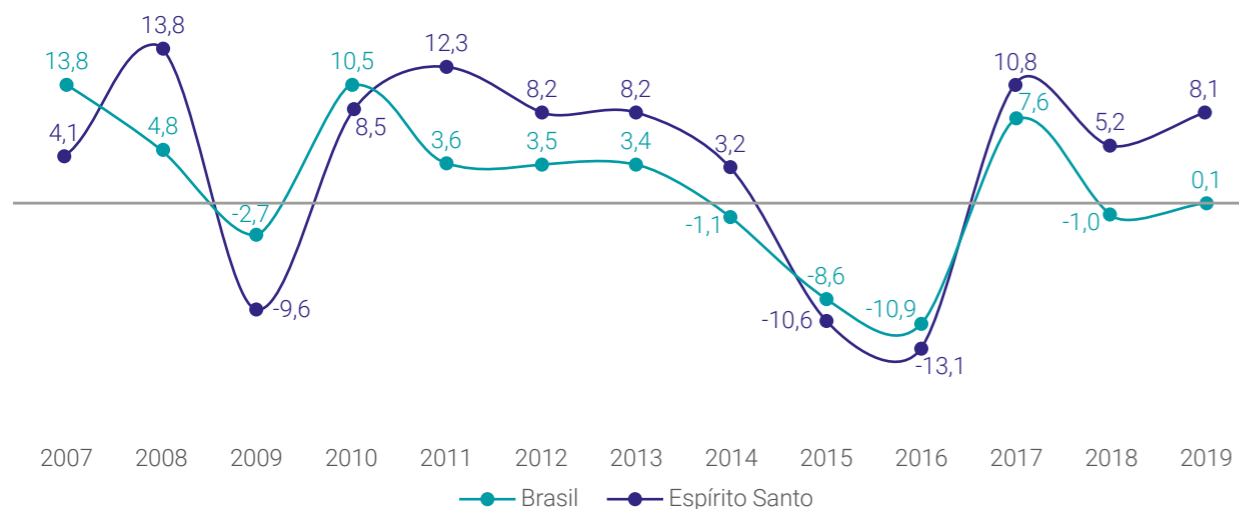
²⁴ Comércio varejista especializado de tecidos e artigos de cama, mesa e banho; comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios; comércio varejista de calçados e artigos de viagem.

²⁵ Vale ressaltar que esses são os municípios com os maiores contingentes populacionais do estado, o que conseqüentemente espera-se que a atividade de comércio desses lugares seja mais intensiva, por estar diretamente relacionado com o tamanho da população.

Na série histórica iniciada em 2007, observa-se dois anos com elevadas variações negativas no comércio capixaba de tecidos, vestuário e calçado: em 2009 (-9,6%) e em 2016 (-13,1%). Tal comportamento está associado às crises econômicas vivenciadas no Brasil no período recente. Em períodos de crise, os bens de consumo priorizados pelas famílias brasileiras são os produtos farmacêuticos e alimentícios, em detrimento do baixo consumo de peças do vestuário.

Em relação ao ano mais recente da análise, o volume de vendas no comércio varejista de tecidos, vestuário e calçados no Espírito Santo cresceu 8,1% em 2019 em relação a 2018, terceira alta anual consecutiva. No Brasil, essa variação ficou praticamente estável na ordem de 0,1%.

Gráfico 31 - Variação (%) de volume de vendas no comércio varejista de tecidos, vestuário e calçados



Fonte: PMC - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

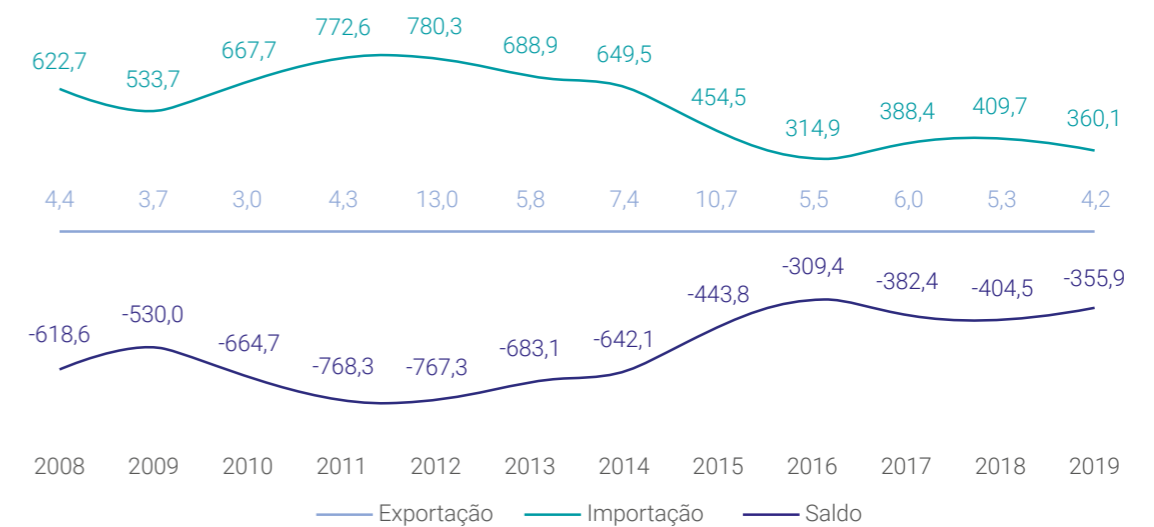
4.6. Comércio Exterior

Assim como ocorre em muitos estados brasileiros, o principal país de origem das importações do Espírito Santo é a China. Outros países asiáticos também são relevantes, como Índia, Taiwan, Coreia do Sul, Vietnã e Bangladesh. Devido ao complexo portuário e aos centros de distribuição localizados no Espírito Santo, o estado possui facilidade de acesso às mercadorias (sejam bens finais, sejam matérias-primas). Outras opções recorrentes são as compras internas, originárias principalmente de São Paulo e do sul do país. Do lado das exportações, o mercado sul-americano é uma importante parceria internacional.

As exportações do setor Confecção, Têxtil e Calçado do Espírito Santo movimentaram US\$ 4,2 milhões em 2019. Destes,

74,2% são de calçados e produtos de couro. A América do Sul representou 56,4% do destino das exportações totais daquele ano. As importações do setor, por sua vez, somaram US\$ 360,1 milhões, o que gerou uma balança comercial deficitária de US\$ -355,9 milhões. As importações são originárias, em sua maioria, de países asiáticos, sendo a China o principal deles (79,1%), e os produtos do segmento têxtil aqueles que foram mais importados (72,5%).

Gráfico 32 - Balança Comercial do setor – em milhões US\$ FOB



Fonte: Funcex
Elaboração: Ideies / Findes

Em 2019, foi importado pelo Espírito Santo o total de US\$ 48,9 milhões em artigos de confecção, dos quais US\$ 40,8 foram de peças do vestuário (exceto roupas íntimas, profissionais, acessórios, meias e tricotagem). Além da China, que representa 53,2% das importações, outros países também venderam esses produtos para o Espírito Santo, como Paquistão (6,3%), Índia (5,3%) e Bangladesh (5,2%).

De artigos têxteis, o estado importou o equivalente a US\$ 260,9 milhões. O produto de maior participação na pauta de importação desses artigos foram as fibras artificiais e sintéticas, as quais responderam por 58,3% das importações totais desse segmento. Em segundo lugar dos têxteis mais importados, com 24,5%, estão os tecidos de malha e, em terceiro lugar, os tecidos especiais²⁶ com 5,6%. Todos esses artigos originaram-se, majoritariamente, da China. Em 2019, 88,8% dos artigos têxteis foram importados deste país.

²⁶ De acordo com a Classificação Nacional da Atividade Econômica, esta classe compreende: a fabricação de feltros e artigos de feltro; a fabricação de tecidos impermeáveis e de acabamento especial (têxteis técnicos, geotêxteis, tecidos revestidos de náilon, polipropileno e poliéster, panos-couro, lonas, etc.), desde que o tecido seja o componente principal; a fabricação de artefatos de têxteis técnicos, geotêxteis e de outros tecidos de acabamento especial; a fabricação de tecido não tecido

Especificamente sobre as fibras, a liderança da China como país exportador deste produto sinaliza como os demais elos do setor buscam diminuir os custos de produção (COSTA et. al, 2013). As fibras sintéticas tendem a ser mais baratas em relação às fibras naturais, como as de algodão, lãs e sedas. Sendo assim, ao adquirir uma matéria-prima sintética a um custo menor logo no primeiro elo da cadeia produtiva, o de fiação, torna-se mais plausível estender esta redução de custos para os demais elos (tecelagem, beneficiamento e confecção - nesta ordem), como um efeito multiplicador. Neste contexto, o preço final

(TNT) ou falsos tecidos e seus artefatos, para usos industrial e doméstico; a fabricação de telas para pneumáticos; a fabricação de tecidos para telas de desenho, pintura, etc.; a fabricação de barracas para acampamento, toldos, velas para embarcações e semelhantes.

da manufatura fica mais competitivo em comparação com o processo produtivo sendo realizado inteiramente na região.

Diferentemente dos segmentos anteriores, que têm baixa participação na pauta exportadora do setor capixaba, calçados e artigos de couro tem a maior representatividade nas exportações. Além disto, é o segmento com os menores valores importados ao longo do período analisado, fazendo com que a balança comercial dessa atividade seja a menos deficitária do setor. Os destinos das exportações em 2019 foram diversos: Peru (21,6%), Chile (13,7%), Equador (11,9%), Uruguai (8,2%), Arábia Saudita (6,8%) e Argentina (5,8%).

As importações de artigos de couro e calçados, assim como as dos outros segmentos, são procedentes da China (54,3%), que vendeu para o Espírito Santo bolsas e artigos de viagem, artefatos de couro, e calçados variados. Entres os demais países que comercializaram com o estado estavam: Vietnã (14,5%), França (9,9%), Camboja (6,8%) e Indonésia (5,6%).

Tabela 5 - Principais produtos do setor importados pelo Espírito Santo em 2019

Rank.	Principais produtos importados (CNAE)	US\$ mi FOB	Par. %	Origens dos principais produtos e suas participações (%)
1º	Tecelagem de fios de fibras artificiais e sintéticas	151,01	41,9%	China (89,8%); Taiwan (8,8%)
2º	Fabricação de tecidos de malha	63,93	17,8%	China (97,3%); Coreia do Sul (1,9%)
3º	Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	40,76	11,3%	China (51,1%); Paquistão (6,9%); Índia (6,1%); Bangladesh (5,9%)
4º	Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	21,02	5,8%	China (58,1%); França (22,4%); Hong Kong (6,5%); Camboja (5,6%); Vietnã (4,6%)
5º	Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	16,11	4,5%	China (70,5%); Camboja (13,7%); Bangladesh (6,1%); Vietnã (2,8%)
6º	Fabricação de tecidos especiais, inclusive artefatos	14,72	4,10%	China (48,2%); Israel (45,7%); Estados Unidos (2,3%)
7º	Fabricação de outros produtos têxteis não especificados anteriormente	11,27	3,1%	China (71,9%); Índia (12,2%); França (7,7%); Tunísia (4,0%)
8º	Tecelagem de fios de algodão	10,43	2,9%	China (96,9%); Índia (2,0%)
Total		329,25	91,4%	

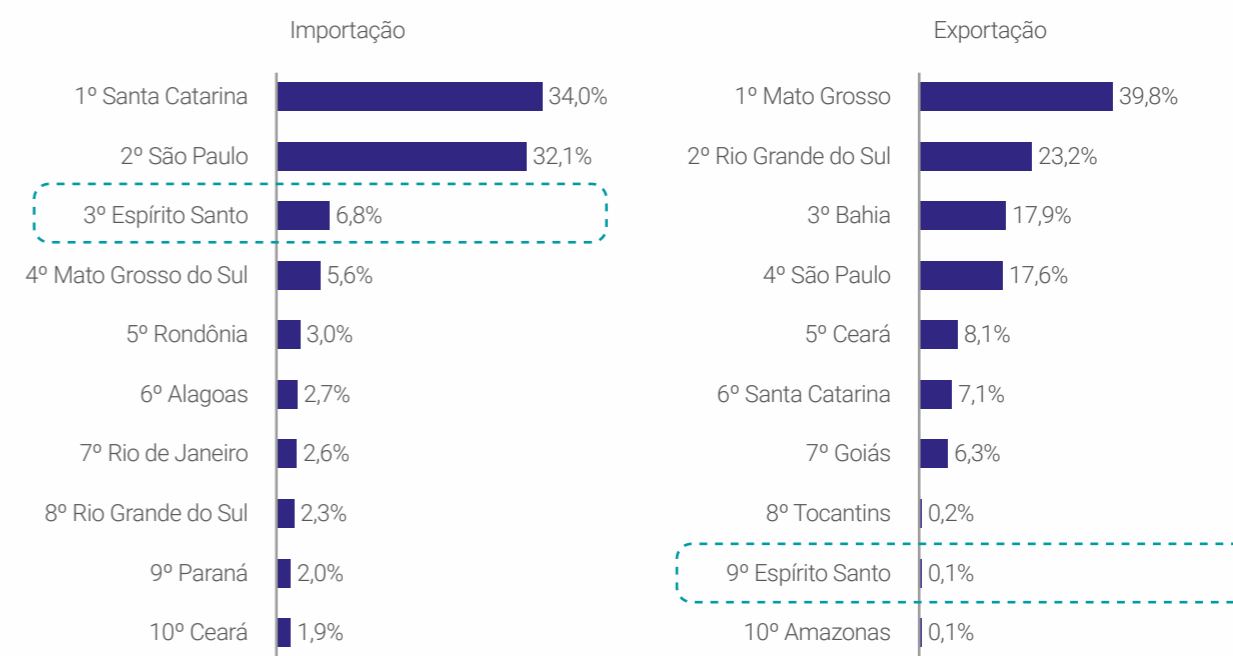
* Valores em milhões de US\$ FOB
 Fonte: Funcex
 Elaboração: Ideies / Findes

O Espírito Santo aparece no ranking nacional como um dos estados que mais importou artigos do setor em 2019. Em terceiro lugar, o estado respondeu por 6,8% das importações nacionais, e ficou atrás somente de Santa Catarina (34,0%) e São Paulo (32,1%).

Entretanto, no que diz respeito às exportações, o Espírito Santo apresentou baixa representatividade nas vendas ex-

ternas nacionais. Com 0,1% das exportações brasileiras, ocupou a 21ª posição no ranking estadual. Os destaques de estados exportadores ficaram com Mato Grosso (39,8%), Rio Grande do Sul (23,2%), Bahia (17,9%) e São Paulo (17,6%).

Gráfico 33 - Participação dos estados nas importações e exportações do setor, 2019



Fonte: Funcex
 Elaboração: Ideies / Findes

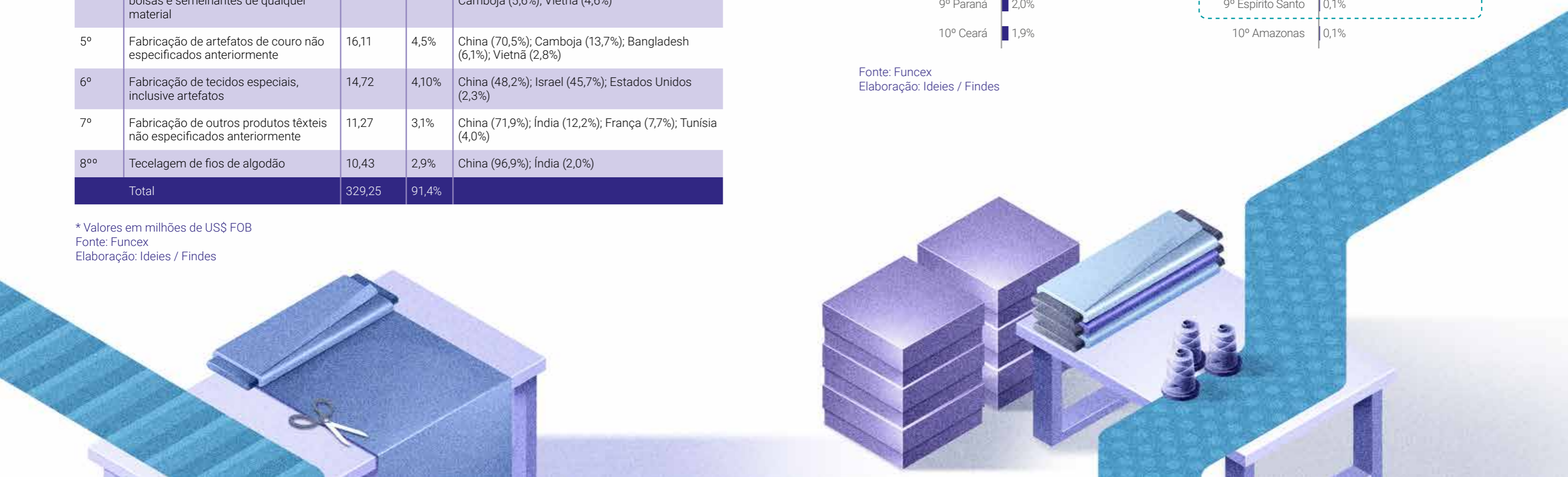
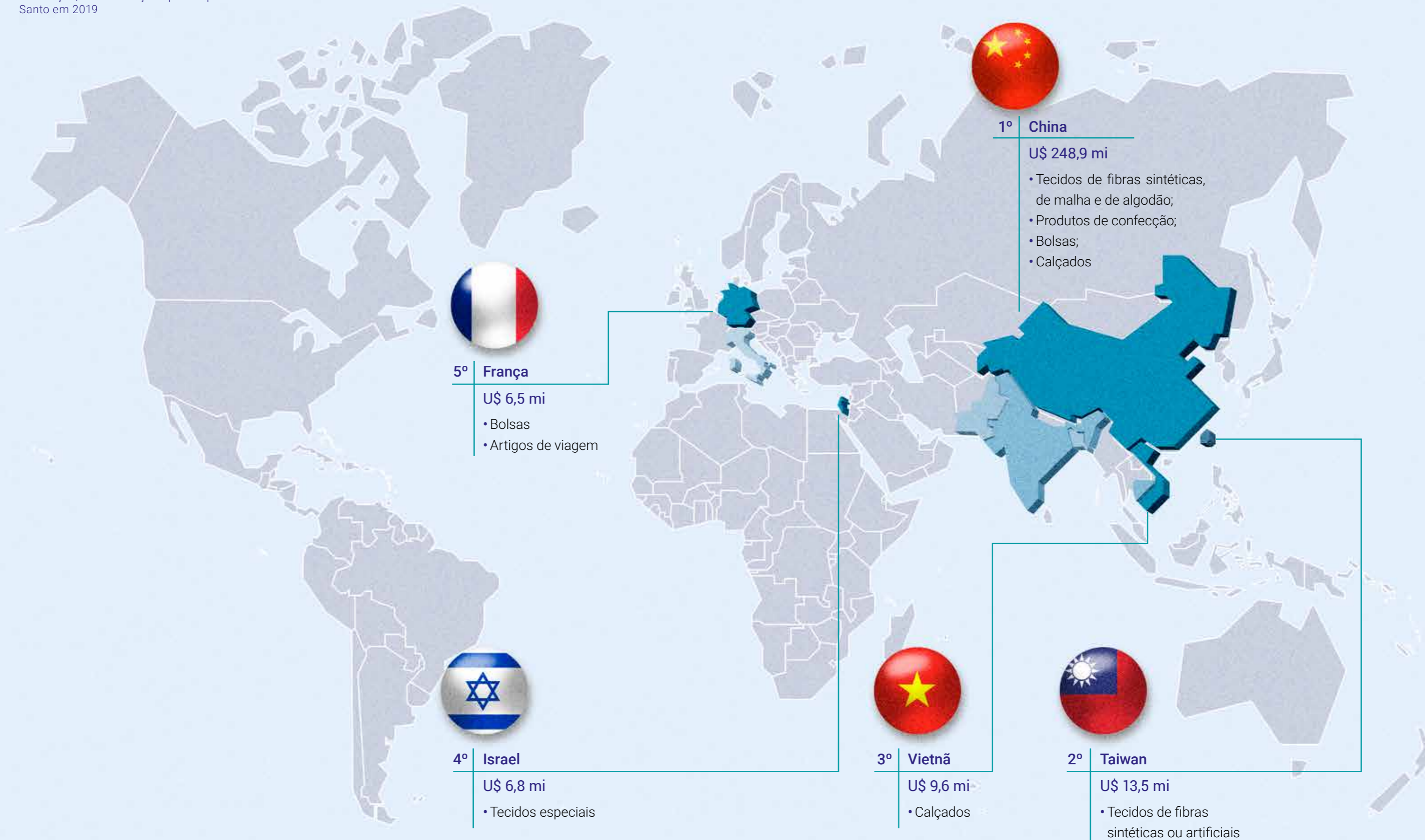
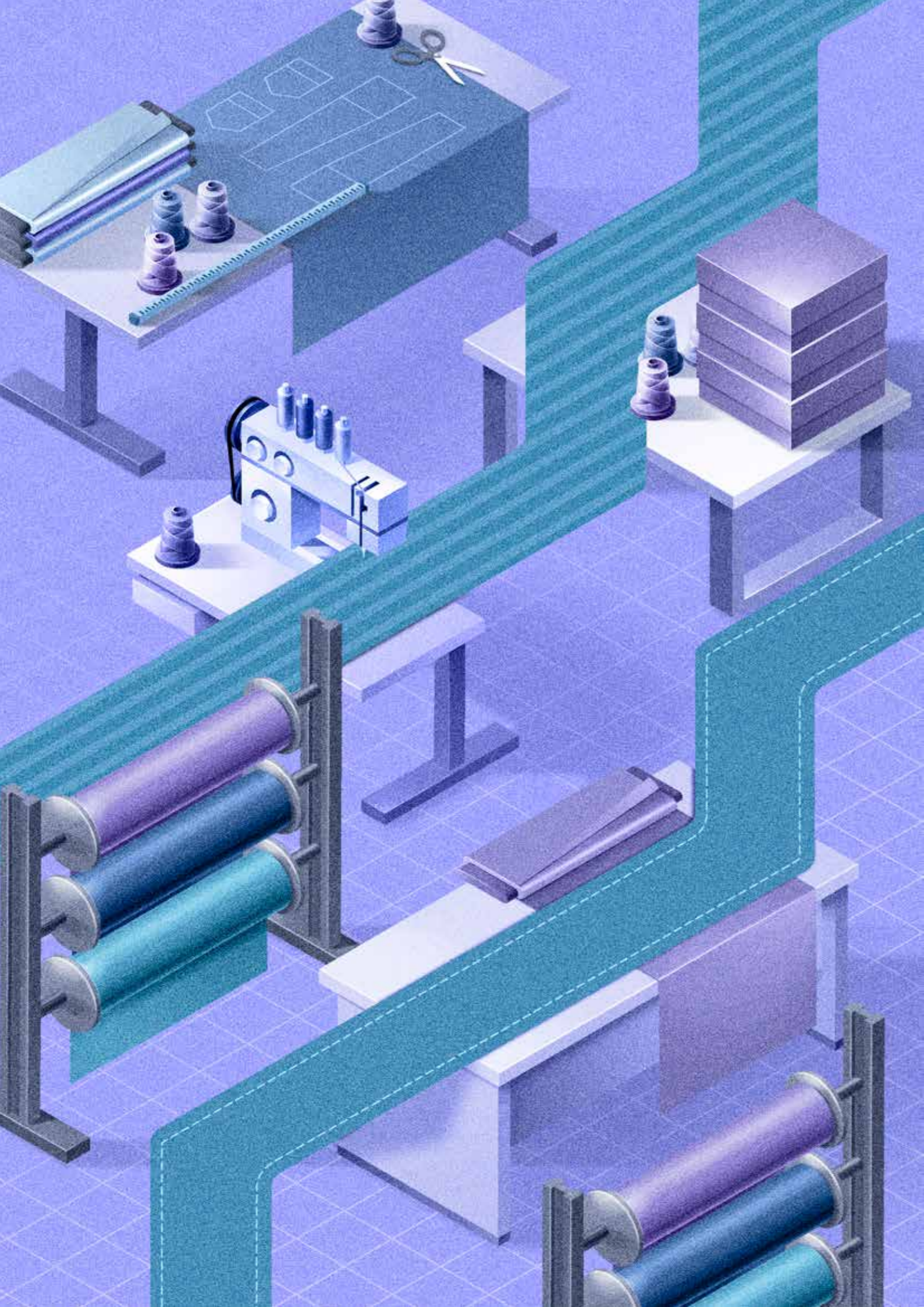


Figura 9 - Principais países de origem das importações de artigos do setor de Confecção, Têxtil e Calçado pelo Espírito Santo em 2019



Fonte: Funcex
Elaboração: Ideies / Findes



Capítulo 5

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O SETOR NO ESPÍRITO SANTO

Como apresentado neste estudo, o setor de Confecção, Têxtil e Calçado é historicamente relevante no Espírito Santo, principalmente no que diz respeito à elevada geração de emprego. Na última década, o setor – tanto a nível estadual quanto nacional – enfrentou muitos desafios, entre eles: a modernização de máquinas e equipamentos (para se equiparar aos países que se encontram na fronteira tecnológica mundial), a concorrência de produtos asiáticos, o surgimento das novas plataformas de vendas (como o e-commerce) e as mudanças de comportamento do consumidor.

Mais especificamente em 2020, o setor também enfrentou os impactos causados pela pandemia da Covid-19. Por um lado, em um primeiro momento, a crise provocada pela pandemia contraiu a atividade fabril e reduziu as vendas físicas do varejo. Por outro lado, mostrou a importância do setor quanto à produção de artigos para a área da saúde, acelerou a migração das vendas para o e-commerce, agregou a possibilidade da realização de grandes eventos de moda por meio de plataformas digitais e levou ao questionamento sobre os modelos de consumo e de produção.

Mesmo com essa crise, a expectativa é de avanço nos próximos anos. De acordo com a Statista, a projeção de crescimento de receita do setor de vestuário no mundo é de 4,6% ao ano (a.a.) até 2023. No Brasil, este mercado espera crescer 4,8% a.a. até lá. Em relação aos calçados, a expectativa de evolução da receita é de 4,2% a.a. para o mundo

e de 8,4% a.a para o Brasil. Sendo assim, existem novas oportunidades a serem conquistadas tanto pelo país quanto pelo Espírito Santo.

O aprimoramento do desenvolvimento do setor no estado é uma importante ferramenta para posicioná-lo estrategicamente no mercado da moda, seja em nível nacional ou internacional. Para tanto, é necessário romper com as barreiras que retardam este desenvolvimento, tais como: qualificação profissional em todos os elos da cadeia produtiva, investimento em pesquisa e desenvolvimento, aprimoramento dos canais de logística, interação entre os atores e valorização dos produtos e das marcas locais

Uma das formas de superar tais barreiras e tornar-se competitivo no mercado é por meio do acompanhamento de tendências e tecnologias, que pavimentarão as vias de condução do setor ao futuro.

Os **consumidores** estão cada vez mais exigentes e imbuídos de novas tecnologias. Um dos desafios é atender às demandas desses consumidores por transparência, que vai desde a matéria-prima, passando pelas condições de trabalhos e papéis de liderança dentro das empresas, até o descarte de resíduos.

Com o surgimento e disseminação dos nichos enquanto comportamento social, os consumidores estão em busca da personalização, e nela há uma janela de oportunidades e desafios para

o setor, tais como a produção sob medida através de scanners, espelhos e vitrines virtuais, bem como a contratação de serviços de *personal shopper*, estes cada vez mais via plataformas digitais. Além disso, o envelhecimento da população (futuro próximo da humanidade) torna-se uma oportunidade de exploração de desenvolvimento de vestimentas mais acessíveis, e destinadas às necessidades desta geração.

Uma tendência pujante é a aplicabilidade das tecnologias relacionadas à **manufatura avançada**, como a automação do processo produtivo e demais ferramentas que viabilizem a mitigação de desperdícios durante este processo. Até mesmo as atividades inerentes ao setor, como passar, dobrar, embalar e armazenar podem ser otimizadas através dessas tecnologias. Outros exemplos são: a máquina de tingimento têxtil digital e a impressão 3D de peças e produtos finais.

Nesta categoria também se enquadram o uso de dispositivos da inteligência artificial e da internet das coisas, empregados tanto nas etapas anteriores ao processo produtivo, como o design e o marketing, quanto posteriores, como as vendas e o relacionamento com o cliente. Por meio de big data, a análise de dados viabiliza a tomada de decisões mais assertivas quanto ao posicionamento dos consumidores, como o mapeamento de suas preferências.

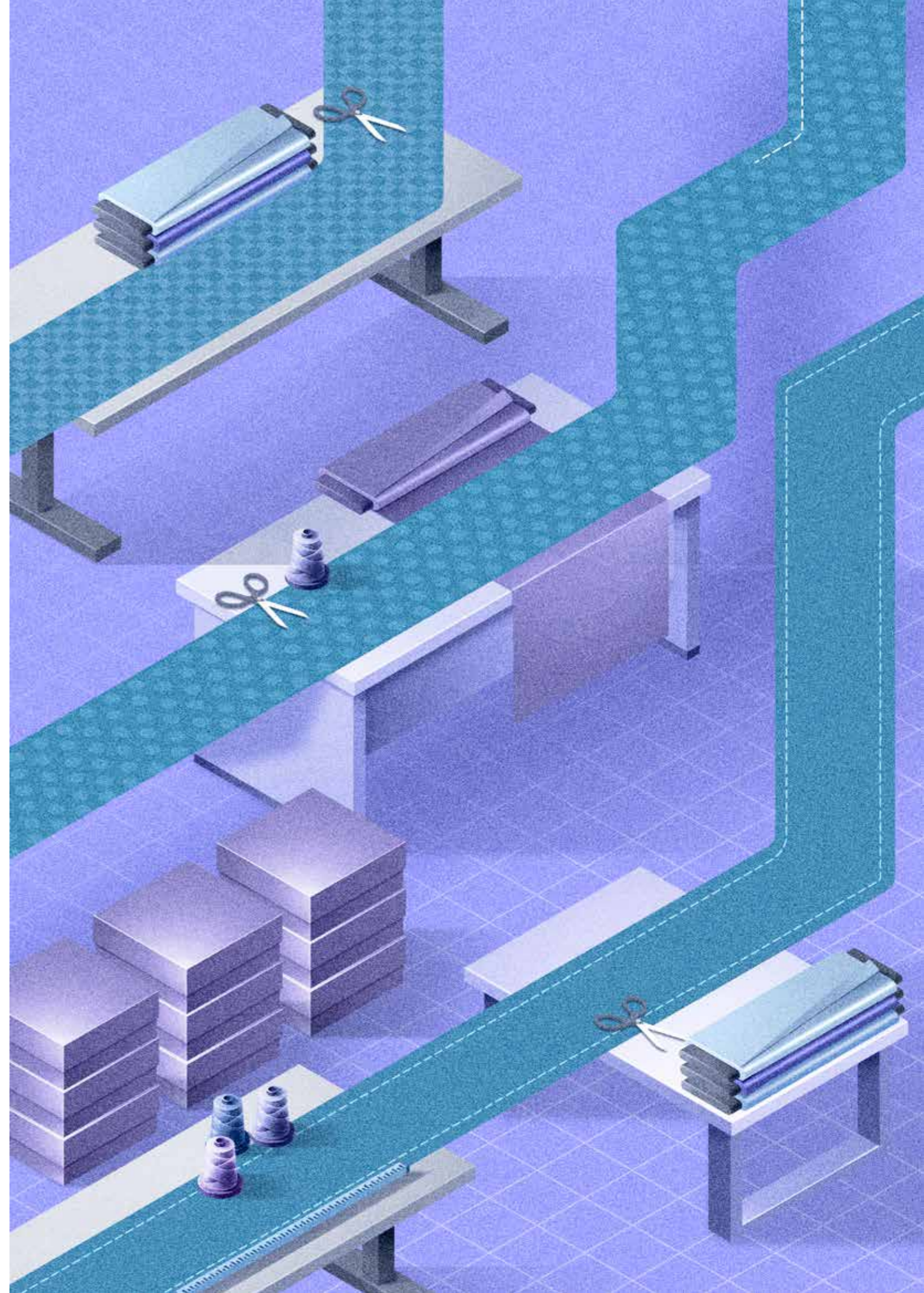
Os próprios produtos, chamados de **wearable technology** permitem que os consumidores vistam no próprio corpo a tecnologia. Alguns desses produtos já são de aplicação diária, como óculos, pulseiras e relógios, que possuem diversas funções que vão desde o monitoramento da saúde, passando pelas práticas de lazer até à segurança profissional. Outros ainda são de acesso mais restrito pelos consumidores, como os tecidos que conduzem sons e provocam sensações.

A aproximação com a **nanotecnologia e a biotecnologia** para o desenvolvimento de novos materiais, como a utilização de fibras e tecidos ambientalmente sustentáveis, tipo as de abacaxi, de coco e de couro de peixe, também é uma tendência. Além desses exemplos, o diálogo com essas áreas também permite utilizar a conversão de outros materiais descartados, como plásticos e borracha, em artigos do vestuário, além de desenvolver tecidos repelentes, anti odor, antitêrmicos e de fibras resistentes - estes altamente demandados por outras atividades industriais, como a aeronáutica e a de construção civil.

Não só a geração de resíduos como também a destinação das sobras e dos artigos do vestuário é uma preocupação tanto das fábricas quanto dos consumidores. Nesta linha, a **economia circular** apresenta soluções para a reinserção dos materiais (anteriormente descartados) como insumos no processo de fabricação de novos produtos. Esta tendência de modelo de produção visa minimizar o impacto da produção, do uso e do descarte no meio ambiente.

Também no que diz respeito à questão sustentável, a **certificação** em todas as etapas da cadeia está cada vez mais frequente. Seja o produtor de algodão para conferir a legitimidade quanto a uma plantação ambientalmente correta, sejam as grandes indústrias para afirmar as melhorias nas condições trabalhistas de seus empregados.

Reagir rapidamente às tendências e inteirar-se de seus conteúdos é uma importante e eficaz maneira de antever as mudanças paradigmáticas, posicionar-se competitivamente no mercado e precaver-se quanto às incertezas do futuro do setor.



Capítulo 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor de Confeção, Têxtil e Calçado é historicamente importante para o Espírito Santo. O desenvolvimento do setor no estado está relacionado ao processo de migração de mão de obra do campo para os centros urbanos, que foi um dos fatores que culminou na sua configuração atual, sobretudo a localização geográfica.

Atualmente, a heterogeneidade dos segmentos de atuação das empresas demonstra a identidade do estado. A moda capixaba que outrora necessitava se basear nos padrões de outros estados, hoje tem autonomia na produção de conteúdo, que vai desde a moda praia, passando pelos segmentos de jeans, acessórios, calçados infantis até a moda urbana e casual, e atende aos diversos perfis de consumidor.

Na série histórica de 2007 a 2018, o VTI do setor apresentou uma taxa de crescimento anual de -1,5%. Esse resultado foi influenciado pelos desempenhos negativos dos segmentos têxtil (-7,2% a.a.) e de confecção (-1,0% a.a.) ao longo da série, ao passo que o ramo de calçados apresentou taxa positiva de 2,2% a.a. Essas duas contrações nesse período são uma tendência observada em outros estados e países, provocada pelo aumento da inserção dos tecidos (principalmente sintéticos) e roupas asiáticos no mercado mundial.

O setor é reconhecido pela alta geração de emprego. Em 2019, esta atividade econômica concentrou 11,1% de todos os empregos formais da indústria do estado. No entanto, esta participação vem caindo com o tempo; em 2007, era de 17,1%.

Os estabelecimentos, que representaram 14,0% das empresas industriais do estado em 2019, são, em sua maioria, de micro e pequeno porte – 83,5% das empresas possuíam até 19 empregados. Muitas delas são de perfil familiar, que perpetuam entre as gerações.

A qualificação da mão de obra empregada no setor geralmente é realizada dentro das fábricas, as quais treinam os seus funcionários. Já sobre a formação acadêmica, o estado conta com 35 cursos técnicos e 25 cursos superiores que se relacionam com o setor, os quais estão concentrados na Região Metropolitana da Grande Vitória.

No estado, as indústrias de Confeção, Têxtil e Calçado vêm enfrentando desafios não só quanto à concorrência asiática, mas também quanto à concorrência nacional. Esta concorrência vai desde a qualidade do design, até o incentivo fiscal concedido pelos governos estaduais. Este é um dos motivos pleiteados pelos atores do setor para que os estabelecimentos industriais permaneçam recebendo os incentivos fiscais no âmbito do Programa de Desenvolvimento e Proteção à Economia do Estado do Espírito Santo – COMPETE/ES (Lei 10.568/2016)²⁷.

Além disso, a crise provocada pela pandemia da Covid-19 gerou fortes impactos negativos

sobre o setor. Em função da necessidade de distanciamento social, as atividades industriais foram reduzidas e os comércios foram temporariamente fechados. Resumidamente, esses fatores implicaram em quedas nas receitas, demissões de funcionários e redução de carga horária e acúmulo de estoque de coleções. Por outro lado, esta crise catalisou as mudanças que estavam ocorrendo vagarosamente no setor, tais como a migração do consumo para o e-commerce, a reflexão sobre o modo de consumo das roupas e os reposicionamentos das marcas.

É neste contexto que o planejamento a longo prazo explicitado na Rota Estratégica do Setor de Confeção, Têxtil e Calçado do Espírito Santo se torna essencial para o desenvolvimento do setor. Com o propósito de ser referência ano mercado nacional de moda, o documento reúne as ações de curto, médio e longo prazo que auxiliarão o setor nesta caminhada.



²⁷ Veja sobre o Compete do Setor das Indústrias do Vestuário do Estado do Espírito Santo em : <https://sedes.es.gov.br/Media/sedes/Contratos%20de%20competitividade/Contratos%20assinados/17VestuárioDez2012.pdf>

ANEXOS

Quantidade de estabelecimentos e empregos por segmento e por município do Espírito Santo em 2019

	Comércio Atacadista		Comércio Varejista		Indústria							
	Empregos	Empresas	Empregos	Empresas	Empregos				Empresas			
	Total	Total	Total	Total	Têxtil	Confecção	Couro e calçados	Total	Têxtil	Confecção	Couro e calçados	Total
Afonso Cláudio	0	0	123	50	1	7	0	8	1	1	0	2
Águia Branca	0	0	23	11	0	19	0	19	0	2	0	2
Água Doce do Norte	0	0	20	10	0	4	0	4	0	1	0	1
Alegre	0	0	133	63	17	86	0	103	1	4	0	5
Alfredo Chaves	4	1	53	25	0	2	0	2	0	1	0	1
Alto Rio Novo	0	0	22	12	0	0	0	0	0	0	0	0
Anchieta	0	0	78	38	0	1	0	1	0	1	0	1
Apiacá	0	0	8	6	0	0	0	0	0	0	0	0
Aracruz	3	1	494	150	5	20	0	25	1	11	0	12
Atílio Vivácqua	0	0	10	7	0	2	82	84	0	2	2	4
Baixo Guandu	3	1	217	61	0	98	117	215	0	8	1	9
Barra de São Francisco	0	0	299	83	0	5	1	6	0	4	1	5
Boa Esperança	0	0	41	19	0	0	0	0	0	0	0	0
Bom Jesus do Norte	1	1	15	6	162	5	0	167	1	2	0	3
Brejetuba	0	0	18	16	0	0	0	0	0	0	1	1
Cachoeiro de Itapemirim	22	3	1.342	345	35	279	542	856	3	43	12	58
Cariacica	127	18	1.836	381	39	509	90	638	5	44	4	53
Castelo	0	0	158	76	0	102	0	102	0	11	0	11
Colatina	106	29	1.114	299	314	2.808	15	3.137	26	152	2	180
Conceição da Barra	0	0	34	19	0	0	0	0	0	0	0	0
Conceição do Castelo	0	0	25	11	0	0	0	0	0	0	0	0
Divino de São Lourenço	0	0	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0
Domingos Martins	0	0	120	71	1	0	0	1	1	1	0	2
Dores do Rio Preto	0	0	15	15	44	0	0	44	1	0	0	1

	Comércio Atacadista		Comércio Varejista		Indústria							
	Empregos	Empresas	Empregos	Empresas	Empregos				Empresas			
	Total	Total	Total	Total	Têxtil	Confecção	Couro e calçados	Total	Têxtil	Confecção	Couro e calçados	Total
Ecoporanga	0	0	103	41	0	27	0	27	0	4	0	4
Fundão	29	4	44	28	9	0	0	9	1	0	0	1
Governador Lindenberg	0	0	25	18	2	12	0	14	1	2	0	3
Guaçuí	0	0	176	76	1	132	4	137	1	10	3	14
Guarapari	0	1	955	241	5	170	1	176	5	24	1	30
Ibatiba	0	0	114	46	1	6	0	7	2	3	0	5
Ibiraçu	0	0	31	22	1	0	0	1	1	0	0	1
Ibitirama	0	0	14	8	0	0	0	0	0	0	0	0
Iconha	0	0	57	37	0	5	0	5	1	2	0	3
Irupi	0	0	38	17	0	0	0	0	0	0	0	0
Itaguaçu	0	0	60	21	0	0	0	0	0	0	0	0
Itapemirim	0	0	65	36	2	2	0	4	1	2	0	3
Itarana	0	0	22	8	0	0	0	0	0	0	0	0
Iúna	0	0	132	57	0	5	0	5	0	3	0	3
Jaguaré	0	0	98	46	6	17	0	23	1	1	0	2
Jerônimo Monteiro	0	0	61	25	0	8	0	8	0	3	0	3
João Neiva	0	0	50	38	0	0	0	0	0	0	0	0
Laranja da Terra	0	0	22	16	0	0	0	0	0	0	0	0
Linhares	9	1	1.023	249	18	763	7	788	2	44	1	47
Mantenópolis	0	0	39	16	0	0	0	0	0	0	0	0
Marataizes	0	0	229	53	0	4	1	5	0	4	1	5
Marechal Floriano	0	1	64	33	18	1	11	30	1	1	1	3
Marilândia	3	1	36	25	0	434	0	434	0	14	0	14
Mimoso do Sul	0	0	54	30	0	0	0	0	0	0	0	0
Montanha	0	0	54	22	0	8	0	8	0	4	0	4
Mucurici	0	0	10	4	0	0	0	0	0	0	0	0
Muniz Freire	0	0	35	26	0	0	0	0	0	0	0	0
Muqui	0	0	46	17	0	0	0	0	0	0	0	0

	Comércio Atacadista		Comércio Varejista		Indústria							
	Empregos	Empresas	Empregos	Empresas	Empregos				Empresas			
	Total	Total	Total	Total	Têxtil	Confecção	Couro e calçados	Total	Têxtil	Confecção	Couro e calçados	Total
Nova Venécia	31	2	310	79	0	50	0	50	0	7	0	7
Pancas	0	0	55	25	0	0	0	0	0	0	0	0
Pedro Canário	0	0	68	29	0	0	0	0	0	0	0	0
Pinheiros	0	0	97	49	0	1	0	1	0	1	0	1
Piúma	0	0	64	33	0	12	10	22	0	1	1	2
Ponto Belo	0	0	18	11	0	0	0	0	0	0	0	0
Presidente Kennedy	0	0	6	7	0	4	0	4	0	1	0	1
Rio Bananal	0	0	72	41	0	8	0	8	0	4	0	4
Rio Novo do Sul	0	0	28	15	0	0	0	0	0	0	0	0
Santa Leopoldina	0	0	18	9	0	0	0	0	0	0	0	0
Santa Maria de Jetibá	0	0	247	57	0	4	0	4	0	3	0	3
Santa Teresa	2	1	91	53	0	52	0	52	0	3	0	3
São Domingos do Norte	0	0	8	8	16	43	0	59	1	6	0	7
São Gabriel da Palha	0	0	240	86	183	2.131	0	2.314	11	90	0	101
São José do Calçado	0	0	19	12	0	0	0	0	0	0	0	0
São Mateus	5	1	676	162	10	140	0	150	5	15	0	20
São Roque do Canaã	0	0	49	16	0	11	0	11	0	3	0	3
Serra	419	39	2.211	517	101	206	23	330	15	36	5	56
Sooretama	0	0	33	22	0	1	3	4	0	1	1	2
Vargem Alta	0	0	39	27	0	0	0	0	0	0	0	0
Venda Nova do Imigrante	0	0	130	57	2	5	178	185	2	3	3	8
Viana	17	3	31	23	4	31	0	35	1	6	0	7
Vila Pavão	0	0	9	7	0	0	0	0	0	0	0	0
Vila Valério	0	0	65	26	0	0	0	0	0	0	0	0
Vila Velha	605	26	3.743	863	198	1.894	444	2.536	30	188	11	229
Vitória	62	11	3.614	871	62	274	10	346	12	50	6	68
Total	1.448	145	21.800	6.139	1.257	10.408	1.539	13.204	134	827	57	1.018

Fonte: Rais
Elaboração: Ideies / Findes

Abrangência do Setor (CNAE)

Setor Industrial			
Divisão	Grupo	Classe	
Fabricação de produtos têxteis	13.1	Preparação e fiação de fibras de algodão	
		Preparação e fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	
		Fiação de fibras artificiais e sintéticas	
		Fabricação de linhas para costurar e bordar	
	13.2	Tecelagem de fios de algodão	
		Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	
		Tecelagem de fios de fibras artificiais e sintéticas	
	13.3	Fabricação de tecidos de malha	
	13.4	Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis	
	13.5	Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico	
		Fabricação de artefatos de tapeçaria	
		Fabricação de artefatos de cordoaria	
		Fabricação de tecidos especiais, inclusive artefatos	
Fabricação de outros produtos têxteis não especificados anteriormente			
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	14.1	Confecção de roupas íntimas	
		Confecção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas	
		Confecção de roupas profissionais	
		Fabricação de acessórios do vestuário, exceto para segurança e proteção	
	14.2	Fabricação de meias	
		Fabricação de artigos do vestuário, produzidos em malharias e tricotagens, exceto meias	
		15.1	Curtimento e outras preparações de couro
			15.2
Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente			
15.3	Fabricação de calçados de couro		
	Fabricação de tênis de qualquer material		
	Fabricação de calçados de material sintético		
	Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente		
15.4	Fabricação de partes para calçados, de qualquer material		

Fonte: IBGE. Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0.
Elaboração: Ideies / Findes

Setor Comercial		
Divisão	Grupo	Classe
Comércio Varejista	4755-5	Comércio varejista especializado de tecidos e artigos de cama, mesa e banho
	4781-4	Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios
	4782-2	Comércio varejista de calçados e artigos de viagem
Comércio Atacadista	4642-7	Comércio atacadista de artigos do vestuário e acessórios
	4641-9	Comércio atacadista de tecidos, artefatos de tecidos e de armarinho
	4643-5	Comércio atacadista de calçados e artigos de viagem

Fonte: IBGE. Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0.
Elaboração: Ideies / Findes

Participação dos estados nas variáveis do setor a nível nacional

	Importação (2019)	Exportação (2019)	Empresas (2019)	Empregos (2019)	VTI (2018)
São Paulo	32,1%	12,6%	26,4%	23,3%	25,0%
Santa Catarina	34,0%	5,1%	14,4%	15,5%	19,6%
Minas Gerais	1,8%	3,5%	13,5%	10,9%	7,8%
Rio Grande do Sul	2,3%	16,6%	9,1%	11,6%	12,5%
Paraná	2,0%	4,0%	7,4%	6,3%	4,9%
Goiás	0,5%	4,5%	5,3%	2,5%	2,2%
Rio de Janeiro	2,6%	0,5%	5,2%	4,1%	4,8%
Ceará	1,9%	5,8%	4,6%	10,1%	9,4%
Pernambuco	1,3%	0,1%	3,9%	2,4%	1,5%
Bahia	0,7%	12,8%	2,3%	4,5%	4,1%
Espírito Santo	6,8%	0,1%	1,6%	1,2%	0,6%
Rio Grande do Norte	0,2%	0,5%	1,0%	1,8%	1,4%
Paraíba	0,7%	1,4%	0,8%	2,3%	2,7%
Mato Grosso	0,0%	28,5%	0,6%	0,5%	0,6%
Mato Grosso do Sul	5,6%	1,9%	0,6%	0,7%	1,3%
Piauí	0,1%	0,3%	0,6%	0,3%	0,2%
Distrito Federal	0,1%	0,0%	0,5%	0,1%	0,0%
Sergipe	0,1%	0,1%	0,5%	0,8%	0,7%
Pará	0,1%	0,5%	0,4%	0,4%	0,2%
Maranhão	0,0%	0,9%	0,4%	0,2%	0,1%
Alagoas	2,7%	0,0%	0,3%	0,1%	0,0%
Rondônia	3,0%	0,2%	0,3%	0,2%	0,1%
Tocantins	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,0%
Amazonas	1,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%
Amapá	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%
Acre	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Roraima	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%

Fontes: Funcex, Rais, PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

Participação do setor nas variáveis da indústria do estado

	Importação (2019)	Exportação (2019)	Empresas (2019)	Empregos (2019)	VTI (2018)
São Paulo	2,9%	1,5%	19,6%	11,5%	3,6%
Santa Catarina	10,6%	3,3%	27,2%	25,6%	18,4%
Minas Gerais	1,0%	0,8%	20,2%	15,1%	3,4%
Rio Grande do Sul	1,2%	5,1%	17,3%	20,6%	8,7%
Paraná	0,8%	1,4%	15,3%	11,1%	3,4%
Goiás	0,7%	3,7%	26,4%	11,6%	4,3%
Rio de Janeiro	0,6%	0,1%	22,4%	12,7%	2,0%
Ceará	4,3%	14,5%	31,0%	48,6%	31,7%
Pernambuco	1,4%	0,6%	27,1%	13,3%	3,5%
Bahia	0,6%	9,1%	13,1%	22,3%	4,5%
Espírito Santo	5,7%	0,0%	14,0%	11,1%	1,1%
Rio Grande do Norte	6,8%	7,0%	17,4%	31,7%	10,7%
Paraíba	6,5%	66,2%	16,2%	38,3%	36,1%
Mato Grosso	0,0%	9,5%	6,5%	4,7%	2,3%
Mato Grosso do Sul	12,4%	2,1%	9,9%	8,8%	4,1%
Piauí	1,1%	2,8%	15,6%	12,0%	5,8%
Distrito Federal	0,6%	1,0%	13,2%	5,4%	1,0%
Sergipe	1,0%	16,4%	18,4%	23,2%	8,2%
Pará	0,5%	0,2%	7,1%	4,4%	0,3%
Maranhão	0,0%	1,4%	10,6%	6,7%	0,6%
Alagoas	21,4%	0,0%	11,7%	1,6%	0,6%
Rondônia	16,5%	0,7%	7,5%	5,2%	3,5%
Tocantins	4,6%	0,6%	8,3%	5,1%	2,0%
Amazonas	0,6%	0,4%	5,0%	1,9%	0,2%
Amapá	0,8%	0,0%	10,2%	3,3%	0,4%
Acre	0,0%	3,3%	6,1%	5,2%	1,3%
Roraima	1,2%	0,2%	12,7%	6,9%	1,9%

Fontes: Funcex, Rais, PIA - IBGE
Elaboração: Ideies / Findes

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTERO, S. A. Articulação de Políticas Públicas a Partir dos Fóruns de Competitividade Setoriais. Revista Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 57-80, Jan./Fev. 2006.

Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção – Abit. Site. <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor> Último acesso em: 11 de nov. 2020

Associação Brasileira das Indústrias de Calçados – Abicalçados. Relatório Setorial: Indústria de Calçados do Brasil 2020. Rio Grande do Sul: Abicalçados, 2020. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/publicacoes/relatorio-setorial> Último acesso em: 11 de nov. 2020

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO S/A – Bandes. Indústria de Confecção no Espírito Santo. Vitória, 1981

CORRÊA, A. R. O Complexo Coureiro-Calçadista Brasileiro. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 14, p. 65-92, set. 2001.

COSTA, A. B.; CONTE, N. C.; CONTE, V. C. A China na cadeia têxtil – vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV). Teoria e Evidência Econômica - Ano 19, n. 40, p. 9-44, jan./jun. 2013.

FERREIRA, L. M. Poder e moda: “vestindo-se bem que mal tem?” A Mesbla Magazine e o consumo feminino capixaba na cidade de Vitória [es], 1952 A 1972. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, 2019.

FERRETTI, R. C. Competição da China: considerações sobre os impactos nas empresas de vestuário do Espírito Santo. 2006. 64 f. Dissertação (Mestrado Administração de Empresas) – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças – Fucape, Vitória, 2006.

FUJITA, M.; JORENTE, M. J. V. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. ModaPalavra e-Periódico vol.8, n.15, jan./jul.2015

Inteligência de Mercado – IEMI. Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. São Paulo. V. 19, n. 19, nov. 2019, p. 1-196.

KON. A.; COAN, D. C. Transformações da indústria têxtil brasileira. Revista de Economia Mackenzie, Ano 3, n. 3, p. 11-34, jun. 2009.

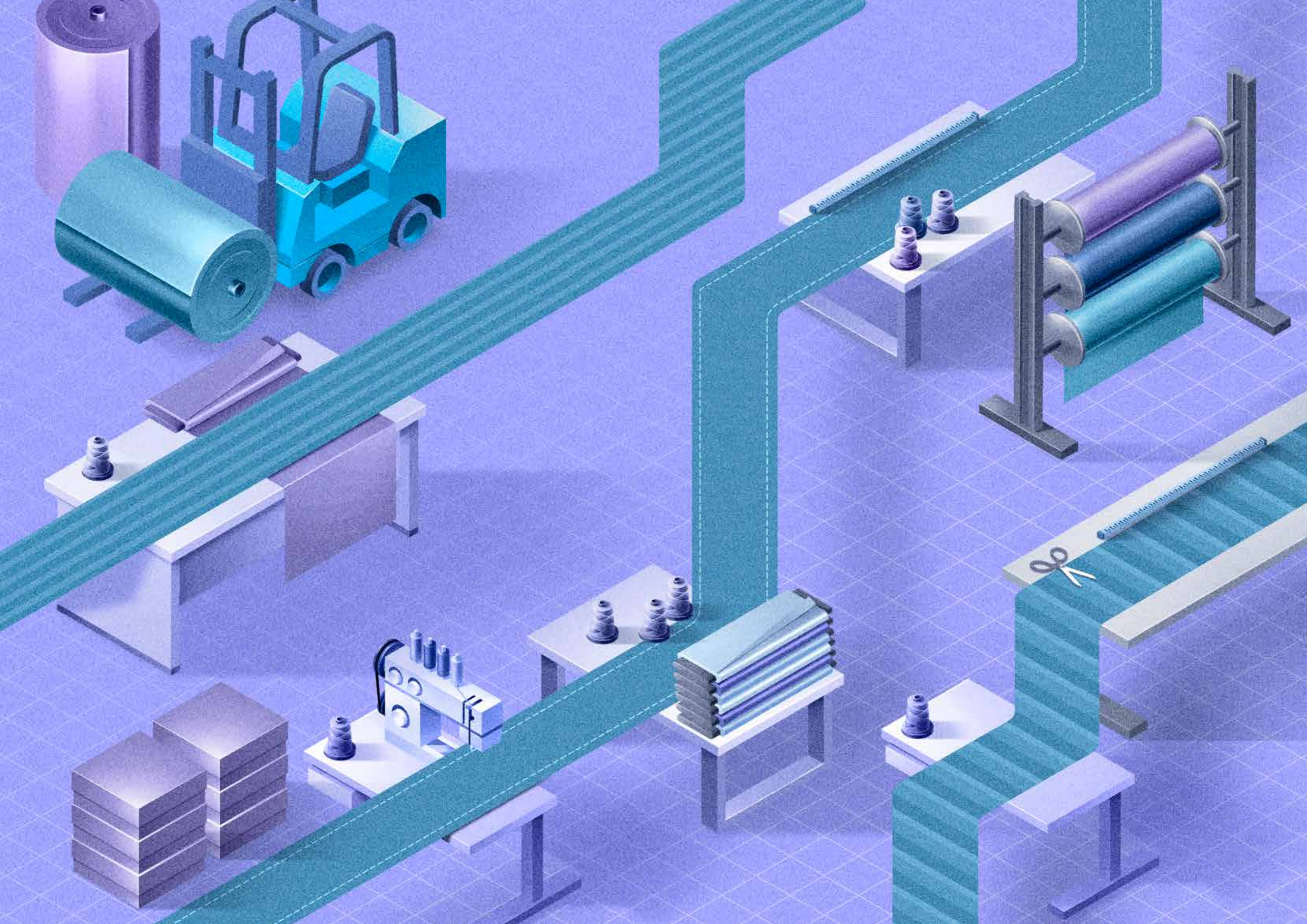
MENDONÇA, D. P.; SALGUEIRO, A. S.; ROGÉRIO G. O efeito do fim do Acordo sobre Têxteis e Vestuários para a indústria brasileira: uma análise a partir da fronteira de produção estocástica. Revista Brasileira de Inovação, Campinas (SP), 12 (2), p. 283-310, julho/dezembro 2013.

ROCHA, H. C.; MORANDI, A. M. Cafeicultura e Grande Indústria. Vitória: Espírito Santo em Ação, v. 2, 173 p., 2012.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Boletim de Tendência – Moda. Disponível em: <https://sebrae-inteligenciasetorial.com.br/setores/moda/boletins-de-tendencia>. Último acesso em: 04 mar. 2020.

Textile Exchange. Preferred Fiber & Materials – Market Report 2020. Disponível em: <https://store.textileexchange.org/> . Último acesso em: 11 nov. 2020.

VILAÇA, A.; DADALTO, M. C. Confecção da Memória: Uma História da Indústria do Vestuário de Colatina. Vitória: Ed. Espírito Santo. SINVESCO, Sindicato das Industrias do Vestuário de Colatina, 2001





FINDES **SESI** **IDEIES**
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA PELO FUTURO DO TRABALHO

www.portaldaindustria-es.com.br
   @observatoriosideies